

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP**

Rosangela Xavier dos Anjos

Variante nordestina na Educação de Jovens e Adultos: a visão do aluno

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO

2008

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP**

Rosangela Xavier dos Anjos

Variante nordestina na Educação de Jovens e Adultos: a visão do aluno

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Mercedes Fátima de Canha Crescitelli.

SÃO PAULO - SP

BANCA EXAMINADORA

Para Carlos Alberto Marques da Silva, a minha tradução da palavra amor; pelo incentivo, desde o primeiro momento; pelo apoio, nos momentos mais difíceis; pelo orgulho, nos momentos de vitória e pelo companheirismo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar sempre comigo em todos os momentos.

Aos meus pais, aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos que sempre me apoiaram.

À Profa. Dra. Mercedes Fátima de Canha Crescitelli, orientadora, pela atenção e pelo trabalho de orientação.

À Profa. Dra. Zilda Gaspar Oliveira Aquino e ao Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento, pelo estímulo, dedicação e contribuições preciosas no exame de qualificação.

Aos professores doutores do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa pelos conhecimentos transmitidos e pela vivência partilhada.

À Maria de Lourdes Scaglione, secretária do Programa, por ser sempre prestativa e amável.

Aos alunos da E.E. Margarida Maria Alves que colaboraram como informantes desta pesquisa.

Aos amigos Eliana Maria de Jesus e Valter Pinheiro Rodrigues pela amizade e pela preciosa convivência.

A todos aqueles que contribuíram diretamente ou indiretamente para a realização deste trabalho, em especial, Ana Lúcia Rocha da Silva, Maria dos Anjos Menchon, Miriam Ferreira Lima Justino, Nemias Mota e Sandra Miriam Marques da Silva.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Rosangela Xavier dos Anjos

Variante nordestina na Educação de Jovens e Adultos: a visão do aluno

RESUMO

Nesta dissertação propomo-nos apresentar, numa visão Sociolingüística, as teorias contemporâneas relativas à Variação lingüística, tendo como abordagem a variante nordestina falada pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (E.J. A.).

A pesquisa tem como amostra para investigação as entrevistas concedidas pelos alunos nordestinos e como proposta observar o vocabulário nordestino como meio de expressão da cultura e dos costumes da Região Nordeste. O objetivo principal é o de verificar o tratamento dado à variante nordestina em sala de aula, observadas pela perspectiva do aluno.

Para a realização da pesquisa, adotamos a metodologia entrevista, com o intuito de coletar dados elucidativos para o presente estudo. O trabalho de campo é efetuado por meio de gravação de entrevistas individuais com alunos nordestinos da E.J.A.

Verificamos, por meio da pesquisa, que na E.J.A. há uma peculiaridade e riqueza lingüística, sobretudo, no que diz respeito à imigração de pessoas de diferentes estados do Nordeste. A variante nordestina faz parte de uma realidade lingüística, sendo, pois, passível de estudo, por se fazer presente nos mais diferentes contextos escolares.

Palavras-chave: Sociolingüística, Variação lingüística, variante regional, preconceito lingüístico e vocabulário nordestino.

ABSTRACT

The purpose of this work is to present, under a Sociolinguistic point of view, contemporary theories regarding linguistic variation, having the Brazil northeastern variant as spoken by the students of “Educação para Jovens e Adultos” school (E.J.A.).

The research has as sample to investigation, interviews given by Brazil northeastern students and its proposal is to observe the northeast vocabulary as a way of expression of the northeast culture and customs. The main objective is to verify the treatment given to the northeastern variant on classroom, as seen from the student’s perspective.

To meet the ends of this research, the interview method was chosen, aiming at getting elucidative data to the present work. The field task is performed by means of recording individual interviews with the E.J.A’s northeastern students.

It was verified, through the research, that there is a linguistic richness and peculiarity on E.J.A, most of all, as regards to people immigration from Brazil northeastern different states. The northeast variant is part of a linguistic reality, being in that way, an object of study, because it is present at the most different scholarship contexts.

Key-words: Sociolinguistic, linguistic variation, regional variant, linguistic prejudice, northeastern vocabulary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - SOCIOLINGÜÍSTICA E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA.....	6
1.1. Língua e sociedade.....	7
1.2. Dicotomia Lingüística Estruturalista x Sociolingüística	10
1.3. Surgimento da Sociolingüística e seus pressupostos	12
1.4. Norma lingüística	17
1.5. Variação lingüística	22
1.5.1. Variante lingüística diatópica e vocabulário regional	29
1.6. Preconceito e desvalorização lingüística	36
CAPÍTULO II- VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	42
2.1. Variação lingüística e processo educacional.....	43
2.1.1. Papel do professor de língua materna.....	47
2.1.2. Ensino da norma-padrão, ensino com base em estudos sociolingüísticos e oralidade	50
2.2. Educação de Jovens e Adultos (E.J.A.).....	56
2.2.1. Perfil do aluno da E.J.A.....	60
2.3. Movimento migratório em São Paulo	62
CAPÍTULO III - VARIANTE NORDESTINA NA SALA DE AULA DA E.J.A.....	67
3.1. Amostra.....	68
3.1.1. Entrevista	70
3.2. Análise.....	74
3.2.1. Ocorrência do vocabulário nordestino em sala de aula da E.J. A.	75
3.2.2. Tratamento dado à variante nordestina, na visão do aluno, em sala de aula	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS.....	112
Anexo A – Normas para transcrição.....	113
APÊNDICE	114
Apêndice A - Transcrição das entrevistas.....	115
Apêndice B - Lista de palavras	141

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1	Variedades lingüísticas	28
Quadro 2	Léxico e vocabulário.....	34
Quadro 3	Condições de produção das línguas falada e escrita	54
Quadro 4	Migração por regiões - Brasil.....	63
Quadro 5	Migração dos Estados do Nordeste em direção a São Paulo	64
Quadro 6	Informantes	69

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa situa-se na área de Língua Portuguesa, especificamente na linha de pesquisa *Texto e discurso nas modalidades oral e escrita* do Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e tem como tema a variante lingüística nordestina falada pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (E.J.A.) do Ensino Médio, em uma escola pública estadual da Diretoria Sul II, localizada na zona sul da cidade de São Paulo.

O interesse pelo tema surgiu nas atividades docentes, em que verificamos a riqueza da variação lingüística no cotidiano escolar e percebemos que a língua adquirida pelo aluno junto ao seu meio regional é rica para expressar a cultura e os costumes de determinada região e, portanto, para ser trabalhada em sala de aula.

Pesquisas na área da variação lingüística voltadas para a fala do aluno são relevantes, pois permitem discutir questões significativas, como a variedade e o preconceito lingüístico. Desse modo, com este trabalho pretendemos oferecer contribuições para a área do ensino da língua materna, para os estudos lingüísticos em Língua Portuguesa e para a sociedade em geral, pois discutimos a variedade lingüística como uma realidade que está presente em todos os contextos sociais, em especial, na escola.

Os trabalhos realizados que discutem a variação lingüística na escola tais como *As crianças eram difíceis* (Franchi, 1987) e *A linguagem da vida, a linguagem da escola: inclusão ou exclusão* (Mota, 2001), entre outros, estão, geralmente, pautados na análise da variante lingüística, na percepção do professor. Nesta pesquisa, no entanto, preocupamos-nos em observar o tratamento dado às variantes da língua na sala de aula, considerando a visão do aluno. Para isso, buscamos realizar um estudo empírico, registrando a variante do aluno proveniente da Região Nordeste.

Reconhecendo a heterogeneidade e a peculiaridade lingüística das variantes dos alunos, este trabalho consiste em responder ao final desta pesquisa à seguinte questão: *Qual a visão do aluno migrante em relação ao tratamento dado em sala de aula de Língua Portuguesa à variante nordestina usada por ele?*

Pretendemos observar o vocabulário nordestino como variante lingüística com base no referencial teórico selecionado, especificamente, referente aos pressupostos da Sociolingüística, cujo objeto de estudo é a variação lingüística. A Sociolingüística trata da relação entre língua e sociedade numa perspectiva empírica e heterogênea e é essencial para se conhecer o processo contínuo da mudança e da variação lingüística.

Os estudos sociolingüísticos podem desempenhar papel fundamental no ensino de Língua Portuguesa, visto que, por meio deles, é possível transformar a sala de aula num ambiente de aprendizagem capaz de proporcionar o desenvolvimento de atividades lingüísticas diversificadas. Desse modo, a Sociolingüística pode fornecer à educação contribuições importantes no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa e aos diferentes usos lingüísticos que estão presentes no ambiente escolar. Os estudos sociolingüísticos podem proporcionar, ainda, a oportunidade de trabalhar e conhecer a diversidade social do aluno, partindo, por exemplo, da variedade lingüística que ele traz internalizada do seu meio social e regional. Tais estudos permitem explicar as variedades culturais e as manifestações lingüísticas de determinadas comunidades.

Sobre isso, Calvet (2002: 15) afirma que *“partimos de uma análise da língua que nos permite dizer algo da sociedade, partimos de uma análise da sociedade que nos permite compreender a língua”*. No presente estudo, propomo-nos a verificar, com base em uma pesquisa realizada com os alunos nordestinos da E.J.A., se a variante regional é objeto de estudo nas aulas de Língua e como são recebidas e tratadas essas variantes no contexto escolar.

Optamos pela E.J.A. por entendermos que nela ocorre expressiva diversidade lingüística, dada a presença de diferentes grupos. Nesse ambiente escolar, convivem indivíduos de ambos os sexos, de distintas faixas etárias, de diversas “tribos”¹ e de diferentes regiões do país. Esses indivíduos trazem consigo a cultura e o vocabulário de seu grupo e de sua região. A E.J.A., portanto, pela diversidade do seu público, é

¹ Tribo, segundo o dicionário Houaiss (2001:2765), é um grupo de pessoas com ocupações ou interesses comuns.

um campo particularmente especial para o desenvolvimento de pesquisas de natureza sociolingüística.

Trabalhamos com a língua falada porque ela permite observar com maior precisão as variadas circunstâncias de utilização da língua - por mais que a escrita possua, também, grande relevância nos estudos sociolingüísticos - já que, por meio daquela, os indivíduos deixam registradas marcas de variação tanto social quanto regional. Tratamos da variação lingüística relacionada ao nível lexical, mais precisamente, do vocabulário. Embora a fonologia, representada pela tonicidade e pelo sotaque, seja uma marca identificadora da variante regional, neste trabalho ela não será considerada em razão de este estudo estar delimitado ao vocabulário.

Para a concretização da pesquisa, foram realizadas entrevistas, com o objetivo de coletar dados. O trabalho de campo foi efetuado por meio de gravação de entrevistas individuais com alunos nordestinos da E.J.A. A pesquisa ocorreu em dois momentos distintos: o primeiro, de elaboração de roteiro de perguntas e de gravação e transcrição das entrevistas e o segundo momento, de organização das entrevistas concedidas e de análise dos dados coletados à luz da fundamentação teórica selecionada.

A amostra sobre a qual a análise se apóia é composta por treze entrevistas com alunos nordestinos matriculados entre a primeira e a terceira séries do ensino médio da E.J.A. Esses alunos têm entre 18 e 47 anos, são de ambos os sexos e pertencem a distintos Estados do nordeste brasileiro. Nas entrevistas, eles expuseram as peculiaridades do vocabulário daquela região e relataram como, segundo o seu ponto de vista, a variante nordestina é vista e tratada nas aulas de Língua Portuguesa.

Sabemos que, em virtude da diversidade dos alunos da E.J.A., seria possível realizar uma análise sociolingüística mais ampla, abordando, por exemplo, as diferenças relacionadas à idade ou ao gênero. Todavia, nesta pesquisa, adotamos como objeto de análise a própria variante regional, pois entendemos que, embora ela

seja um elemento lingüístico muito expressivo, não é suficientemente trabalhada em pesquisas sociolingüísticas.

Esta dissertação apresenta-se dividida em três capítulos, além da introdução, das considerações finais, dos anexos e apêndices.

No capítulo I, conceituamos língua e situamos historicamente os estudos em Sociolingüística e o seu desenvolvimento. Adotamos para a fundamentação teórica principalmente os estudos de Bright (1974). Procuramos mostrar, ainda, a distinção entre os estudos estruturalistas e os estudos sociolingüísticos, com base em Sausurre (1916) e Labov (1972). Em seguida, mostramos as correntes sociolingüísticas. Nessa etapa, também conceituamos *norma*, *variação lingüística*, dando destaque aos estudos relacionados à variação diatópica e ao preconceito lingüístico.

No capítulo II, tratamos de questões relacionadas ao contexto escolar. Com base nos estudos sociolingüísticos, abordamos a presença das variantes lingüísticas na sala de aula e a postura do professor de língua materna diante delas. Além disso, recorreremos à definição de Educação de Jovens e Adultos, sua constituição, seu objetivo e ao perfil dos alunos matriculados nesse curso. Por fim, realizamos uma breve contextualização da migração de nordestinos para a cidade de São Paulo, procurando mostrar, por meio de tabelas estatísticas, o número de nordestinos que mora em São Paulo.

No capítulo III, explicitamos a análise qualitativa da amostra e a interpretação dos resultados obtidos, para verificar como as variantes nordestinas são vistas no contexto escolar. Para isso, abordamos os seguintes tópicos: ocorrência do vocabulário nordestino em sala de aula da E.J.A. e o tratamento dado à variante nordestina, na visão do aluno, em sala de aula.

Nos anexos e apêndices, encontram-se as normas de transcrição, as transcrições das entrevistas e a lista dos vocábulos utilizados pelos informantes, durante as entrevistas, com seus respectivos sinônimos, classe morfológica e localidade de uso.

CAPÍTULO I

SOCIOLINGÜÍSTICA

E

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Neste capítulo, são discutidas questões relativas à língua em uma visão social. São tratados os estudos relacionados à Sociolingüística, iniciando-se por uma breve contextualização a respeito de seu surgimento e suas correntes de pesquisa, e são abordados os conceitos de *norma*, *variação lingüística* e *variação diatópica*. Discutimos, ainda, as concepções de *preconceito* e *desvalorização lingüística*.

1.1. Língua e sociedade

A língua é um meio de interação e um instrumento social que varia de acordo com as necessidades sociais dos indivíduos, estando em constante mudança, conforme as necessidades humanas. Faz parte das atividades de qualquer ser humano e, conseqüentemente, da sociedade, sendo elemento imprescindível para o indivíduo e para o grupo ao qual pertence, pois não há língua sem uma sociedade e nem sociedade sem uma língua. A língua é, sem dúvida alguma, *“a expressão mais característica de um comportamento social, sendo, por isso, impossível separá-la de suas funções sócio-interacionais”* (Camacho, 2001: 55).

Ela pode ser compreendida como um conjunto estruturado de normas sociais que funciona como um elemento essencial de interação entre os indivíduos. A língua não existe sem as pessoas que a empregam, e a história de uma língua é a história de seus falantes. Ela se torna o meio de contato com o mundo que nos cerca. Conforme afirma Benveniste (1976: 27), *“é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”*. Nessa perspectiva, evidentemente, não podemos considerar que a língua seja apenas um instrumento de comunicação. Ela é mais do que isso: é um meio para estabelecer e manter relacionamentos com as outras pessoas.

A língua não é um produto; pelo contrário, ela é a base da relação entre os indivíduos. Desempenha papel preponderante na sociedade, pois é um elo entre o ser humano e a sociedade em que ele está inserido. É por meio dela que as pessoas se

comunicam e interagem entre si. Tal posição é reforçada em Stallin (*apud* Elia, 1987: 69):

A língua não é um produto desta ou daquela base, de uma base velha ou nova, dentro de uma determinada sociedade, mas do inteiro curso da história da sociedade e da história das bases por séculos e séculos. Foi criada não por uma classe, mas por toda a sociedade, por todas as classes da sociedade, pelos esforços de centenas de gerações. Foi criada para satisfazer as necessidades não de uma só classe, mas de toda a sociedade, de todas as classes da sociedade.

Assim, não há como negar que a língua é uma das propriedades do patrimônio social de um indivíduo. Ela existe para satisfazer as necessidades do ser humano, pois o relacionamento do homem com a língua é indispensável para a sobrevivência humana.

Ela não é apenas uma representação do coletivo; é uma verdadeira instituição social, um sistema de signos que representa o pensamento, as idéias e as emoções. É por meio dela que o indivíduo constrói a sua relação com os outros, concretizando as suas necessidades de ver e representar o mundo. A língua é um sistema coeso e dinâmico, não abstrato; pelo contrário, a língua é essencialmente concreta, tão concreta quanto os indivíduos que a falam. Nesse contexto, deve ser vista dentro da realidade histórica, cultural e social em que vive o ser humano.

Como a língua acompanha a evolução da sociedade, ela reflete os padrões de comportamento que variam de acordo com o tempo e com o espaço. Em razão disso, falamos em variação e mudança lingüística. A variação lingüística, tema de nossa pesquisa, diz respeito aos diferentes usos da mesma língua. Já a mudança lingüística é o contínuo processo de modificação da língua. A língua muda constantemente, acompanhando as transformações da sociedade, recebendo a pressão de fatores extralingüísticos. No entanto, a mudança não a desestrutura. Ela ocorre pela reconstrução, pela renovação da língua e assegura sua continuidade e funcionamento. A mudança é inevitável em qualquer língua, podendo ocorrer de acordo com as particularidades históricas e culturais e pelo contato com outros idiomas.

As considerações apresentadas em relação à concepção de língua nos levam a entender que ela é incontestavelmente uma parte integrante da sociedade, no sentido de que é um meio de interação adquirido pelos indivíduos no convívio social. Estudá-la significa, pois, analisar os processos de interação da sociedade que a usa.

Porque a língua é uma atividade social, língua e sociedade são duas realidades que se relacionam e os fatores sociais que influenciam a língua são passíveis de investigação científica.

A Sociolingüística é uma ciência que investiga o grau de variabilidade e mutabilidade da língua numa determinada comunidade lingüística. Ela analisa os aspectos sociais com o objetivo de compreender a estrutura das línguas e seu funcionamento.

Melo (1988: 6) nos faz compreender que a Sociolingüística, uma das subáreas da Lingüística, estuda a língua em uso no seio da comunidade:

A sociolingüística é um novo campo interdisciplinar da pesquisa lingüística. Estuda a maneira como a linguagem se relaciona com a sociedade e a sua cultura, procurando demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social. As diversas disciplinas que constituem a sociolingüística contribuíram para a reformulação da distinção entre língua-fala e contribuíram, sobretudo, para dar a esta distinção uma significação nova e funcional.

Os estudos sociolingüísticos estão voltados para um tipo de investigação que correlaciona aspectos lingüísticos e sociais. Essa ciência se faz presente num espaço interdisciplinar: língua e sociedade, abordando os usos lingüísticos empíricos, em especial de caráter heterogêneo.

A Sociolingüística preocupa-se, ainda, em investigar a presença da variação no uso da língua e integrar as consideradas “diferenças lingüísticas”. Além do mais, um dos seus objetivos é fazer reconhecer a língua das classes menos favorecidas, a fim de contribuir para a extinção do preconceito lingüístico, apontando para as diferenças sociais que se explicitam por meio do uso lingüístico. Ela procura ilustrar situações

reais e contemporâneas, pois seus estudos mostram que a língua é vista como um instrumento de poder e *status*, além de uma marca da divisão de uma sociedade.

1.2. Dicotomia Lingüística Estruturalista x Sociolingüística

A ciência da linguagem, conhecida como Lingüística, surgiu no século XX. Até então o que havia era o estudo assistemático dos fatos da língua, de caráter normativo e prescritivo, de origem filológica. A filologia tratava do saber lingüístico; não era propriamente uma ciência, mas um estudo sobre a língua por meio de documentos e de textos legados por ela, privilegiando a produção escrita e literária como fonte de estudos. Os filólogos, como eram conhecidos os estudiosos da língua, estudavam os textos numa língua morta e tratavam apenas da comparação de textos escritos. A língua era vista numa dimensão finita, sem variação.

Surgiu, então, o Estruturalismo, com o Curso de Lingüística Geral, conhecido também como a Lingüística Estrutural de Saussure (1916). O Estruturalismo baseava-se no princípio de que a língua é uma estrutura e, portanto, devia ser estudada numa perspectiva abstrata. Ele não estava pautado na dimensão social da língua, dedicando-se apenas ao funcionamento interno do sistema lingüístico. Além disso, seus estudos não estavam direcionados a quaisquer situações extralingüísticas, que poderiam sugerir algum tipo de variação. O Estruturalismo, assim como a filologia², tendia a analisar a língua numa visão homogênea, de modo que conceitos como *variação lingüística*, *comunidade lingüística*, *valores culturais*, *interação* e *mudança lingüística* não eram considerados.

Quando Saussure se referia à língua como instituição social, na verdade, ele queria dizer que a língua é elaborada pela comunidade, portanto, é somente nessa comunidade que ela é social. Para Saussure, o termo *social* não estava relacionado à

² Embora os estudos estruturalistas e a filologia apresentem um caráter restrito quanto aos estudos desenvolvidos, ambos tiveram contribuição importante como base de apoio para as investigações científicas contemporâneas.

variação, mas ao compartilhamento de normas dos membros de uma sociedade. Monteiro (2000: 13) explica que os procedimentos do Estruturalismo se baseavam no entendimento de que

a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade lingüística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura lingüística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralingüísticos.

Desse modo, observamos que o Estruturalismo é um modelo insuficiente para o entendimento amplo dos fenômenos da língua, uma vez que, de acordo com a própria acepção de Saussure (1916), a língua é considerada em si mesma e por si mesma. Ela é reduzida à mera forma e nela não se encontra lugar para o social. Como o próprio nome refere, está vinculado à estrutura, ou seja, é um modelo que impõe uma limitação à língua, já que considera somente o seu aspecto interno e recusa uma lingüística externa voltada para a sociedade.

Para a teoria saussureana, o objeto único de pesquisa era a língua vista como um sistema homogêneo e uniforme. Essa teoria não estava preocupada em investigar as atitudes dos falantes e, sobretudo, não estava interessada em reconhecer os elementos extralingüísticos que determinam a variação lingüística.

Já a Sociolingüística considera a língua como um ato social que varia de acordo com as classes sociais, buscando observá-la em dimensões reais e humanas. Além disso, seus estudos estão direcionados à fala. Para os sociolingüistas, a fala é de natureza social e não individual, pois está ligada diretamente às estruturas sociais. Ela é o centro das transformações lingüísticas e representa a interação real.

Para sintetizar as idéias básicas que diferem os estudos estruturalistas dos sociolingüísticos, é importante informar que a primeira concepção de língua relacionada à sociedade surgiu em 1921 com o francês Antoine Meillet. Embora tenha sido um discípulo de Saussure, Meillet foi o primeiro a propor uma lingüística geral de

base sociológica, em que a língua é considerada um fato eminentemente social que, portanto, não existe fora dos sujeitos que a falam. Ainda na visão desse pesquisador, a estrutura social é determinante nos fatos lingüísticos, havendo, pois um elemento que provoca variações: a estrutura da sociedade.

Como pudemos verificar, na época de Saussure, alguns estruturalistas já percebiam a relação entre língua e sociedade; entretanto, não desenvolveram nenhum estudo que pudesse comprovar essa relação. Meillet foi o primeiro a mostrar o caminho, mas só após muitos anos surgiram os sociolingüistas para sistematizar tais estudos. Mesmo sendo o pioneiro dessa percepção, não podemos considerá-lo um sociolingüista.

1.3. Surgimento da Sociolingüística e seus pressupostos

A Sociolingüística é uma disciplina que nasceu em 1964 durante um congresso na *Universidade da Califórnia* na cidade de Los Angeles (UCLA). Nesse evento, reuniram-se vários pesquisadores que tiveram uma preocupação em comum: discutir as implicações teóricas e práticas do fenômeno lingüístico na sociedade norte-americana.

Bright (1974), organizador e relator do encontro, responsável pelo texto introdutório do congresso, revela que uma das tarefas da Sociolingüística é esclarecer a covariação sistemática das variações lingüística e social, além de relacionar as variações lingüísticas observáveis em uma comunidade com as diferenciações existentes na estrutura social dessa mesma sociedade.

Bright (1974) propõe que os estudos sociolingüísticos sejam divididos em três dimensões: sincronia e diacronia, usos lingüísticos e diferenças dialetal e social³. O mesmo autor sugere, ainda, a distinção de três fatores essenciais que condicionam a variedade da língua: identidade social do falante, identidade social do destinatário e contexto. A identidade social do falante está relacionada às diferenças de fala, as quais se correlacionam com a estratificação social do próprio falante; a identidade social do destinatário está relacionada à adequação da fala e o contexto está ligado à situação em que se processa a interação.

Após a realização do Congresso, inúmeros estudos (Bright, 1974; Fishman, 1974; Labov, 1972) foram desenvolvidos, com o objetivo de discutir questões sociais nos estudos da língua. Neles, é possível notar a preocupação em evidenciar a necessidade de se pensar a língua em sua estreita relação com o indivíduo e com o contexto social.

Bright (1974) um dos mais importantes pesquisadores no campo da Sociolingüística, estuda a diversidade/uniformidade de uma mesma língua, condicionada por fatores extralingüísticos. Fishman (1974), por sua vez, é o pesquisador que mais vem se dedicando à *Sociologia da Linguagem*, a qual, segundo ele, examina a interação entre dois pontos de vista: o uso da língua e a organização social da conduta. Ela se ocupa, portanto, do aspecto total dos temas relacionados à organização social do comportamento lingüístico, incluindo não somente o uso lingüístico, mas também as mesmas atitudes e os comportamentos explícitos com relação à língua e seus usuários.

Já Labov (1972) é consensualmente considerado o iniciador e o representante mais expressivo dos estudos sociolingüísticos que dão ênfase à corrente variacionista. Em suas pesquisas, elabora testes de investigação que relacionam fatores sociais e variantes lingüísticas. Seus estudos quantitativos, como eram chamados, iniciaram

³ Temas que serão devidamente discutidos no decorrer da pesquisa.

uma nova fase da Sociolingüística e contribuíram para o crescimento de pesquisas relacionadas à variação lingüística.

A Sociolingüística, como disciplina da Lingüística, discute as funções sociais da língua e enfoca a variação lingüística como objeto de estudo. A fim de compreendermos como se dá o estudo da Sociolingüística, recorreremos a seus construtos teóricos. Segundo Calvet (2002: 32), ela trata da “*evolução da linguagem no contexto social formado pela comunidade lingüística*” e seu objetivo é sistematizar a variação existente na língua.

A Sociolingüística procura descrever, principalmente na língua falada, os diferentes contextos e as mais variadas circunstâncias de uso da língua. Alkmim (2001: 31) de maneira objetiva assegura:

O objeto da Sociolingüística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade lingüística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos.

Assim, a Sociolingüística tem como objetivo maior o estudo da variedade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala. Para essa ciência, a variação da língua é um pressuposto fundamental que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento lingüístico.

Em relação aos seus métodos de estudos, é indispensável a contribuição de Encrevé (*apud* Preti, 2003a: 21), que afirma:

A Sociolingüística quer estudar a língua utilizada na comunidade lingüística, a língua no seu uso cotidiano, e seu método consiste em gravar os falares nas situações comuns de diálogo. Os dados assim obtidos apresentam, naturalmente, uma grande heterogeneidade, mesmo quando o grupo estudado é pouco numeroso e relativamente homogêneo; a Sociolingüística sustenta que a heterogeneidade pertence à própria estrutura da língua se detém em demonstrar a sistematicidade das diferentes variações constatadas (variações sociais, variações estilísticas,

variações inerentes), isto é, a possibilidade de as descrever sob a forma de regras.

Como podemos depreender, a Sociolingüística analisa as variações da língua em relação às questões sociais e seus métodos de estudos estão voltados, principalmente, a dados obtidos por meio de gravações, nos quais se observa cada grupo social ou regional em relação à heterogeneidade e à peculiaridade das variantes.

Os estudiosos, focalizando as variações ocorridas na língua, desenvolveram correntes teóricas que procuravam criar discussões em torno da diversidade da língua. Essas correntes que tangem a língua e a sociedade podem ser divididas em três áreas distintas: *Sociologia da Linguagem*, *Sociolingüística Interacional* e *Sociolingüística Variacionista*.

A Sociologia da Linguagem é um ramo das Ciências Sociais que busca entender os sistemas lingüísticos apenas como um instrumento em relação às instituições sociais, uma vez que ela não tem como foco a língua, mas a sociedade e quem atua nesse ramo específico é o sociólogo. A Sociolingüística, por sua vez, pode ser estudada numa perspectiva *interacional* ou *variacionista*.

A visão *sociointeracionista* ocupa-se em tratar da fala e da escrita considerando o contexto interacional entre os interlocutores. A esse respeito, Marcuschi, (2004: 33) explica:

A perspectiva interacionista preocupa-se com os processos de produção de sentido tomando-os sempre como situados em contextos sócio-historicamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais. Não toma as categorias lingüísticas como dadas a priori, mas como construídas interativamente e sensíveis aos fatos culturais. Preocupa-se com a análise dos gêneros textuais e seus usos em sociedade. Tem muita sensibilidade para fenômenos cognitivos e processos de textualização na oralidade e na escrita, que permitem a produção de coerência como uma atividade do leitor/ouvinte sobre o texto recebido.

Assim, podemos verificar que fala e escrita são tratadas dentro de uma perspectiva dialógica. Nessa visão interacionista, ambas têm grande relevância para os estudos sobre a diversidade da língua; não são óbvias e nem lineares e refletem o constante dinamismo que se manifesta entre elas.

A Sociolingüística Interacional investiga, ainda, a natureza dialógica da comunicação humana, especificamente, a interação face a face. Esse modelo sociolingüístico está ligado aos usos estratégicos, ao envolvimento e à situacionalidade, que envolvem os falantes. Assim, ao analisar a interação social, é possível perceber a conduta dos interlocutores e o contexto de fala, porque tanto falante quanto ouvinte têm papéis ativos na interação. A língua, nessa perspectiva, é vista como fenômeno interativo e dinâmico.

A visão *variacionista*, por sua vez, orienta-se por uma concepção de língua como sistema socialmente determinado: um sistema heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada às alterações dos padrões culturais da comunidade de fala. Opõe-se, assim, à concepção de língua como sistema homogêneo e autônomo que se impõe unitariamente a todos os falantes da comunidade lingüística.

Segundo Preti (2004), a Sociolingüística, em particular por meio dos métodos variacionistas, comprovou estatisticamente inúmeras características dos falantes, surpreendidos e gravados em situações de comunicação diversas, para justificar como as características exteriores ao ato falado (a faixa etária, o grau de escolaridade do falante, por exemplo) podem explicar um sem número de variações presentes na língua falada.

Esse modelo teórico-metodológico, originado nos trabalhos de Labov (1972) no início da década de sessenta, passou a ser chamado também de Sociolingüística quantitativa. Seus estudos têm por objetivo identificar as razões e os fatores que contribuem para a variação lingüística, razão pela qual trabalha com números e tratamento estatístico de dados coletados. Além disso, centra suas teorias na fala de

um ponto de vista social e não individual e solitário. Estuda, assim, a heterogeneidade manifestada na fala e analisa a língua no contexto social.

Ao desenvolver estudos em inúmeras comunidades de fala, Labov (1972) busca confirmar, por meio da pesquisa quantitativa, que a língua está em constante mutação, comprovando, assim, a sua heterogeneidade. Tratando da incidência dos elementos pertencentes à herança social nas estruturas lingüísticas, o autor assegura que, para estudarmos o componente social da língua, é preciso observar cada indivíduo. No entanto, ressalta que o aspecto individual somente poderá ser analisado no confronto da língua com seu contexto social.

As pesquisas por ele desenvolvidas foram dedicadas a detectar as variações de usos da língua numa perspectiva social. Além disso, trouxeram importante contribuição para o estudo da variedade lingüística, ao discutirem a variação como fenômeno essencial dentro de um sistema lingüístico dinâmico.

Em síntese, vimos que a Sociolingüística é uma disciplina que estuda os fenômenos da variação da língua no seu contexto social. E a variação da língua se explica de acordo com sua relação com a norma lingüística. Por essa razão, antes de abordar o fenômeno da variação, necessitamos apresentar e discutir os conceitos de *norma* e *uso*.

1.4. Norma lingüística

É incontestável que na sociedade há a predominância de certos padrões de referência norteadores do modo de expressar dos indivíduos no âmbito de uma comunidade. Entendemos que esses padrões comportamentais atuam em dimensões distintas: uma que proporciona a uniformidade da língua e outra que favorece a existência de variações dos grupos sociais. Com base nessa relação, Coseriu (1979)

apresenta um modelo com três elementos essenciais para os estudos lingüísticos: sistema/norma/fala, entre os quais há oposição.

O *sistema* é considerado um ideal lingüístico, uma língua de prestígio, totalmente separada do uso, o que equivale ao “*langue*” proposto por Saussure. O sistema é formado por invariantes que constituem oposições funcionais. Dele, excluem-se as variantes facultativas e combinatórias, restando somente o que é pertinente do ponto de vista funcional. Nessa visão, podemos considerar que o sistema é constituído de um conjunto de regras, assim, os elementos desse conjunto existem em função do sistema. Nessa perspectiva, tudo o que não se inscreve no conjunto ou não estiver de acordo com as regras pode não pertencer a ele.

O conceito de *norma* pode ser abordado em diversas perspectivas, de tal modo que consideramos pertinente conhecê-las. Para tanto, serão aqui consideradas as posições de Coseriu (1979), Rey (*apud* Leite, 2005) e Aléong (*apud* Leite, 2005), assim como as explicações de Leite (2005).

A norma traz elementos do sistema e possui prestígio na sociedade. No entanto, ela é variável, segundo os limites da comunidade. Nas palavras de Coseriu (1979: 74), “*a norma é um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade*”. Como os outros elementos sociais, possui caráter dinâmico, o que significa a presença de vários tipos de normas em uma mesma comunidade.

Já segundo Rey (*apud* Leite, 2005:187), a norma é pragmática, ou seja, estrutura-se na concepção da língua em uso. Assim, a norma pode ser vista em três dimensões: objetiva, prescritiva e subjetiva. A norma objetiva revela que cada grupo social possui sua norma e, assim, o número de normas pode variar conforme o número de grupos. A prescritiva, por sua vez, tem por objetivo impor o uso voltado para a língua literária, portanto possui maior prestígio social e é ensinada na escola. E, por

fim, a subjetiva que é considerada como ideal lingüístico, aquela que os indivíduos almejam alcançar.

Leite (2005: 193) explica:

*A diferença dessa teoria (Rey) em relação à anterior (Cosériu) reside, por exemplo, no reconhecimento da existência de normas lingüísticas (no plural) e não somente da norma (no singular), como Eugênio Cosériu explicou no texto clássico 'Sistema, norma e fala'. **É bem verdade que o mérito de Cosériu foi introduzir, mais claramente, a noção de norma lingüística, posicionando-a como o filtro social da língua, o que veio a deixar mais entendida a noção da língua como uma instituição social.*** (grifo nosso)

Conforme as considerações da autora, entendemos que Rey (*apud* Leite, 2005) trata a norma na multiplicidade, o que é uma contribuição importante, mas que é Cosériu (1979) que esclarece que a norma é elemento social da língua.

Aléong (*apud* Leite, 2005) apresenta uma terceira perspectiva de norma, em que a língua segue as normas e os esquemas de comportamento social. O autor propõe a dicotomia entre as normas implícita e explícita. A norma implícita está vinculada à identidade de cada grupo. Já a norma explícita está relacionada à língua considerada correta, aquela divulgada principalmente pelas gramáticas normativas, pelos dicionários e pela escola, ou seja, está ligada ao prestígio lingüístico.

Embora as contribuições de Rey (*apud* Leite, 2005) e Aléong (*apud* Leite, 2005) sejam importantes para entendermos as concepções de norma, neste momento passamos a considerar especificamente os estudos de Cosériu (1979), uma vez que ele compreende a língua como uma instituição social que varia conforme a comunidade.

Entre as normas estabelecidas por Cosériu (1979), destacamos as de estratificação social, que podem dividir-se em norma culta e popular, e as de espaço físico, que consistem nas diferenças lingüísticas de acordo com a extensão geográfica

que podem ocorrer de país a país, de estado a estado ou de cidade a cidade. A norma de espaço físico, nosso objeto de pesquisa, discutiremos adiante.

A norma culta, considerada de maior prestígio social, é utilizada em situações formais e ensinada na escola. Já a norma popular, variante de menor prestígio, é utilizada em situações informais e com mais frequência na língua oral.

A norma culta é uma variável que, não por razões lingüísticas, mas por motivações políticas, econômicas e socioculturais, adquire maior importância na sociedade, sendo, portanto, imposta a alguns grupos sociais como a única possibilidade de uso da língua. Já a norma popular, considerada uma variante de menor prestígio social, é vista como um desvio da norma culta.

Na verdade, o que existe é uma extensão de normas, um conjunto de possibilidades de usar a língua. Essa pluralidade de normas dentro da mesma comunidade lingüística é representada pelas variedades de uma língua. Embora possuam condições lingüísticas específicas e definidas, isso não significa que resultem em divisões estanques. Leite (2003: 19) explica:

Não se pode partir da premissa de que as normas culta e popular sejam estanques, isoladas umas das outras. Ao contrário, ambas se enriquecem mutuamente pelo contato de seus usuários e, como se sabe, essa é uma das causas que levam à variação lingüística.

Verificamos que as normas não podem ser tratadas de maneira dicotômica. Na realidade, elas se correlacionam num *continuum* em que fundem a variante de maior prestígio e a de menor prestígio, ocasionando os diferentes usos da língua numa mesma comunidade. Em seus atos de fala, os indivíduos de uma sociedade fazem uso de várias normas, combinando-as de acordo com as exigências comunicativas. Em outros termos, o indivíduo elege uma norma, ou seja, um tipo de comportamento lingüístico compatível à comunidade em que ele está inserido.

Cabe-nos, enfim, enfatizar que, assim, como uma língua expressa a identidade de um povo, cada norma expressa a identidade de uma comunidade lingüística. As normas possuem formas bem estruturadas e servem como uso legítimo de expressão dos indivíduos de uma determinada comunidade lingüística.

Diante disso, Leite (2005: 201) apoiada em Preti (2003a) revela a existência de uma língua comum que possui marcas tanto da norma culta quanto da norma popular, como veremos mais adiante.

A *fala* é a realização individual das produções da norma, a forma de expressão do indivíduo de uma determinada comunidade lingüística. É a própria língua em ação e está relacionada ao comportamento do indivíduo no uso da língua no contexto social. A língua não pode ser desvinculada do uso. A Língua Portuguesa falada, como todas as outras, é heterogênea e se presta a numerosas variações de uso.

Estudiosos como Sausurre (1916) priorizaram a língua como um instrumento de comunicação e desconsideraram a fala. Por outro lado, estudiosos como Coseriu (1979) privilegiaram a fala, os usos lingüísticos. A língua falada é o recurso lingüístico natural que utilizamos na interação social, na comunicação face a face. É a língua falada que usamos com maior freqüência em nossas casas com nossos familiares, em nosso meio social com nossos amigos, pois, de modo geral, é uma língua mais dinâmica.

Conforme vimos, segundo Coseriu, a língua configura-se em três níveis: sistema, norma e uso. O sistema, devido à existência do conjunto de regras que o compõe, impõe um grau mínimo de variação da língua. Já a norma, além dos elementos trazidos pelo sistema, possui elementos extralingüísticos relacionados aos estratos sociais e geográficos, havendo, então, um grau médio de variação. No terceiro e último nível, a fala, destaca-se a presença de numerosas variações de uso.

1.5. Variação lingüística

Uma das incumbências da Sociolingüística, como vimos anteriormente, é esclarecer que a variação não ocorre livremente, estando relacionada às diferenças sociais. Partindo dessa observação, verificamos que a variação lingüística é o conceito-chave dos estudos sociolingüísticos, pois diz respeito aos fenômenos relacionados com a diversidade da língua.

Para tratarmos da variação lingüística, também abordaremos os conceitos de *comunidade lingüística*, *variante diatrástica* e *variante diatópica*, porque os consideramos fundamentais para a discussão da língua no contexto amplo das relações sociais.

Todas as pessoas que falam uma determinada língua conhecem as estruturas básicas de funcionamento dessa língua. Embora sejam mais ou menos constantes dentro do idioma, essas mesmas estruturas podem sofrer variações, devido à influência de inúmeros fatores (geográficos, sociais e estilísticos). Tais diferenças, que, às vezes, são pouco perceptíveis e, outras vezes, bastante evidentes, recebem o nome de variações lingüísticas.

A variação lingüística está relacionada ao uso da língua que se diferencia de maneira sistemática da própria língua comum. A disciplina sociolingüística vê essa variação como evidência sincrônica de mudanças lingüísticas em andamento e/ou como reflexo de fatores sociais sobre a língua. As variações aplicam-se quando duas ou mais formas podem ser utilizadas num mesmo contexto e a escolha dessas formas depende de uma série de fatores sociais, entre eles idade, sexo, origem geográfica etc.

A variação é inerente à língua e constitutiva das línguas humanas, ocorrendo nos níveis (fonético, sintático, semântico e lexical). Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, está-se falando de uma unidade formada de muitas variedades.

Cada sociedade tem suas particularidades que são identificadas pela língua. Dessa maneira, as formas de variação estão sempre a refletir diversidades socioculturais de algum tipo, seja em relação à faixa etária, à posição social e profissional, seja em relação ao sexo ou ao espaço geográfico. Fiorin (2000: 225) esclarece:

A variação é inerente às línguas porque as sociedades são divididas em grupos: há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam uma região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma ou outra classe social e assim por diante. O uso de determinada variedade lingüística serve para marcar a inclusão num desses grupos, dá uma identidade para seus membros.

Verificamos, portanto, que a variação lingüística reflete a diversidade social, ou seja, as diferenças no uso da língua correspondem às variedades dos grupos que constituem uma sociedade. Desse modo, afirmamos que a variação ocorre devido às alternâncias de uso da língua que são influenciadas por fatores sociais e estruturais.

De fato, as línguas apresentam um dinamismo peculiar e é isso que as torna heterogêneas. A propósito da heterogeneidade da língua, Mollica (2004: 27) mostra que a variação lingüística está presente nas línguas naturais que, por sua vez, exibem inovações mantendo-se, contudo, coesas. Ela explica:

A variação lingüística é uma das características universais das línguas naturais que convivem com forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos lingüísticos são controlados por variáveis estruturais e sociais.

A variação é um fenômeno empírico e heterogêneo. É, portanto, impossível negar a existência da diversidade e das estruturas díspares numa comunidade lingüística. Na mesma direção, Alkmim (2001: 33) esclarece que não há língua homogênea:

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades.

A língua, como apenas uma entre as várias formas de comportamento social e como um entre os modos de realização das atividades culturais praticadas por um grupo, varia no interior de uma comunidade, assim como ocorre com as outras formas de comportamento. Os indivíduos integrantes desses grupos apresentam modos de falar muito semelhantes, que os distinguem de outros indivíduos pertencentes a grupos distintos.

A língua é um bem comum compartilhado por muitos indivíduos que a utilizam não somente para se comunicarem entre si, mas para que juntos formem uma comunidade. Nessa perspectiva, a comunidade lingüística não é nada mais do que uma comunidade humana, um grupo de indivíduos que compartilham o mesmo bem.

O indivíduo ingressa na sociedade por meio de vários grupos, seja pela família, pela escola ou pela profissão etc. As variedades lingüísticas são determinantes em alguns grupos sociais, identificando-os e diferenciando-os de outros grupos. Embora pertençam a diferentes grupos, esses indivíduos estão inseridos numa mesma sociedade e, portanto, utilizam uma mesma língua, mas não necessariamente pertencem a uma mesma comunidade lingüística. A fim de compreendermos tal posicionamento, observemos contribuições consideradas pertinentes de estudiosos em relação à comunidade lingüística.

Para Lyons (1970: 326), *“a comunidade lingüística são todas as pessoas que usam uma mesma língua ou dialeto”*⁴. Já Labov (1972) considera que a comunidade lingüística é um grupo de falantes que têm em comum um conjunto de atitudes sociais para a língua. Segundo ele, uma expressão não pode ser aplicada a um grupo de falantes que utilizam todas as mesmas formas, mas a um grupo de falantes que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua.

⁴ “speed community: all the people who use a given language (or dialect)”.

Na concepção de Alkmim (2001), uma comunidade lingüística se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas. Carvalho (1979), por sua vez, revela que a comunidade lingüística constitui um grupo mais ou menos extenso de indivíduos ligados entre si pela convivência e pela participação mais ou menos direta e atuante nas mais variadas atividades e nas diversas ordens de interesses, mediatos ou imediatos, quer materiais quer espirituais.

Com base no conjunto dessas contribuições, podemos afirmar que a comunidade lingüística é o agrupamento de pessoas que pertence ao mesmo grupo social, dispostas a realizar em comum a mesma atividade, o que as faz possuir características lingüísticas comuns. Em outros termos, são indivíduos que utilizam a mesma língua.

Resta observar que, embora os indivíduos se utilizem da mesma língua para se comunicarem com os outros indivíduos, nem todos possuem o mesmo comportamento lingüístico. Diferenças em razão de idade, de profissão, de origem, que se mostram na fonética ou no léxico da língua, constituem as diferentes comunidades lingüísticas.

Todo indivíduo pertencente a uma determinada comunidade lingüística pode ser identificado social ou geograficamente. Assim, a variação lingüística assume, ainda, papel importante no contexto das relações sociais como mecanismo de identificação do indivíduo. Desse modo, ao falar, o indivíduo é capaz de transmitir, além da mensagem pretendida, uma série de informações que permite ao interlocutor identificá-lo como membro de determinada comunidade lingüística. À medida que os falantes utilizam a língua, eles usam os recursos de variação para marcar diferentes dimensões de sua identidade social.

Com relação à identidade social do indivíduo, Bortoni-Ricardo (2005: 175) pondera:

O comportamento lingüístico está permanentemente submetido a múltiplas e co-ocorrentes fontes de influência relacionadas aos diferentes aspectos da identidade social, tais como: sexo, idade, antecedente regional, inserção no sistema de produção, pertencimento a grupo étnico, ocupacional, religioso, de vizinhança etc. Quando falamos, movemo-nos num espaço sociolingüístico multidimensional e usamos os recursos da variação lingüística para expressar esta ampla e complexa gama de identidades distintas.

É possível perceber que o comportamento lingüístico é um identificador social do indivíduo e essa é uma das formas de se mostrar a diferença regional, de idade, de classe social, entre outras. Assim, todo ato de fala é um ato de identidade, pois o que falamos é o reflexo do que somos. Entre os marcadores de identidade social, destacamos aquele que se relaciona diretamente com o nosso objeto de pesquisa – o antecedente regional. Ele pode ser um identificador visível do comportamento lingüístico, pois permite identificar a região da qual o indivíduo provém e registrar a categorização lingüística de cada cultura.

Como vimos anteriormente neste estudo, no Estruturalismo a língua era observada como invariável e homogênea, desvinculada da realidade social. É o olhar sociolingüístico que rompe com essa visão limitada, mostrando-se que a língua é variável, contínua e heterogênea, justamente porque fatores intralingüísticos e extralingüísticos influenciam a maneira de falar dos indivíduos. Esses fatores podem ser de caráter geográfico, social e contextual.

Os estudos das variantes lingüísticas podem ser realizados em duas dimensões interligadas: micro e macro-sociolingüística (Preti, 2003a). A *micro-sociolingüística* trata de fatores ligados à situação de comunicação, os quais dizem respeito às circunstâncias criadas pela ocasião, pelo lugar e pelo tempo em que se dá a interação. Consiste em verificar as variedades em relação ao uso da língua pelos falantes. Destacam-se o grau de intimidade entre o locutor e o interlocutor, a situacionalidade e o contexto.

O falante pode utilizar a língua em registros diversos, segundo Preti (2003a: 39):

- nível de fala ou registro formal: é usado em situações de formalidade, em que predomina a língua culta, resultando num comportamento mais tenso, mais preocupado, havendo, portanto, uma incidência de vocabulário técnico;
- nível de fala ou registro coloquial: é empregado em situações familiares, com diálogos informais, apresentando maior intimidade entre os falantes; logo, há o predomínio de estruturas e vocabulário de língua popular, gírias e expressões obscenas.

Podemos, assim, verificar que o mesmo falante apresenta distintas maneiras de usar a língua, que podem variar de um registro mais formal, resultando num cuidado maior em utilizar a língua, a um registro informal, quando o falante usa a língua em situações descontraídas, havendo, portanto, um emprego diverso das normas lingüísticas.

Preti (2003a) explica que entre o registro formal (norma culta) e o registro informal (norma popular) há um elemento intermediário: *a linguagem comum*. Ela pode ser considerada como um meio termo entre a língua culta e a popular, em que o indivíduo em determinadas situações de interação utiliza marcas da língua culta e em outras situações usa marcas de língua popular. No entanto, esses registros não se opõem, visto que o indivíduo não utiliza com exclusividade nem um registro nem outro .

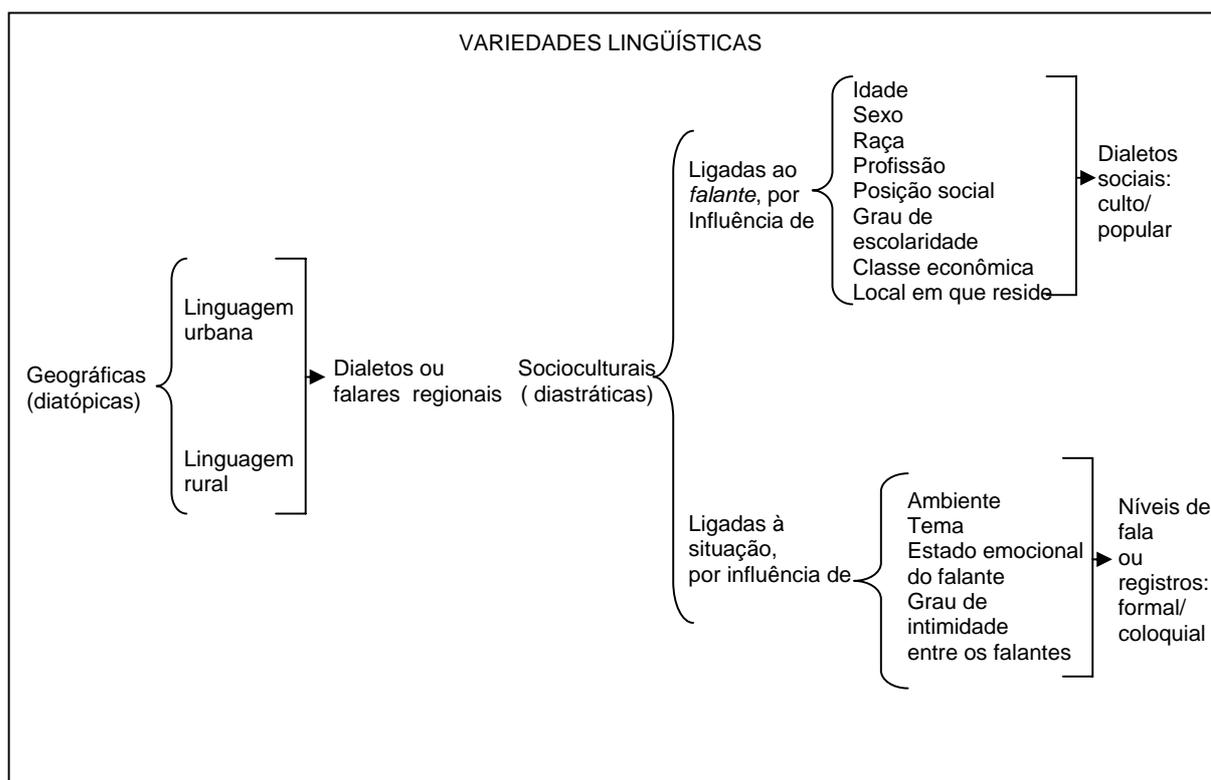
Já a dimensão *macro-sociolingüística* dos estudos das variantes visa à identidade social do indivíduo, ou seja, observa as variedades da língua em razão de idade, sexo, profissão e região. As variantes macro-sociolingüísticas podem ser subdivididas em *diatópicas* ou *diastráticas*.

As *variantes diastráticas* se caracterizam por uma constante permeabilidade e fluidez, uma vez que se relacionam com a mobilidade social. Elas podem ser influenciadas por fatores ligados diretamente ao falante (faixa etária, sexo, ocupação

profissional). As *variantes diatópicas* estão relacionadas aos falares regionais. Elas marcam as semelhanças e os contrastes lingüísticos em áreas geográficas.

A seguir, apresentaremos um quadro das variações lingüísticas que sintetiza, em linhas gerais, as considerações realizadas por Preti (2003a: 41):

QUADRO 1
VARIEDADES LINGÜÍSTICAS



Fonte: Preti (2003a: 41)

Conforme esclarece Preti (2003a) no quadro por ele proposto, as *variedades socioculturais* (ou *diatráticas*) ocorrem num plano vertical, isto é, dentro da língua de uma comunidade específica. Essas variedades estão relacionadas diretamente aos falantes, gerando certas diversidades na maneira de usar uma mesma língua. A variação sociocultural pode ser influenciada por fatores ligados à classe econômica, à idade, à profissão, à posição social, ao grau de escolaridade, ao sexo etc.

Já as *variedades geográficas* (ou *diatópicas*) são aquelas que ocorrem num plano horizontal da língua. São os regionalismos, provenientes de falares locais. A variação geográfica é, no Brasil, extensa e pode ser facilmente notada. Ela se caracteriza pelo acento lingüístico (altura, timbre e intensidade do som) e, por isso, é uma variante cujas marcas se notam, principalmente, na pronúncia ou podem também ser percebidas no vocabulário.

Ambas as variantes socioculturais e geográficas são essenciais para o conhecimento da diversidade lingüística. Destacamos, contudo, aquela que é realmente relevante para a investigação aqui proposta: a variante de espaço físico, ou seja, a *variante diatópica*, da qual passamos a tratar. Relacionado a ela, está o vocabulário regional.

1.5.1. Variante lingüística diatópica e vocabulário regional

As variantes lingüísticas diatópicas ou regionais são observáveis em áreas geográficas distintas. Isso não significa que a divisão geográfica coincide com a divisão lingüística; pelo contrário, na mesma localidade, podemos encontrar variações de uso da língua, independentemente da área geográfica. Notamos essas variações na articulação dos sons (fonologia), nas construções sintáticas e no uso característico do vocabulário de cada região (léxico). No entanto, considerando a delimitação feita para este estudo, o nosso foco é o vocabulário.

Travaglia (2000: 42) traz contribuição importante em relação ao conceito da variante diatópica, ao enfatizar que o uso dessa variante estabelece as fronteiras entre os diferentes falares de uma mesma região. Além disso, o autor observa que por meio da variante geográfica somos capazes de identificar e diferenciar os falares regionais do português brasileiro. Para ele,

os dialetos na dimensão territorial, geográfica ou regional representam a variação que acontece entre as pessoas de diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Essa variação normalmente acontece:

- a) pelas influências que cada região sofreu durante sua formação;*
- b) porque os falantes de uma dada região constituem uma comunidade lingüística geograficamente limitada em função de estarem polarizados em termos políticos e/ou econômicos e/ou culturais, e desenvolverem então um comportamento lingüístico comum que os identifica e distingue.*

É o caso da diferença entre o Português do Brasil e o de Portugal e o dos países africanos de Língua Portuguesa (Angola, Moçambique, Cabo Verde). Aqui se incluem também diferentes falares que encontramos no Brasil como os falares gaúcho, nordestino, carioca, o chamado dialeto caipira.

Com tais observações, o autor nos ajuda a compreender que as variantes de regiões distintas se mostram diferentes umas das outras. Dessa forma, elas variam quando são faladas por um indivíduo nordestino ou por um sulista, por um pernambucano ou por um carioca, e assim por diante.

Como já explicitamos, uma vez que as variantes geográficas são facilmente identificáveis, quando o indivíduo começa a falar, é possível identificarmos a região da qual ele provém pela melodia, pelo sotaque e pelo vocabulário. Sobre os marcadores de identificação regional, Mollica (2004: 27) esclarece:

Das variáveis externas ou não-lingüísticas, registram-se os marcadores regionais predominantes em comunidades facilmente identificadas geograficamente, em simultaneidade a indicadores de estratificação estilístico-social, de forma que a variação projeta-se num contínuo em que se podem descrever tendências de uso lingüístico de comunidades de fala caracterizadas diferentemente quanto ao perfil sociolingüístico.

Não há dúvida de que, no Brasil, há uma multiplicidade de falares que deixa evidente a complexidade e toda variação existente. A variante diatópica é, portanto, o retrato do português do Brasil. Por meio dela, somos capazes de reconhecer a origem de um indivíduo, já que sabemos que certas expressões ou certos sotaques pertencem a determinada região, a um estado específico e assim por diante. A esse respeito, Monteiro (2000: 48) explica que *“somos capazes de identificar o estado brasileiro onde alguém nasceu, por traços entonacionais ou de pronúncia”*. O sotaque é um traço entonacional que está relacionado à maneira como um falante pronuncia um enunciado. Ele destaca-se por uma variedade fonética distinta de outras variedades. Desse modo, o sotaque do indivíduo é a marca de identificação de sua região. Para Possenti (cf. 2001: 65), o sotaque não é nada mais que “a cor da língua”, portanto, é um identificador de variedade lingüística geográfica.

O léxico, por sua vez, configura-se como um sistema constituído pelo grupo de vocábulos que reproduzem o patrimônio sociocultural de uma dada comunidade. Ele é capaz de nomear os valores e os costumes de determinada região, pois representa a história e a cultura dessa comunidade. Com base nisso, podemos afirmar que cada região em que a Língua Portuguesa é falada no Brasil apresenta peculiaridades que merecem ser estudadas.

Os indivíduos pertencentes a determinadas regiões geográficas constituem uma comunidade lingüística, que está subordinada a uma língua oficial, a Língua Portuguesa. É, pois, nessa comunidade lingüística que o falante exprime seus costumes, sua cultura. De acordo com Camacho (2001: 58),

os indivíduos nativos de determinado setor geográfico orientam-se para um centro cultural, político e economicamente polarizador. Constitui-se, assim, uma comunidade lingüística geograficamente restrita, inserida no interior de uma mais extensa e abrangente. Mediante a atração geográfica e a contigüidade física é que se desenvolve um comportamento cultural específico que identifica os membros de uma comunidade e os distingue dos membros de outras.

Observamos, desse modo, que a existência das variantes se encontra na perspectiva de que os indivíduos de uma mesma região mudam para outras regiões, constituindo, assim, uma comunidade lingüística. Nessa comunidade, esses indivíduos desenvolvem usos lingüísticos que lhes são peculiares, os quais os identificam como membros de determinadas regiões e os distinguem dos falantes de outras regiões.

É oportuno mencionar que, em muitas comunidades lingüísticas, os falantes utilizam as variantes de uma mesma língua em diferentes condições de interação. Exemplo disso são os falantes de distintas áreas geográficas que usam o vocabulário regional em determinadas situações como, por exemplo, em casa com seus familiares ou entre amigos da mesma área geográfica, mas evitam utilizá-lo quando estão em contato com outras pessoas que não são da mesma região. Essa distinta forma de expressão usada pelos falantes se dá porque cada variante apresenta sua própria norma de comportamentos, atitudes e valores sociais que, muitas vezes, somente as pessoas do mesmo espaço geográfico conhecem e compartilham.

Essas observações a respeito das variantes geográficas permitem-nos agora focar nosso objeto de pesquisa, o vocabulário regional, que representa as peculiaridades lingüísticas faladas em determinada região. Léxico e vocabulário são noções que se revelam imprescindíveis neste momento.

O *léxico* é o componente da língua que mais facilmente retrata as mudanças e variações lingüísticas, visto que, por ter como função nomear e designar a história, os costumes e a cultura de uma comunidade, ele está sempre incorporando novos vocábulos. O léxico comporta, portanto, unidades dos registros lingüísticos, inclusive o vocabulário regional.

Considerado um conjunto sistêmico de palavras que faz parte do repertório do falante, o léxico é um “reservatório” aberto, com número infinito de palavras que pode ser sempre acrescido e enriquecido por novos vocábulos. O *vocabulário*, por sua vez, é o conjunto de palavras usado pelo indivíduo no momento da fala.

Para Zambonim (1987: 65), *léxico* e *vocabulário*, na literatura lingüística, são considerados

o primeiro como o conjunto de unidades léxicas realizadas e realizáveis, e o segundo como o conjunto das unidades léxicas já realizadas, atualizadas e efetivamente no discurso. O léxico está ligado ao sistema-língua e às normas; o vocabulário somente às normas, ao discurso, vistos como modelos de realização. Léxico e vocabulário são duas concepções complementares, relacionadas a dois níveis de abstração.

Podemos, então, pontuar que o léxico está voltado para o sistema e para o processo histórico de uma dada língua, representando, assim, o conjunto de vocábulos do sistema lingüístico. Como vimos, ele é o agrupamento de palavras que constitui uma determinada língua e, além disso, é capaz de retratar a vida, a história e os costumes de uma sociedade. Oliveira (1999: 4) define:

O léxico de uma língua configura-se como um sistema constituído pela reunião de vocábulos que reproduzem o patrimônio sociocultural de uma dada comunidade, passando, desse modo, a testemunhar a vida, a história e a cultura dessa comunidade em diferentes fases de sua história. Assim, o léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que atesta o modo de vida e a imagem de mundo que individualiza um determinado grupo social, tornando-se, em vista disso, uma espécie de documento vivo da própria história desse grupo, assim como de todas as normas sociais que regem.

Verificamos, desse modo, que o léxico se refere à dimensão sociocultural da língua, visto que retrata, por meio de vocábulos, o patrimônio histórico cultural de uma sociedade. Ele representa, ainda, o acervo de experiências e do modo de vida de determinado grupo social.

O léxico não resulta apenas das características do ambiente da comunidade; ele é o meio utilizado pelos interlocutores de uma língua natural para a construção e a detecção de visões de mundo, além de ser um meio que permite a interação contínua entre língua, cultura e sociedade.

O vocabulário, parte integrante do léxico, reflete mais nitidamente o ambiente físico e social dos falantes. Como alguns vocábulos são indicadores de características identificadoras, tais como sexo, idade, origem geográfica e vivência sociocultural, ao interagir, o indivíduo utiliza vocábulos que expressam a sua categoria social. Podemos dizer, então, que o nível lingüístico em que a relação língua e sociedade se mostra mais explícita é marcada pelo vocabulário.

O vocabulário talvez seja o identificador social com mais variações na forma e com mais diferenças de uso e significado. Ele está relacionado entre os fenômenos da compreensão e da diversidade de usos, visto que uma palavra jamais é usada isoladamente e não tem sentido único, pois ela varia de acordo com o contexto sócio-cultural-geográfico em que os indivíduos que a utilizam estão inseridos.

O vocabulário de uma língua é fundamental para que as pessoas possam se comunicar e interagir. Ele parece retratar melhor a realidade lingüística, além de armazenar o saber lingüístico de uma comunidade.

O quadro síntese a seguir reúne as informações principais abordadas sobre léxico e vocabulário, fundamentais para tratarmos do vocabulário regional:

QUADRO Nº2
LÉXICO E VOCABULÁRIO

LÉXICO	VOCABULÁRIO
Conjunto infinito de palavras	Conjunto de palavras utilizadas no momento da fala
Ligado ao sistema-língua	Ligado ao discurso
Permite a interação entre língua, cultura e sociedade	Serve de indicador de características tais como sexo, idade, origem geográfica e sociocultural de um indivíduo

A grande diversidade existente entre as diferentes regiões brasileiras propiciou o aparecimento, no plano lingüístico, de “marcas” regionais que podem caracterizar vocábulos como pertencentes a uma determinada área geográfica. Em relação às diferenças regionais da Língua Portuguesa falada no Brasil, Beline (2004: 121) faz considerações relevantes, como a de que, embora haja realmente diferenças entre os falares, falamos uma mesma língua:

Se afinilarmos um pouco nosso foco (...) podemos nos lembrar de um fato lingüístico com que sempre convivemos, mas ao qual talvez nunca tenhamos dado tanta importância, em termos científicos: o fato de que detectamos diferenças entre o português que falamos em São Paulo, em termos genéricos, e o português que se fala na cidade do Rio de Janeiro, ou nas cidades de Salvador e Porto Alegre. É claro também que tais diferenças não impedem que nos comuniquemos entre nós. Quando ouvimos um carioca típico, podemos entender tudo o que ele fala. É verdade que não há problemas quando estamos conversando com pessoas de regiões de cultura muito diferente da nossa principalmente no diz respeito ao léxico, ou o vocabulário que as pessoas de uma dada região usam. Pode ser que o falante não saiba que ‘jerimum’, palavra muito usada na Bahia, corresponde a ‘abóbora’, termo muito mais comum nos estados do Sul e do Sudeste de nosso país. É contudo inegável que, ainda que haja tais diferenças lexicais nas diversas regiões do país, falamos a mesma língua.

Isso significa que o português do Brasil não é homogêneo, tendo em vista a dimensão da língua e, conseqüentemente, do vocabulário. Essa heterogeneidade do vocábulo se manifesta no léxico por meio de significantes específicos ou, ainda, por meio de unidades vocabulares de uso geral da língua que passam a receber novos significados, em vista da necessidade de nomear referentes da realidade brasileira que estão relacionados aos usos lingüísticos que variam de Estado para Estado, de cidade para cidade.

O estudo dos regionalismos brasileiros nos permite considerar que, no Brasil, as variedades geográficas apontam, principalmente, para uma oposição entre a língua urbana/regional. Amadeu Amaral já fazia sentir a necessidade de dar-se a esse fato a atenção devida, quando publicou *O dialeto caipira*, 1920, em que os níveis fonético e lexical analisados juntam-se a um vocabulário típico da região, constituindo sua obra um marco na descrição de variedades regionais do Brasil.

O vocabulário regional é o resultado da categorização lingüística segundo cada cultura. As denominações refletem as semelhanças e/ou as diferenças dos variados elementos de uma sociedade e os diferentes significados são evidenciados pela interação social, garantindo, assim, a semelhança de uso por parte dos falantes de uma mesma comunidade lingüística.

Como o vocabulário regional se estratifica na relação língua e cultura, em que ambas se desenvolvem concomitantemente, ele representa a multiplicidade e a riqueza de uma língua, pois reflete o patrimônio e os costumes da sociedade em que está inserido. Além do mais, deve ser considerado como parte integrante do multiculturalismo, ou seja, da presença de várias culturas inseridas num mesmo país, estado ou cidade.

1.6. Preconceito e desvalorização lingüística

Cada nível lingüístico, seja representado pela fonologia, pelo léxico ou pela morfologia, corresponde a um grau distinto de uso da língua e todos servem como forma de expressão da sociedade. Toda língua em uso é adequada à comunidade que a utiliza, sendo um sistema completo que permite ao indivíduo exprimir o mundo e a cultura em que vive. A sociedade, entretanto, tende a atribuir escala de valores a esses diferentes níveis: a valorização positiva corresponde ao prestígio lingüístico; a negativa, ao preconceito lingüístico.

Já vimos que a língua é um fator extremamente importante na identificação de grupos, como também uma possível maneira de demarcar as diferenças sociais no seio de uma comunidade. Da mesma forma que a língua é o reflexo da identidade de um povo, a norma expressa a identidade de um determinado falante. Ocorre que, de acordo com o sistema de valores da comunidade, a norma pode obter valores tanto positivos quanto negativos. Os valores negativos atribuídos à norma levam ao

preconceito lingüístico, que são opiniões estigmatizadas em relação a determinadas variantes lingüísticas.

Em cada comunidade lingüística, como já abordamos, observamos a existência de um conjunto de variedades de uso da língua. Essas variedades passam por uma ordem valorativa que reflete a hierarquia dos grupos presentes numa sociedade. Isso significa que algumas variantes são consideradas de maior prestígio em relação a outras. Preti (2003b: 34) afirma que

o uso de uma ou outra variedade importa sempre num problema de maior ou menor prestígio. Algumas pronúncias, como certos vocábulos ou certas estruturas, apresentam-se como estigmatizadas. Existe, em geral, entre os falantes a consciência de que a variedade culta é de fato o dialeto social único e ideal, correndo a variedade popular como uma mera deturpação da primeira, usada por aqueles que 'não sabem a língua', em decorrência de sua falta de instrução.

A sociedade impõe valores de prestígio e não-prestígio à língua. O uso de algumas variantes pode estigmatizar seus falantes, uma vez que elas são vistas como mera deformação da norma ideal, enquanto o uso de outras pode valorizá-los socialmente. A desvalorização de algumas variantes tratadas de modo preconceituoso expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade, pois o que fundamenta o prestígio varia de acordo com a sociedade a que o indivíduo pertence.

Em relação ao tratamento dado às variantes, Marcellesi & Gandin (1975: 88) apontam:

É difícil de dizer se é o desconhecimento da importância das variações dialetais que leva a afirmar a homogeneidade, ou se é o esquematismo na concepção da língua, meio de comunicação, que explica a maneira por que são tratados os dialetos geográficos e os dialetos sociais.

Importa-nos, sobretudo, o fato de que, cientificamente, e na dimensão lingüística, não há como dar apoio a essa valorização/desvalorização:

(...) não faz nenhum sentido supor que um determinado dialeto seja lingüisticamente inferior ou superior aos demais (...) tudo isto é completamente absurdo: em termos científicos nada há que possa

fundamentar a superioridade ou a inferioridade de uma forma de falar em relação a outras. Se o falar do campo é visto como errado ou inferior face à norma dita culta, isto é apenas um julgamento social, motivado por preconceitos. (Monteiro, 2000: 49)

Embora seja um julgamento social, o fato é que algumas das variantes lingüísticas são vistas como inferiores e erradas e, como conseqüência, as pessoas que utilizam essas variantes são “rotuladas” pelo seu modo de falar. Não é casual que se julguem “erradas”, por exemplo, as variantes dos falantes de origem rural, os quais são de classe desfavorecida, possuem baixa escolaridade e provêm de regiões culturalmente desprivilegiadas.

Como as diferenças, que podem ser sociais ou regionais, possuem escala valorativa na nossa sociedade, as variantes faladas nos locais mais desenvolvidos, em que as pessoas têm as melhores condições econômicas, costumam ser as escolhidas pela sociedade como a língua mais apropriada. Nessa escolha, estão implícitas razões de ordem política, econômica e sociocultural.

Em relação ao prestígio que algumas regiões possuem, Bortoni-Ricardo (2004: 34) pondera:

No Brasil de hoje, os falares de maior prestígio são justamente usados nas regiões economicamente mais ricas. Estamos vendo, então, que são fatores históricos, políticos e econômicos que conferem o prestígio a certos dialetos ou variedades regionais, e conseqüentemente, alimentam rejeição e preconceito em relação a outros.

Verificamos, assim, que a sociedade apresenta uma gradação de valores preferenciais em relação a determinadas expressões lingüísticas. Valorizam-se falares de certas regiões do país e atribui-se superioridade a determinadas variantes, criando-se, desse modo, preconceitos. O preconceito tem efeitos negativos para a sociedade, porque resulta de avaliações subjetivas em relação à determinada camada social. Na verdade, dizemos que o preconceito não é precisamente lingüístico, mas, sobretudo, social.

Em se tratando da questão do desprestígio, Preti (2003b: 51) cita a pronúncia nordestina:

Mas se, por um lado, as palavras carregam certo prestígio social, por outro, também, o desprestígio pode acompanhá-las, como ocorre com a linguagem de certas regiões estigmatizadas por condições econômicas desfavoráveis (e, portanto, menos civilizadas). É o caso, no Brasil, da pronúncia nordestina, quando ouvida nas grandes capitais do Sul ou Sudeste do país; ou da pronúncia caipira, do interior de São Paulo ou de Minas, quando ouvida em cidades grandes desses Estados.

Vemos, então, que determinadas variantes podem ser consideradas inferiores em relação a outras, dependendo da região em que são utilizadas. As variantes nordestinas costumam ser vistas no Sudeste como erradas e incultas. Na verdade, não se aceita que a fala do outro seja diferente, conforme pondera Possenti (2005: 29):

Os grupos que falam uma língua ou um dialeto em geral julgam a fala dos outros a partir da sua e acabam considerando que a diferença é um defeito ou um erro. Daí pensamos, em geral, que os outros não sabem falar. Ou, ainda mais gravemente, acabamos convencidos de que nós também não sabemos falar, se falamos de forma um pouco diferente daqueles que são para nós os modelos de comportamento lingüístico. O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros (os que falam outra língua) falem diferente. Mas não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente.

Convém observar que o preconceito lingüístico é mais comum em situações em que os indivíduos que falam uma mesma língua, ao se depararem com uma variante diferente da que utilizam, geralmente, tendem a desconsiderar essa última, como indicou o autor. Essa postura é mais perceptível em relação às variantes sociais e regionais, de tal modo que os indivíduos não aceitam que as pessoas de outra região do país ou de outro grupo social falem diferente.

Equivocadamente, o diferente é visto como erro. Assim, ao depararmos com uma variante diferente da nossa, não a aceitamos e a consideramos errada. Esse comportamento é denominado intolerância. Trata-se de uma postura de negação em

relação a indivíduos ou grupos específicos, a sua maneira de ser, aos seus costumes, a sua cultura ou até mesmo a sua fala. Essa postura se atualiza em manifestações de desvalorização e de preconceito.

A intolerância lingüística⁵ funda-se quando determinado grupo ou indivíduo, convicto de que sua língua é a única correta, passa a rejeitar e excluir as demais. Desvalorizando esse falante ou grupo, está considerando apenas os valores lingüísticos de seu meio ou de sua região e, com base nisso, desvaloriza a língua do outro grupo ou indivíduo, por ela não estar de acordo com o grupo a que ele (falante) pertence. Em outras palavras, a intolerância lingüística se caracteriza como um julgamento daqueles que não admitem a diferença de fala, porque têm idéias preconcebidas em relação a determinados falares, o que gera o preconceito lingüístico.

Pudemos perceber que o preconceito lingüístico está relacionado, principalmente, a fatores extralingüísticos, tais como idade do falante, sexo, grau de instrução, etnia, origem geográfica e situação econômica. Tais fatores refletem uma divisão que vai além da língua de uma sociedade.

Toda a discussão aqui realizada nos possibilita considerar que a diferença entre os falares não pode ser concebida como deficiência lingüística. As diferenças na estrutura social, nas normas e nos valores culturais condicionam o comportamento lingüístico das pessoas; entretanto, não se pode considerar os diferentes usos lingüísticos como usos incorretos da língua.

Corroborar essa idéia a pesquisa variacionista de Labov (1972) sobre as línguas faladas nos “guetos” nos Estados Unidos. O autor observou que as crianças

⁵ Nesta pesquisa adotaremos a terminologia preconceito lingüístico e não intolerância lingüística. Uma descrição mais completa do tema intolerância lingüística pode ser encontrada em LEITE, Marli Quadros. Intolerância e linguagem: um estudo de caso. In *Revista da Anpoll*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística, nº14. São Paulo. Humanitas/FFLCH/USP, p.175-188.

pertencentes às classes sociais desprivilegiadas possuem a mesma capacidade para a aprendizagem conceitual e para o pensamento lógico que qualquer outra criança possui. Ele afirma, então, que as dificuldades de aprendizagem são impostas pela própria escola e pela sociedade nela inserida e não pela variante falada. Para ele, a língua inglesa falada nos Estados Unidos pelos negros dispõe de recursos equivalentes aos das demais variantes para expressar o mesmo conteúdo lógico. Nessa pesquisa, constata-se que a diferença lingüística não está ligada à deficiência.

Em síntese, o preconceito lingüístico se relaciona aos preconceitos sociais, sendo, em geral, exercido sobre aqueles indivíduos que sofrem os mais variados estigmas na sociedade, os quais são “acusados de falar errado”, de não saberem usar adequadamente a língua. Ele está ligado, como vimos, a conceitos negativos em relação a determinadas variantes, como, por exemplo, a variante nordestina, nosso objeto de pesquisa, tema dos próximos capítulos.

CAPÍTULO II

VARIANTE LINGÜÍSTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Uma vez estabelecida, no capítulo anterior, a perspectiva teórica que norteia este estudo, neste capítulo são abordadas questões relacionadas ao tratamento da variação lingüística na sala de aula. Discutimos a dicotomia entre o ensino da norma-padrão-culta e o das demais variantes não-padrão e apresentamos uma breve contextualização da E.J.A., enfocando a sua constituição e o perfil do aluno que freqüenta essa modalidade educacional. Na seqüência, abordamos o processo migratório de nordestinos para os centros urbanos com o intuito de identificar as causas que determinam o grande número de migrantes nordestinos que se matricula nas salas de aula da E.J.A.

2.1. Variação lingüística e processo educacional

Do ponto de vista social, não existe comunidade homogênea ou uniforme, por menor que ela seja, assim como não há língua uniforme e homogênea. As línguas variam e mudam porque são dinâmicas e heterogêneas.

A língua, como discutimos no capítulo I, se configura também como componente cultural de uma sociedade. Assim, deve ser considerada como um sistema diversificado, respeitando as suas variantes, isto é, as suas diferentes maneiras de uso, pois existe uma relação empírica entre língua e sociedade.

Sendo a língua composta por variantes sociais e regionais, conforme vimos por meio de Labov (1972), Coseriu (1979) e Preti (2003a), vários espaços na sociedade revelam a extensa variação em seu uso, devido à heterogeneidade dos falantes que a utilizam. Entre esses espaços sociais, está a escola, um ambiente composto por indivíduos de diferentes idades, de ambos os sexos, de diferentes raças, grupos e regiões. A heterogeneidade presente no âmbito escolar não é somente social, mas também lingüística.

Desse modo, partimos do pressuposto de que os estudos sociolingüísticos têm papel relevante a desempenhar no processo educacional, pois, por meio deles, é possível criar na sala de aula ambientes de aprendizagem em que se desenvolvam atividades com os mais diversos modos de falar e inerentes à cultura dos alunos.

A escola, ao se dispor a trabalhar com a variação lingüística, na verdade, estará trabalhando com a diversidade social do aluno, visto que não podemos estudar os usos lingüísticos sem deixar de considerar as questões sociais que envolvem esse aluno. E a Sociolingüística pode dar à educação contribuições essenciais no que se refere ao tratamento dos diferentes usos lingüísticos que estão presentes no contexto escolar.

Também consideramos fundamental que as variantes lingüísticas sejam trabalhadas em sala de aula partindo-se de situações empíricas, espontâneas e naturais. Para isso, é imprescindível que o ensino da língua materna seja direcionado à realidade lingüística do aluno. Isso significa que o ideal é que sejam trabalhadas e respeitadas as diversas variantes que esse aluno traz internalizadas de acordo com o contexto social e regional.

Entretanto, os estudos existentes revelam que no ambiente escolar, a realidade tem sido bem diferente: há uma tendência de desvalorizar as variantes dos alunos e de considerá-las impróprias e erradas, corrigindo-as constantemente. Diante da censura, os alunos inibem-se, retraem-se, acreditando que sua língua é deficiente, de tal modo que, para Luft (1995: 92), os indivíduos

arrastam pela vida preconceitos que lhes bloqueiam a livre expressão. Nunca se sentem à vontade no terreno que mais lhes pertence: a sua língua de berço, com a qual pensam, se comunicam e expressam os mais íntimos pensamentos e emoções.

Assim, percebemos que os indivíduos podem se sentir inseguros em utilizar a língua materna nas mais variadas situações de convívio, dependendo do modo como o professor conduz o ensino. O educando precisa de liberdade para poder se expressar

de acordo com a língua constituída pelos falantes de seu meio social ao longo do tempo e da história.

A postura de negação das variantes lingüísticas do indivíduo é um complicador, pois a sala de aula, idealmente, deveria representar um ambiente de acolhimento às diversidades sociais e lingüísticas e não um local de correção e inibição. Na realidade, ao negar a variante do aluno, a escola está desvalorizando a identidade, a cultura e os costumes dele.

Em relação ao ensino das variedades no âmbito escolar, encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1998: 72) a seguinte afirmação:

Há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades lingüísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença.

A orientação expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN.) está direcionada à compreensão e inclusão das variedades lingüísticas nas atividades curriculares de Língua Portuguesa. Essa orientação prevê que a escola deixe de julgar que o aluno esteja cometendo “erros de português” ao usar a variante lingüística e passe a observá-la como parte integrante de uma realidade social. Os P.C.N. apontam, ainda, para a importância de tratar as variantes lingüísticas como componentes de identidade social, extinguindo o preconceito em relação a determinadas variedades e respeitando os diferentes modos de falar.

Com relação ao uso da língua, entendemos que todo indivíduo falante da Língua Portuguesa utiliza corretamente as estruturas da língua; o que talvez ele desconhece são as regras da gramática normativa que regem a norma culta. É isso que Bortoni-Ricardo (2004: 72) explica:

Todo falante nativo de português, independentemente de sua posição no contínuo de urbanização e independentemente também do grau de monitoração estilística na produção de uma tarefa comunicativa, produz sentenças bem formadas, que estão de acordo com as regras do sistema da língua que esse falante internalizou.

Podemos constatar, desse modo, que todo falante possui competência lingüística em sua língua para comunicar-se com eficiência com as demais pessoas. Segundo Bortoni-Ricardo (2004: 72), “nenhum falante usa mal a sua língua materna”. A mesma autora afirma, ainda, que é

incorreto usar a incidência da variedade do educando como uma oportunidade para humilhá-lo. Ao contrário, uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre as diferenças.

É fundamental que o professor, atento às variantes lingüísticas faladas pelos alunos, passe a identificá-las, compreendê-las e tratá-las como usos diferentes da língua, pois a sua tarefa não se esgota na descrição das variedades, mas sim em estratégias educacionais que possibilitem, além do estudo dessas variantes, a extinção do preconceito lingüístico. A possibilidade de trabalhar com a riqueza das variantes lingüísticas que permeiam a sala de aula, colabora ainda para promover a inclusão lingüística no ambiente escolar.

Nesse contexto, é importante que os professores de língua materna mostrem aos educandos as diferentes variantes lingüísticas, conscientizando-os da existência de usos sociais e regionais e alertando-os sobre o prestígio de que algumas variantes têm em relação a outras. Nesse sentido, cabe, ainda, ao professor a tarefa de organizar um ambiente de troca de experiências e de respeito mútuo, além de adotar posturas diferenciadas para tornar sua atividade docente mais coerente com a realidade do aluno.

2.1.1. Papel do professor de língua materna

O professor de língua materna pode encontrar, no cotidiano escolar, uma variedade de falares, sobretudo como resultado da migração de pessoas de diferentes estados do país. Dependendo do estado em que ele atue, essa variação pode ser mais perceptível como, por exemplo, nas escolas públicas da capital paulista, que recebem alunos migrantes de várias regiões.

Essas pessoas vêm de seus estados, trazendo sua cultura, seus costumes e, conseqüentemente, sua variante. Assim, os usos regionais podem estar presentes na sala de aula. E não só nela. A variante geográfica realmente faz parte da realidade lingüística de uma comunidade.

É importante que o professor compreenda a variante que o aluno traz internalizada do lugar de onde ele vem, de seu meio social. Este é um papel relevante do docente numa sala de aula: conhecer a realidade lingüística dos alunos e, assim, ter condições para trabalhar com elas como mais um recurso de ensino da língua.

O professor tem papel fundamental no processo de ensino das variantes lingüísticas, pois ele pode dar subsídios para que os falantes da língua materna conheçam a diversidade lingüística presente no contexto escolar. Para isso, o professor precisa ser, acima de tudo, reflexivo para as questões relacionadas à variação lingüística. Essa reflexão é adquirida essencialmente por meio de uma formação lingüística.

Embora, nesta pesquisa, não seja nosso objetivo discutir a formação do professor de língua materna, consideramos importante observar que a capacitação do docente é relevante para o trabalho das variantes lingüísticas na sala de aula. Entendemos que, com uma formação voltada para a educação lingüística, o professor tenha condições de trabalhar com a complexidade dos usos da língua. É necessário

que eles sejam preparados com uma sólida fundamentação teórica, para que tenhamos um ensino mais adequado às características do alunado.

Quanto mais sólida em nível teórico-bibliográfico for a formação do professor, mais ele terá condições de compreender as diversidades lingüística e cultural presentes na sala de aula. Nas palavras de Bagno (2002: 116), é indispensável que o professor procure, sempre que possível,

estar a par dos avanços das ciências da linguagem e da educação: lendo literatura científica atualizada, assinando revistas especializadas, filiando-se a associações profissionais, freqüentando cursos em universidade, aderindo a projetos de pesquisa, participando de congressos, levantando suas dúvidas e inquietações em debates e mesas redondas.

Apropriando-se de embasamento teórico consistente e participando de vários eventos que discutem as questões contemporâneas em relação à língua, o professor terá condições de explicar os fenômenos do uso da língua, mostrar aos alunos que existem outras formas de utilização lingüística, além da norma-padrão, e conscientizá-los quanto às variações da Língua Portuguesa.

Na visão de Luft (1995: 99), é preciso que tenhamos um ensino realmente voltado à variação lingüística, o qual requer

professores competentes e seguros, livres e muito bem informados do que ocorre de novo, no campo das pesquisas da língua e linguagem. Não para impingir ao aluno novas teorias, e sim para, junto com o aluno, praticar a língua viva - única maneira de fazer com que o estudante a domine, a maneje melhor e se sinta amo e senhor dela, não seu servo humilhado e inseguro.

As considerações apresentadas nos permitem constatar que, para um ensino direcionado às questões concretas da língua, é preciso que os envolvidos nesse processo, principalmente os docentes, sejam devidamente preparados para transformar a sala de aula em um ambiente propício para trabalhar as diferenças. Talvez o maior desafio do professor seja conhecer cada vez mais os fenômenos da variação lingüística e as conseqüências sociais que essa variação carrega.

Bagno (2002: 70) salienta que o professor precisa, enfim, ser um pesquisador, um curioso, um lingüista, para ter condições de apresentar ao aluno os valores sociais de cada variedade lingüística.

Por outro lado, sabemos da precariedade das escolas públicas e, também, do árduo trabalho do professor. Contudo, ele pode observar as variantes presentes na sala de aula e aproveitá-las em atividades diversificadas como parte da metodologia de ensino. Para Bechara (2000: 24), isso não significa

ampliar a tarefa do professor de língua portuguesa, já de si complexa e difícil, para transformá-lo num professor de cultura geral; mas queremos insistir no fato de que tal professor, com base nas informações de um material que constante e amplamente utiliza em aula, pode, ao lado da educação lingüística que lhe compete especificamente ministrar, oferecer a seus alunos numerosos subsídios ou para diretamente enriquecer a sua cultura nas áreas do saber, ou os estimulando a ler e consultar uma bibliografia especializada para que atinjam essa cultura integral.

No ensino de Língua Portuguesa, deve-se levar para a sala de aula o maior volume possível de usos lingüísticos, de oralidade, de escrita e demais variedades sociais e geográficas, não somente a variante culta. Para isso, entendemos ser fundamental que o professor compreenda a variedade da língua como fenômeno natural de comunicação e proponha atividades pedagógicas que favoreçam a interação das várias expressões lingüísticas. Nessa direção, Cunha (1999: 96) ressalta:

Cabe ao professor, ainda, reconhecer e valorizar a diversidade lingüística, buscando superar as discriminações, consciente de que estará atuando sobre um dos mecanismos de exclusão e cumprindo uma tarefa essencial para a produção da cidadania.

Em síntese, é importante que o professor conheça as diversas variantes presentes na sala de aula, para ter condições de trabalhar com elas, reconhecendo o seu uso e sua relevância. Desse modo, contribuirá para um ensino que contempla tanto a norma-padrão como as demais normas.

2.1.2. Ensino da norma-padrão, ensino com base em estudos sociolingüísticos e oralidade

É fato incontestável que em todo grupo social há sempre a predominância de certos padrões de referência norteadores do modo de agir dos indivíduos no âmbito de uma comunidade e, também, da comunidade no seio da sociedade como um todo. Entendemos que esses padrões comportamentais atuam em duas dimensões distintas: uma que proporciona a uniformidade no sentido de reunir comportamentos diversos, e outra que favorece a existência de focos de diferenciação dos grupos entre si.

As línguas, como as sociedades, sofrem a ação de forças normativas, unificadoras, uma vez que existem formas de expressão e de comunicação hierarquizadas no que se refere a valor e à adequação. Essas formas distintas são orientadas por princípios também diferentes que se agrupam nos vários sentidos do termo *norma*. Em toda comunidade lingüística, podemos perceber sempre a existência de uma norma que é mais valorizada do que outras e se transforma em norma-padrão.

Na nossa sociedade, por exemplo, existe uma nítida divisão. De um lado, há a norma-padrão, considerada um ideal de língua que todos querem alcançar, que está incorporada nos conteúdos pedagógicos. Do outro lado, há um extenso conjunto de variedades da língua, ou seja, a realidade lingüística que se faz presente no uso cotidiano concreto do indivíduo.

Como observamos no capítulo anterior, a norma-padrão culta é considerada a língua de maior prestígio, amplamente aceita e respeitada pela sociedade. É a língua institucionalizada nos dicionários e nas gramáticas, vista, muitas vezes, pela escola, e não só por ela, como a única maneira correta de usar a língua.

Com base em tais informações, não queremos sugerir que a norma-padrão não deva ser ensinada no contexto escolar; pelo contrário, é óbvio que o papel da escola,

como instituição de ensino, é ensiná-la, pois é fundamental que os alunos conheçam e adquiram domínio dessa norma, como mais um meio de interagir em sociedade. Mas também se faz necessário que o educando conheça a riqueza da língua com todas as suas variantes:

Cabe à escola levar os alunos a se apoderar também das regras lingüísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o seu repertório, de modo a permitir a eles o acesso pleno à gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência comunicativa cada vez mais ampla e diversificada – sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade lingüística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade. (Bagno, 2004: 9)

Salientamos, portanto, que é função da escola ensinar a norma-padrão, a norma em que são ditadas as regras da língua (embora as variantes lingüísticas também possuam suas regras de uso), mas também cabe a ela valorizar a língua trazida pelo aluno do seu meio social.

Nessa direção, Luft (1995), Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2002) consideram não ser aceitável que o ensino da língua seja dirigido apenas ao padrão culto, desconsiderando os estudos lingüísticos contemporâneos e insistindo em ignorar as diferenças lingüísticas presentes na sala de aula. Tais estudos, incluídos aí os da Sociolingüística, vêm contribuindo para as pesquisas sobre o uso concreto da língua. Bagno (2002: 14) detalha:

As contribuições das novas disciplinas surgidas dentro de um campo maior da lingüística – sociolingüística, psicolingüística, lingüística do texto, pragmática lingüística, análise da conversação, análise do discurso etc. – ampliaram enormemente o objeto mesmo dos estudos da linguagem: o tradicional exame da 'língua em si' (que se detinha exclusivamente na gramática da frase, considerada apenas em suas dimensões fonético-fonológicas, morfossintáticas e lexicais) deixou de ser o foco exclusivo das investigações científicas da linguagem, que têm se lançado cada vez mais na busca da compreensão dos fenômenos da interação social por meio da linguagem, da relação entre língua e sociedade, da aquisição da língua da criança, dos processos envolvidos no ensino formal da língua, do controle social exercido pelas ideologias veiculadas no discurso etc.

Consideramos essencial a abordagem desses estudos, principalmente, sociolingüísticos, na sala de aula, não apenas porque descrevem as relações existentes entre língua e sociedade, mas também porque permitem levar os alunos a entender os fenômenos da língua e possibilitam oferecer subsídios para que conheçam as outras variantes e saibam que o diferente pode representar apenas as outras faces da mesma língua.

O ensino que considera os estudos lingüísticos contemporâneos distingue-se do tradicional, pois deixa de ser centrado na gramática normativa para enfatizar os usos lingüísticos. Bagno (2002: 32) contribui para essa discussão quando sugere que lhe parece

mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolingüísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos.

As práticas pedagógicas com foco nos usos lingüísticos, de fato, partem de um contexto mais heterogêneo da língua e promovem a reflexão sobre as variedades. Além disso, esse parâmetro de ensino destaca a necessidade de que deve ser respeitado o saber lingüístico de cada um. Consideramos, desse modo, que a prática de tais atividades leve o aluno a perceber a variação lingüística, que pode apresentar resultados positivos quanto à ampliação do seu conhecimento lingüístico, assim como promover a inclusão dessas variantes como uso lingüístico legítimo no contexto escolar.

O fenômeno da variação lingüística que reflete a heterogeneidade da língua ocorre tanto na produção escrita quanto na falada. Nessa última, talvez as variantes sejam mais perceptíveis pelo fato de que ela é adquirida em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas.

Marcuschi (cf. 2004: 17) considera que, embora fala e escrita apresentem características próprias, constituindo práticas e usos da língua, ambas possibilitam a elaboração de textos coesos e coerentes, que podem apresentar variações de formalidade, estilísticas e sociais. A aquisição da língua falada se inicia de forma espontânea na vida cotidiana, na interação face a face entre os interlocutores que se comunicam alternadamente e elaboram o enunciado local e simultaneamente no momento da fala.

Para o autor, a fala é

uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica. (Marcuschi, 2003: 35)

A escrita, por sua vez, é construída de forma solitária, sem a presença de um interlocutor, utilizando sinais gráficos, podendo ser reelaborada. Desse modo, dizemos que, ao escrever, dispomos de mais tempo do que na conversação. Podemos revisar o texto, corrigindo os erros e eliminando passagens desnecessárias.

Considerando o fato de que fala e escrita apresentam peculiaridades de realização, Fávero, Andrade & Aquino (2003: 74) afirmam que, ao se estabelecerem relações entre ambas, é preciso considerar as condições de produção, já que elas “possibilitam a efetivação de um evento comunicativo e são distintas em cada modalidade”. A fim de esclarecer como se realizam tais condições, as autoras propõem o seguinte quadro:

QUADRO Nº3
CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DAS LÍNGUAS FALADA E ESCRITA

FALA	ESCRITA
Interação face a face	Interação à distância (espaço-temporal)
Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção	Planejamento anterior à produção
Criação coletiva: administrada passo a passo	Criação individual
Impossibilidade de apagamento	Possibilidade de revisão
Sem condições de consulta a outros textos	Livre consulta
A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	A reformulação é promovida apenas pelo escritor
Acesso imediato às reações do interlocutor	Sem possibilidade de acesso imediato
O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor
O texto mostra todo o seu processo de criação	O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado

Fonte: Fávero, Andrade & Aquino (2003: 74)

A propósito especificamente de tais condições de produção, dizemos que tanto a fala quanto a escrita são estruturalmente diferentes porque divergem quanto ao modo de aquisição e ao método de produção e de transmissão. A fala é normalmente adquirida sem instruções formais (em família, grupos sociais etc), enquanto a escrita tem de ser conscientemente apreendida, geralmente na escola. Assim, além dos recursos básicos de produção (o som de um lado e a grafia de outro), no que se refere à diferença estrutural entre as duas, ambas apresentam características específicas relativas ao modo de aquisição, transmissão, recepção e organização estrutural.

Embora a fala apresente uma forma espontânea de manifestação, isso não significa que ela seja elaborada de modo desorganizado. A língua falada é formada por uma estrutura específica, a fim de obter uma comunicação eficiente. Assim, por exemplo, ela se organiza por tópico conversacional, enquanto a escrita é organizada em parágrafos.

Como foi possível perceber, fala e escrita possuem cada uma suas características. No entanto, como já apontou Marcuschi (2004), observá-las dicotomicamente é uma postura a se evitar, uma vez que ambas fazem parte de um *continuum* e devem ser vistas como fundamentais no contexto das práticas comunicativas.

Nessa conjuntura, julgamos importante que a língua falada seja efetivamente incorporada nas atividades escolares, como uma maneira de o aluno ter contato com as diferentes produções e não apenas com a língua escrita. Em relação à inserção da língua falada em sala de aula, Castilho (2004: 21) pondera que ela é fundamental para a adequada formação lingüística do cidadão democrático:

A proposta se fixa na língua que adquirimos em família, como um ponto de partida mais autêntico. Com ela nos confundimos, e nela encontramos nossa identidade. Ver considerado na escola seu modo próprio de falar, ser sensibilizado para a aceitação da variedade lingüística que flui da boca do outro, saber escolher a variedade adequada a cada situação – estes são os ideais da formação lingüística do cidadão numa sociedade democrática.

Além disso, trabalhar com a oralidade possibilita aos professores levar os alunos a observar situações de usos variados da língua e refletir sobre preconceitos lingüísticos em relação à fala, que são comuns. Não se trata de ensinar a falar, porque, na verdade, o aluno já possui essa habilidade, mas de analisar a língua falada, ou seja, a língua em uso. Sobre isso, Marcuschi (2004: 24) acrescenta:

A visão monolítica da língua leva a postular um dialeto da fala padrão calcado na escrita, sem maior atenção para as relações de ‘influências mútuas’ entre fala e escrita. Certamente, ‘não se trata de ensinar a falar’. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de ‘usos’ da língua (...). Assim, entre muitas outras coisas, a abordagem da fala permite entrar em questões geralmente evitadas no estudo da língua, tais como as de ‘variações’ e ‘mudanças’, dois pontos de extrema relevância raramente vistos.

Para que a oralidade possa constituir material de estudo no ensino de Língua Portuguesa, é fundamental que o professor leve para a sala de aula o maior número possível de textos orais. Salazar (2007: 84) considera que é preciso criar condições e metodologias específicas para o trabalho com o oral em sala de aula para que

essa modalidade da língua venha a adquirir, paulatinamente, o mesmo respeito que o texto escrito adquiriu dentro da tradição grafocêntrica, no âmbito escolar e fora dele.

Queremos destacar que o ensino da língua materna deve estar voltado tanto para a língua escrita quanto para a oral, pois ambas são essenciais para o desenvolvimento da competência lingüística do aluno. Muitas vezes, o que ocorre no contexto escolar é a valorização demasiada da escrita, sendo que é na língua oral que a variação lingüística pode ser mais perceptível. Portanto, um ensino que seja realmente inclusivo deve voltar-se também para a língua falada.

2.2. Educação de Jovens e Adultos (E.J.A.)

O ensino no Brasil é dividido em dois níveis distintos: educação básica e superior. A educação básica, nosso objeto de estudo, compreende a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. Tanto o ensino fundamental quanto o ensino médio podem ter como modalidade educacional a Educação de Jovens e Adultos (E.J.A.).

A E.J.A. é de curta duração, cada ano letivo corresponde a um semestre. Ela é destinada àqueles alunos que não tiveram acesso aos estudos na idade própria ou que não tiveram a oportunidade de concluí-los. Nessa perspectiva, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 9394/96) no artigo 37 rege:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Assim, é dever do Estado oferecer uma educação escolar pública regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo, ainda, aos que forem trabalhadores as condições de

acesso à escola e permanência nela. Por essa razão, ela é oferecida, especialmente, no período noturno.

A E.J.A. é uma modalidade educacional diferenciada, que tende a responder às necessidades do aluno matriculado, visto que se levam em conta a diversidade e a identidade dos indivíduos a quem se destina o curso. A esse respeito, o Conselho Nacional de Educação (CNE, 2000: 2) evidencia que

a identidade própria da Educação de jovens e adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio.

A proposta do Conselho Nacional de Educação é pertinente já que o campo da E.J.A. é bastante amplo, heterogêneo e complexo, diferentemente de outras modalidades de educação, que se apresentam mais unificadas, principalmente no que diz respeito à idade.

Outro diferencial da E.J.A. é que ela ultrapassa o âmbito escolar, ou seja, muitas instituições como as associações de bairro, as igrejas e os sindicatos oferecem também essa modalidade de educação para suprir a demanda que busca esse curso. Por vezes, o número de vagas oferecido pelas escolas é insuficiente, pois a quantidade de jovens e adultos é muito superior em relação às vagas. Isto pressupõe que muitos alunos procuram essa modalidade educacional visto que atende as suas necessidades.

Para entendermos hoje a estrutura educacional da E.J.A., é preciso mostrar brevemente o percurso histórico que essa modalidade percorreu. Cabe mencionar que, de início, a E.J.A. tinha como público-alvo apenas aquelas pessoas não escolarizadas, consideradas analfabetas. Após algum tempo, foi dada a oportunidade àqueles que não conseguiram finalizar seus estudos.

A educação para adultos no Brasil surgiu a partir da década de 30, período em que se iniciaram grandes campanhas para erradicar o analfabetismo, considerado na época como um grande mal que atingia boa parte da população.

Surgiu então, na década de 50, uma nova visão sobre o problema do analfabetismo e a consolidação de um novo programa pedagógico para a educação de adultos, tendo como principal articulador desse programa o educador pernambucano Paulo Freire. Esse programa estava comprometido, sobretudo, com o social e foi um grande passo para os projetos de educação popular em algumas regiões do país.

Em concomitância, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização que se tornou amplamente conhecido por todo o Brasil. O paradigma pedagógico que se construiu nessas práticas baseava-se num novo entendimento da relação entre a problemática educacional e a social.

Nessa visão, a educação de base de adultos deveria partir sempre de um exame crítico da realidade social dos educandos e da identificação das origens de seus problemas. Além dessa dimensão social, as práticas pedagógicas estavam relacionadas ao comprometimento com o conhecimento prévio dos educandos. Os alunos deveriam ser reconhecidos como homens e mulheres produtivos, que possuíam uma cultura. A proposta educacional de Paulo Freire estava relacionada a uma educação conscientizadora, que se desenvolveu em um conjunto de procedimentos pedagógicos. Entre as práticas pedagógicas, destacamos o uso de cartilhas. Essa nova prática ficou conhecida como “método Paulo Freire”⁶.

No entanto, com o golpe militar de 1964, os programas, movimentos e campanhas de alfabetização foram extintos pelo governo, pois eram vistos como uma ameaça. Só era permitida a realização de programas de alfabetização de adultos

⁶ Uma descrição completa do método Paulo Freire pode ser encontrada no livro *O que é método Paulo Freire*, de Carlos Rodrigues Brandão (2ª ed., Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Brasiliense, 1981).

assistencialistas e conservadores. Na década de 70, o próprio governo assumiu o controle dessa atividade criando o Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização.

O Mobral pode ser visto como uma campanha permanente de alfabetização e de educação continuada destinada a adolescentes e adultos. As orientações metodológicas e os materiais didáticos do Mobral reproduziram alguns procedimentos consagrados nas experiências do método Paulo Freire, mas distanciando-os de todo sentido crítico e problematizador. Durante a década de 70, o Mobral expandiu-se por todo o território nacional. Esse programa dava acesso à continuidade de estudos para os recém-alfabetizados, assim como para os chamados analfabetos funcionais, pessoas que dominavam precariamente a leitura e a escrita.

Além do Mobral, criaram-se iniciativas como, por exemplo, os estudos supletivos, destinados para aqueles educandos que concluíam o Mobral. Dessa forma, os alunos poderiam continuar seus estudos após as séries iniciais do ensino fundamental.

Desacreditado nos meios políticos e educacionais, o Mobral foi extinto em 1985 e substituído pela Fundação Educar, a qual estava sob as competências do MEC; no entanto, não executava diretamente os programas educacionais, passando a apoiar financeira e tecnicamente as iniciativas de governos, entidades civis e empresas a ela conveniadas.

Na década de 90, com a extinção da Fundação Educar, desaparece também o Ensino Supletivo. Assim, criou-se uma carência em termos de políticas para a Educação de Adultos. Embora alguns estados, municípios e organizações da sociedade civil tenham assumido a responsabilidade de oferecer programas educacionais, a oferta ainda era mínima em relação à demanda.

A história da educação de jovens e adultos no Brasil chega à década de 90, com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96 (vigente até hoje), buscando a consolidação de reformulações pedagógicas que, aliás, vêm se mostrando

necessárias na educação básica. Do público que tem procurado os programas para jovens e adultos, uma ampla maioria é constituída de pessoas que já tiveram passagens fracassadas pela escola, entre elas, muitos jovens e adultos recém-excluídos do sistema regular.

Assim, surge a E.J.A. com o intuito de oferecer aos indivíduos a possibilidade de elevação na sua escolaridade e acesso à cultura, que possibilite aos jovens e adultos uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e no exercício da sua cidadania.

2.2.1. Perfil do aluno da E.J.A.

As classes da E.J.A. são consideradas heterogêneas, devido à diversidade dos alunos que freqüentam o curso. Nessas classes, encontramos alunos de diferentes faixas etárias, de distintas regiões do país, com formação e culturas diversas.

Segundo o Parecer de Educação Básica (CEB 15/98), os educandos da E.J.A. têm o seguinte perfil:

São adultos ou jovens adultos, via de regra mais pobres e com vida escolar mais acidentada. Estudantes que aspiram a trabalhar, trabalhadores que precisam estudar, a clientela do ensino médio tende a tornar-se mais heterogênea, tanto etária quanto socioeconomicamente, pela incorporação crescente de jovens adultos originários de grupos sociais, até o presente, sub-representados nessa etapa da escolaridade.

Podemos perceber, então, que são indivíduos que geralmente trabalham ou buscam essa modalidade de educação para ingressar no mercado de trabalho. São pessoas que enfrentam em seu cotidiano inúmeras dificuldades devido à pouca escolaridade e, por conseguinte, à falta de formação.

É oportuno lembrar que a E.J.A. é uma modalidade diferenciada, principalmente em relação ao curso regular. Essa distinção é mais evidente quanto ao perfil dos alunos. Isso porque:

- os alunos da E.J.A., geralmente, trabalham ou já trabalharam, diferentemente do aluno do curso regular que, por ser mais jovem, não possui ainda a experiência profissional;
- os alunos da E.J.A. são considerados “atrasados”. Esse fator ocorre porque esses educandos passam muito tempo fora da escola e, ao retornarem, têm muita dificuldade de acompanhar os conteúdos, portanto sentem-se inseguros e inferiores em relação aos outros alunos;
- o jovem e o adulto matriculado na E.J.A. exerce a função de aluno naquele espaço físico. No entanto, a multiplicidade de atividades realizadas por esse aluno fora do contexto escolar gera um maior número de funções exercidas por ele. Em outras palavras, um mesmo aluno, nos diversos domínios e esferas de sua atuação social, desempenha funções diferenciadas, tais como: trabalhador, pai de família, dona de casa, mãe etc., o que o torna distinto dos demais alunos das diversas modalidades de educação.

Desse modo, a heterogeneidade desse público merece atenção cuidadosa, pois a essa modalidade educacional se dirigem adolescentes, jovens e adultos, cujas faixas etárias são diversificadas com suas múltiplas experiências de trabalho, de vida e de situação social.

Considerando a diversidade desse público, deve ser objetivo da E.J.A., como de outras modalidades educacionais, possibilitar ao educando reflexão e posicionamento crítico em relação à realidade social, sempre tendo como ponto fundamental o respeito à idade, às experiências, às dificuldades e à cultura desses indivíduos.

Devem ser, também, compreendidas as práticas culturais e valores já constituídos pelos educandos, dando condições a eles de colocar em prática o que aprenderam "fora" dos bancos escolares e, acima de tudo, reconhecer o aluno-adulto como sujeito da construção do conhecimento.

Essas posturas devem ser uma das características essenciais dessa modalidade de educação. Identificar, conhecer e valorizar tais diversidades é o princípio para se produzir uma educação sem preconceitos e justa para todos.

Nessa variedade de culturas presente no ambiente escolar da E.J.A., evidenciamos a procedência dos alunos de diferentes estados brasileiros. Esses alunos buscam na migração e nessa modalidade de educação uma oportunidade de crescimento, como veremos a seguir.

2.3. Movimento migratório em São Paulo

A migração nordestina é uma realidade que está presente em vários espaços sociais da cidade de São Paulo. Embora nosso intuito não seja realizar uma pesquisa de caráter sociológico, mas sim lingüístico, entendemos que seja fundamental evidenciar o processo migratório nordestino, já que, neste estudo, observamos o vocabulário utilizado pelos alunos nordestinos na sala de aula.

O tema da diversidade lingüística e da variante nordestina em sala de aula nos leva, assim, a realizar a contextualização de como se dá a migração para os grandes centros urbanos, destacando a cidade de São Paulo que recebe diariamente inúmeros migrantes.

Migrar significa mudança de domicílio, que pode ocorrer dentro ou fora dos limites regionais. A migração pode acontecer por vários motivos: políticos, regionais, econômicos e sociais. Além disso, essa mudança pode ser passageira ou definitiva e

pode suceder-se de forma externa (quando um indivíduo se desloca de seu país para outro) ou interna (quando o deslocamento se dá dentro do mesmo país).

Mostraremos um levantamento empírico da migração interna na cidade de São Paulo com destaque à migração nordestina. Foram levantados junto às instituições de pesquisa dados estatísticos que revelam o elevado índice de nordestinos na capital paulista. Segundo os resultados da pesquisa do IBGE (2002), entre 1991 e 2000, 3,4 milhões de pessoas migraram dentro do próprio território brasileiro. A Região Nordeste é a campeã em fluxo migratório: foram 1.457.360 saídas entre 1995 e 2000. O principal destino dos migrantes nordestinos é a Região Sudeste, que recebeu 1.546.192 dos migrantes, o que representa 70,9% da migração no Brasil. O quadro a seguir ajuda a ilustrar o número de saídas e entradas de migrantes por regiões no início dos anos 90 e 2000:

QUADRO Nº4
MIGRAÇÃO POR REGIÕES

Censo demográfico 1991 e Tabulação avançada do Censo demográfico 2000

Migração por Regiões - Brasil, 1991/2000				
Regiões	Saídas		Entradas	
	1991	2000	1991	2000
Norte	277298	285422	408516	318464
Nordeste	1354449	1.457360	477915	623960
Sudeste	786796	950797	1426934	1.546192
Sul	470654	338628	285264	338043
Centro-Oeste	336717	387911	627285	593459

Fonte: IBGE (2002). www.ibge.org.br

De acordo com as informações apresentadas no quadro 4, podemos perceber que o Sudeste é a região que apresenta o maior número de entradas de migrantes. De 1991 a 2000, esse número aumentou em relação às outras regiões brasileiras que apresentaram números inferiores. Ao mesmo tempo, podemos observar que o

Nordeste é a região que mais apresentou saída de migrantes. Isso nos leva a entender que muitos nordestinos deixam a sua terra natal em direção à Região Sudeste.

A Região Nordeste é composta por nove estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Desses Estados, vêm diariamente inúmeros cidadãos para a Região Sudeste, principalmente para a cidade de São Paulo, o que pode ser comprovado no quadro 5:

QUADRO Nº5
NÚMEROS DE MIGRAÇÃO DOS ESTADOS DO NORDESTE EM DIREÇÃO
A SÃO PAULO

ESTADO DE RESIDÊNCIA ANTERIOR	1970/80	1981/91	1990/2000
PIAUI	58.315	80.976	109.354
ALAGOAS	96.693	4.287	142.461
CEARÁ	175.062	191.384	163.811
PERNAMBUCO	366.585	327.338	331.071
BAHIA	447.928	443.439	652.208

Fonte: IBGE (2002) - Censo demográfico 1980, 1991 e 2000 - www.ibge.org.br

Embora o Nordeste seja composto por nove estados, o quadro apresentado mostra apenas aqueles que revelaram o maior índice de migração interna. O Estado da Bahia seguido de Pernambuco são os que registram a maior quantidade de saída. Esses dados possibilitam-nos observar que, principalmente nesses estados, os indivíduos enfrentam situações de sobrevivência precária em razão de falta de empregos, de oportunidades de educação, de tratamento de saúde e de recebimento de baixos salários. Esses são os principais fatores que fazem seus habitantes, vindos de classes menos favorecidas, deslocarem-se de sua terra em busca de uma perspectiva de vida melhor.

Entendemos que a escolha pela capital paulista se dê pelo seu crescimento civil e industrial e pela tradição de que é grande geradora de renda e empregos. Para o

nordestino, ir para uma cidade grande não representa fazer turismo mas sim realizar um sonho, viabilizar uma oportunidade.

Há décadas, o fluxo migratório Nordeste/São Paulo vem ocorrendo em grande quantidade, o que acarreta uma superlotação na capital. O excesso de migrantes causa, para a cidade e para a população migrante, dificuldades incalculáveis, aumento de favelas, de violência e de desempregados. Por essa razão, o movimento migratório para São Paulo sempre foi visto de forma negativa e, conseqüentemente, a população vinda de outros Estados muitas vezes é marginalizada.

Nesse contexto, a migração tende a ser um problema social, pois a cidade recebe diariamente um número extenso de migrantes. Esses indivíduos, geralmente, não possuem formação educacional e são considerados mão-de-obra desqualificada. Muitos desses migrantes exercem funções rejeitadas pelos indivíduos da capital paulista, de tal forma que os migrantes inseridos na composição da estrutura ocupacional da cidade são, sobretudo, incorporados em ocupações menos qualificadas e mal remuneradas, conforme afirma Alves (1979: 12):

A maioria, vinda do interior, dificilmente consegue se integrar dadas as barreiras que encontram, quer quanto a emprego, quer quanto a habitação, etc. (...). Os que conseguem emprego na capital lutam com dificuldade por falta de qualificação profissional e pelo nível de instrução deficiente. Em desigualdade de condições, ocupam postos de baixo prestígio social: faxineiros, guardas-de-segurança, serventes de pedreiro, porteiros, pintores de parede, empregadas domésticas, engraxates, lavadeiras, etc. e, como conseqüência, são mal remunerados.

Tais fatos são confirmados na Pesquisa de Padrão de Vida, feita pelo IBGE (2002), na qual se aponta que, entre os nordestinos que chegam ao Sudeste, 48,6% exercem trabalhos manuais não qualificados, 18,5% são trabalhadores manuais qualificados, enquanto 13,5%, embora não sejam trabalhadores manuais, estão em áreas que não exigem formação profissional. O mesmo estudo indica também que esses migrantes possuem, em média, condição de vida e nível educacional acima de seus conterrâneos e abaixo dos cidadãos estáveis do Sudeste.

Outro problema encontrado pelos nordestinos na cidade de São Paulo é a crise de valores. Embora não nos detenhamos a essa questão, sabemos que o nordestino possui em sua terra natal seus costumes, suas crenças e sua cultura, não menos valiosos, mas que são diferentes dos da cidade para onde se desloca. Muitas vezes, essas culturas se relacionam, causando estranhamento, principalmente, para os indivíduos da capital paulista. Esse estranhamento provoca, geralmente, risos e preconceito. O nordestino é desvalorizado pela sociedade local e considera que há uma relação de desigualdade em relação ao povo paulistano, sentindo-se dominado e humilhado.

A migração nordestina é uma realidade, que está presente também no contexto escolar, conforme veremos no capítulo a seguir, em que trataremos do vocabulário nordestino falado pelos alunos da E.J.A.

CAPÍTULO III

VARIANTE NORDESTINA NA SALA DE AULA DA E.J.A.

3.1. A Amostra

A pesquisa foi realizada numa escola pública estadual, localizada na zona sul de São Paulo, com alunos das três séries do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos. Esses alunos têm entre 18 a 47 anos, são de ambos os sexos e pertencem a distintos Estados do nordeste brasileiro (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe).

Devido à heterogeneidade dos alunos da E.J.A., seria possível realizar uma análise sociolinguística mais abrangente, destacando, por exemplo, a diversidade de faixa etária que é um diferencial dos alunos dessa modalidade de educação; entretanto, nesta pesquisa, adotamos como objeto de estudo as variações linguísticas no que concerne à área geográfica.

Para a realização da análise, foram levantadas expressões relacionadas à variante do aluno nordestino, coletadas em encontros formais na sala de aula. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas. São 13 amostras gravadas individualmente, que totalizaram 3 horas de registro em fitas de áudio. Todos os encontros aconteceram nas dependências da escola. Antes de reunir os entrevistados, foi feito um levantamento nas salas de aula acerca da quantidade de alunos que migraram da Região Nordeste. Constatamos que cada uma das dez salas pesquisadas possuía em média quarenta alunos freqüentes; desse total, aproximadamente 60% eram nordestinos, o que veio confirmar o que discutimos no capítulo II: os jovens e adultos nordestinos, ao migrarem para São Paulo, buscam, além de encontrar oportunidades de trabalho e de uma vida melhor, continuar ou finalizar seus estudos, optando pela E.J.A., um curso de curta duração.

Isso significa que teríamos um número de alunos muito extenso; dessa forma, foi efetuada a seleção dos entrevistados: delimitamos em média quatro alunos de cada ano letivo. Procuramos entrevistar, pelo menos, um aluno de cada estado do Nordeste, pois entendemos que, mesmo pertencendo à mesma região, os vocábulos podem

variar de estado para estado. Na escolha dos informantes, demos preferência àqueles que vieram para São Paulo jovens ou adultos, isso porque consideramos que os que vieram ainda crianças poderiam contribuir pouco ou nada para a composição da amostra, uma vez que tiveram pouco contato com a variante nordestina no estado de origem.

A amostra é constituída pelas entrevistas concedidas pelos alunos migrantes selecionados que possuem a características apresentadas no Quadro 6, a seguir:

QUADRO 6
INFORMANTES

INFORMANTE	NATURALIDADE	TEMPO DE MORADIA EM SÃO PAULO	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE
A	Bahia	5 anos	24	masculino	1º ano
B	Pernambuco	11 anos	31	feminino	3º ano
C	Piauí	16 anos	40	feminino	2º ano
D	Alagoas	20 anos	47	masculino	3º ano
E	Alagoas	4 anos	18	feminino	1º ano
F	Paraíba	4 anos	19	masculino	1º ano
G	Maranhão	1 ano e 6 meses	19	feminino	1º ano
H	Bahia	20 anos	31	feminino	2º ano
I	Bahia	26 anos	44	feminino	2º ano
J	Sergipe	11 anos	34	feminino	1º ano
L	Paraíba	5 anos	26	masculino	3º ano
M	Ceará	8 anos	37	feminino	3º ano
N	Rio Grande do Norte	14 anos	41	masculino	2º ano

Durante os encontros, o contato foi plenamente satisfatório. Foi possível perceber que os informantes estavam interessados em colaborar com a pesquisa e se sentiam privilegiados em saber que sua variante se tornara objeto de estudo.

O contato com o material coletado foi constante: a partir da gravação das entrevistas, inúmeras audições das gravações foram feitas assim como a transcrição dos dados. As normas de transcrição obedeceram ao modelo proposto pelo NURC – Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo⁷

3.1.1. Entrevista

A entrevista é uma metodologia utilizada em pesquisas essencialmente qualitativas. Ela é caracterizada como um encontro entre duas ou mais pessoas, sendo que uma dessas, o entrevistador, obtém informações sobre determinado assunto. Além disso, é direcionada por curtos diálogos em que perguntas e respostas se sucedem.

Num contexto de entrevista, o pesquisador é o direcionador desse processo: é ele quem escolhe o tema de estudo. O entrevistado tem papel fundamental, pois ele é o dono de um conhecimento essencial para o pesquisador. O pesquisador/entrevistador cria expectativas em relação ao informante. Espera que ele seja alguém disposto a conceder informações desejadas e precisas para compor o estudo. O entrevistado, na maioria das vezes, sente-se privilegiado, por poder colaborar, por falar e ser ouvido, por se sentir útil e respeitado.

De forma resumida, Szymanski (2004: 12) explica:

A entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado. Quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas para aquela situação. A intencionalidade do pesquisador vai além da mera busca de informações; pretende criar uma situação de confiabilidade para que o entrevistado se

⁷ Conforme normas de transcrição em anexo (p. 113)

abra. Deseja instaurar credibilidade e quer que o interlocutor colabore, trazendo dados relevantes para seu trabalho.

Observamos, portanto, que a entrevista é uma metodologia de pesquisa importante, pois é possível por meio dela registrar percepções que envolvem entrevistador e entrevistado. O entrevistador estabelece um método que lhe possibilita buscar informações necessárias para compor a pesquisa; o entrevistado, por sua vez, possui as informações pertinentes sobre o que se quer investigar.

Utilizamos um roteiro de perguntas previamente elaborado, porém não aplicado rigidamente. Esse roteiro constitui-se de uma relação de questões abertas, que possibilitam ao entrevistado conceder informações mais ricas e variadas.

As perguntas foram divididas em três partes: a primeira é constituída por questões pessoais que mostram o perfil do informante; a segunda, de perguntas relacionadas ao vocabulário e à variante lingüística dos informantes e a terceira, por questões que se referem a informações sobre o tratamento dado às variantes nordestinas na sala de aula na visão do aluno:

1ª Parte

1. Nome:
2. Idade:
3. Naturalidade:
4. Sexo:
5. Escolaridade:
6. Estado civil:
7. Profissão:
8. Há quanto tempo mora em São Paulo?
9. Por que veio morar em São Paulo?
10. O que pensava de São Paulo, antes de vir para cá?

11. Logo que chegou a São Paulo e teve contato com a cidade e com as pessoas, como se sentiu? O que pensou?
12. Como é recebido, em São Paulo, o nordestino que vem à procura de emprego e melhores condições de vida?
13. Por qual motivo retornou aos estudos?
14. Por que escolheu a E.J.A.?

2ª Parte

15. Como você vê o modo de falar nordestino?
16. Já aconteceu de você aqui em São Paulo, reconhecer as pessoas da sua cidade simplesmente ouvindo-as falar?
17. Você acredita que, estando aqui em São Paulo, as pessoas podem saber de onde você é, devido ao vocabulário que você utiliza?
18. Quando você compara o vocabulário (por exemplo, palavras que denominam coisas, objetos, comida etc.) das pessoas de sua terra, com o vocabulário das pessoas de São Paulo, você percebe muitas diferenças? Quais?
19. Há algum vocábulo que você utiliza com frequência em sua casa, com seus familiares e, conseqüentemente, usa na escola?
20. Já ocorreu de você estranhar alguma expressão falada em São Paulo em razão de ela ser conhecida de outra maneira em seu estado de origem?
21. Você já sofreu preconceito pelo seu modo de falar?
22. Você gostaria de falar como as pessoas de São Paulo? Por quê?
23. Você acredita que sua fala mudou depois que você chegou em São Paulo?

3ª Parte

24. Você percebe que a sua fala desperta interesse de estudo nas aulas de Língua Portuguesa?
25. O professor de Língua Portuguesa trabalha com a variação em suas aulas?
26. Por qual motivo os professores não trabalham a variação lingüística na sala de aula?
27. Em algum momento, as variantes dos alunos foram utilizadas para exemplificar os fenômenos da língua?
28. Você acredita que seria importante uma aula direcionada a esse assunto? Por quê?
29. Você acha que a maneira como os alunos se expressam, em particular aqueles que vieram de regiões nordestinas, é respeitada pelos colegas e professores? Comente.

3.2. Análise

Como um dos propósitos deste trabalho é verificar as variantes nordestinas faladas pelos alunos da E.J.A., a análise que apresentamos busca resposta para a pergunta expressa na introdução: *Qual a visão do aluno migrante em relação ao tratamento dado à variante nordestina nas aulas de Língua Portuguesa?*

Os dados apresentados serão organizados em dois tópicos:

- *ocorrência do vocabulário nordestino em sala de aula da E.J.A.* (item 3.2.1);
- *tratamento dado à variante nordestina, na visão do aluno, em sala de aula* (item 3.2.2).

O segundo tópico será dividido, ainda, em subtópicos para possibilitar a apresentação mais detalhada das análises realizadas.

O critério estabelecido é o de que cada tópico é tratado em seu devido tempo e os trechos selecionados dos entrevistados estão de acordo com isso. Dessa maneira, o número selecionado de respostas dos informantes pode variar. Se, por exemplo, em um dos tópicos, o total de treze depoimentos apresentar elementos passíveis de análise, todos serão considerados. Em contrapartida, um outro tópico poderá apresentar um número inferior de respostas a serem analisadas. Desse modo, em princípio, não há, em cada tópico, um número de respostas predefinido para se trabalhar.

3.2.1. Ocorrência do vocabulário nordestino em sala de aula da E.J.A.

A língua é uma das propriedades do patrimônio sociocultural da sociedade. Cada sociedade tem seus costumes, sua tradição e sua cultura, que é representada pela língua. Essa diversidade pode ser manifestada pelo vocabulário, que é o conjunto de palavras utilizado pelo indivíduo no momento da fala, o que expressa a ampla e complexa variedade sociocultural.

É fundamental, para se realizar uma pesquisa Sociolingüística, que a variante lingüística ocorra livremente numa conversação espontânea e seu uso possa ser estabelecido em contextos não estruturados. Na amostra, verificamos a ocorrência de (01) e (02):

(01)
 Inf.: “ *éh::: engraçado podia falar né? eu digo assim... é... tipo assim... éh:: éh:: falar as coisa de lá ... o meu marido mesmo fala tudo errado e vive reclamando que as pessoa vive mangando dele...*”
 Ent.: *mangando... você acabou de usar uma expressão regional...*
 Inf.: **ah::: é?**
 (Informante C / linhas 64 a 68)⁸

(02)
 Inf.: “*ah::: eu acho que pelos professores talvez... pelos alunos... não sei não (risos) tem alguns que até caçoa da gente...*”
 Ent.: *você acabou de usar uma expressão... caçoa*
 Inf.: **é? (risos)... não disse? sem perceber a gente usa mesmo...**
 (Informante I/ linhas 60 a 63)

Durante a realização das entrevistas, os informantes utilizaram expressões típicas de sua região, espontaneamente, sem serem direcionados, o que confirma o uso efetivo desses itens lexicais, fato que comprova a ocorrência da variação lingüística no contexto escolar.

⁸ Nos registros das entrevistas em que ocorrer a participação do entrevistador e entrevistado, adotamos a abreviação “ent.” para o entrevistador e “inf.” para o informante. Nos excertos em que houver apenas a fala do informante, não utilizamos essa forma de identificação, mas explicitamos quem é o informante (ex.: informante A).

No depoimento (01), o informante utiliza naturalmente a palavra *mangando*, que significa zombar, dar risada, e que é utilizada em vários estados do Nordeste, como, por exemplo, Alagoas, Bahia e Piauí. Ao ser alertado pelo entrevistador, a respeito de tal uso, ele se mostra surpreso, pois, para o próprio informante, não há um monitoramento de usos lingüísticos, principalmente de vocabulários regionais no ambiente escolar. Da mesma forma, ocorreu no segmento (02), em que o informante utilizou a expressão *caçoa*⁹, que também está relacionada a dar risada, achar graça de algo, e que é tratada como típica do estado do Nordeste. Percebendo o uso espontâneo de uma expressão típica nordestina, ele admite que a utilização desses vocábulos é inevitável numa conversação: “...*não disse? sem perceber a gente usa mesmo...*”

Temos ainda as seguintes falas espontâneas:

(03)

“ *não muita gente tem preconceito... fica **caçoando da gente**... isso eu sofri muito...* “

(Informante E / linha 10)

(04)

Inf.: “(...) *normal... normal se quiser **mangar de mim manga**... se achar que tá feio...*”

Ent.: *você acabou de usar uma expressão do nordeste...*

[

Inf.: *éh::: (risos)*

(Informante M/ linha 34)

O comportamento lingüístico dos informantes (o uso de *caçoar* e *mangar*) ilustra que, nas mais variadas situações em sala de aula, as variantes regionais são utilizadas de forma espontânea. Tais exemplos vêm corroborar o fato de que o vocabulário nordestino faz parte da rotina comunicativa dos alunos nordestinos da E.J.A.

⁹ Embora o vocábulo *caçoa* seja utilizado em várias regiões do Brasil, inclusive em São Paulo, mas é evidenciada aqui, de acordo com a contribuição do informante, como típica do Nordeste.

Como vimos nos estudos da variação lingüística, a Língua Portuguesa, assim como as outras línguas naturais, apresenta alto grau de variabilidade, devido à grande extensão territorial do país, que gera as diferenças lingüísticas. As diferenças refletem os mais variados modos de falar, de acordo com o meio social e o espaço físico.

O vocabulário regional colabora para compor a diferença lingüística, pois se configura como um sistema constituído por um determinado grupo de palavras que reproduz as especificidades da língua de determinadas regiões. Em relação à diversidade lingüística, fizemos a seguinte pergunta aos informantes: *Quando você compara o vocabulário (por exemplo, palavras que denominam coisas, objetos, comida etc.) das pessoas de sua terra, com o vocabulário das pessoas de São Paulo, você percebe diferenças? Quais?* (pergunta 18, 2ª parte do roteiro)

Entre as respostas dos informantes, verificamos, como mostrado nas seqüências (05), (06), (07) e (08), que os informantes revelam ter consciência dessa diferença:

(5)

*“ vixi Maria lá na minha terra tinha **CANjica** a canjica aqui o nome é:: **curau**... tem também a:: lá ninguém sabe mandioca lá mandioca é um **aipim** é outro aí:: aqui é mandioca o pessoal não costuma chamar **aipim** é diferente”*

(Informante A/ linhas 33-35)

(6)

*“tem... **mandioca lá é macaxei::ra**... éh:: **abóbora lá é jerimum**... tem outras coisas que eu não estou lembrando...”*

(Informante B / linhas 41e 42)

(7)

*“assim tipo:: **manguzá**... lá nós conhece ... aqui fala arroz doce né? ... a mandioca aqui... é macaxeira lá... a abóbora aqui... é jerimum...”*

(Informante L/ linhas 31e 32)

(8)

*“frango né... **lá chama galeto... só galeto... tem outro nome... pé-de-moleque (risos) é bolo aqui... ah::: frango grande é capão”***
 (Informante N/ linhas 20 e 21)

Em (5), (6), (7) e (8), respectivamente, as palavras *canjica*, *aipim*, *macaxeira*, *jerimum*, *mancuzá*, *galeto* e *capão* estão relacionadas a alimentos típicos do Nordeste e foram lembradas pelos informantes como uso característico daquela região. A variante regional, facilmente notada pelo vocabulário, é percebida nos significados distintos que algumas palavras podem assumir em diferentes regiões do país e até na mesma região, conforme mostram os próprios informantes.

Temos ainda nas seqüências (09), (10), (11) e (12) exemplos da dimensão regional na língua:

(09)

*“me lembro... oh::: aqui/ por exemplo né... a pessoa tira sarro **lá no nordeste lá em Alagoas é mangar “está mangando de mim”... um dia tava andando/ que nem uma vez fui andando na Paulista aí eu dei um tropeção aí eu cheguei na firma e **disse que levei uma tropada**”***
 (Informante D/ linhas 29 a 33)

(10)

*“(...) sim ... deixa eu ver... **açaí ... que é uma fruta bem conhecida lá no Maranhão que tem outro nome lá ... juçara tem aquela outra... graviola... né?... que conhecida como jacama... quando cheguei na escola...estranhei MUlto as pessoas falar viado (risos) **lá no Maranhão bichinha ... viado a gente fala pachá e joli”*****
 (Informante G/ linhas 37 a 39)

(11)

*ah::: **tipo terreiro né aqui é quintal... lá só fala terreiro... éh::: **varanda a gente lá na Bahia fala rol... no:::ssa é tudo muito diferente...lá na Bahia tem jerere... que é tipo uma rede como se diz aqui em São Paulo pra pescar... tem::: **assim jirau tipo assim::: quando você coloca a louça pra secar... tem:::*******

auripé tipo:: vasilha de barro (risos) cada coisa... (risos) são coisas que:: são diferente ah:: tem também... **coquinho...pra comer que é gente chama de rosário**"

(Informante I / linhas 28 a 33)

(12)

"ah:: um dia desses eu tava no meu trabalho ... aí eu falei assim... "eu vou **goMAR**"... aí minha patroa disse assim "Maria gomar" aí eu digo "sim" ... "não é gomar é passar ROUpa... **porque lá no Piauí chama gomar** (risos)... aí (tava) outra coisa meu patrão ... disse... "Marcelo... você vai **banhar**?" "vai banhar Maria?" "Não é banhar... é tomar banho" aí tá eu disse "ah... lá é banhar (...)"

(Informante C / Linhas 72 a 76)

Constatamos, nas contribuições dos informantes, que o vocabulário regional é suficientemente rico para expressar as distinções culturais das regiões brasileiras. Em (09), observamos o uso da palavra *mangar* típica em vários Estados do Nordeste que remete a dar risada de determinada pessoa ou situação. Já a expressão *tropada*, utilizada com frequência em Alagoas, mas não na capital paulista, significa tropeçar, cair. No excerto (10), o informante cita as expressões *jussara*, *jacama*, *pachá* e *joli* como próprias do Estado do Maranhão, porém desconhecidas na cidade de São Paulo. Em (11), temos a contribuição de um informante do Estado da Bahia, o qual utiliza outros vocábulos, tais como *terreiro* e *rol*, que, respectivamente, naquele Estado possuem os sentidos de quintal e varanda. Ele também utilizou *jerere*, *auripé*, *jirau* e *rosário*, vocábulos de origem tupi que têm os seguintes significados: rede, corredor de louça, vasilha e coquinho. Para o informante, são vocábulos muito diferentes dos utilizados em São Paulo. E, por fim, no excerto (12), há o uso dos verbos *gomar* e *banhar*, utilizados em vários estados brasileiros, porém mais frequentes nos estados nordestinos, que significam, respectivamente, passar roupa e tomar banho.

Tais exemplos são suficientes para mostrar a distinção lexical entre as regiões brasileiras. O vocabulário regional é um identificador da variante geográfica, já que por meio dele, somos capazes de reconhecer a origem do falante, identificando e distinguindo os membros de uma região, como já vimos no capítulo I e como mostram os próprios informantes. O vocabulário é um reflexo da multiplicidade e da riqueza

lingüística da região e do país. Ele nos permite nomear a história e a cultura brasileira que varia de região para região.

O aluno da E.J.A., proveniente dos estados nordestinos, utiliza constantemente expressões típicas de sua terra de origem na sala de aula. O exemplo, a seguir, evidencia tal afirmação:

(13)
*eh::::**muriçoca**... aqui é pernilongo... e pelo costume de onde nos veio a gente acaba falando mesmo né?*
(Informante L / linhas 32 e 33)

Em (13), temos o vocábulo *muriçoca*, falado em vários Estados do Nordeste, cujo significado é mosquito, pernilongo. A contribuição do informante é um exemplo de uso freqüente de determinados vocábulos regionais. Segundo ele, o hábito de utilizar constantemente certas expressões na terra natal o faz usar as mesmas expressões no dia-a-dia aqui em São Paulo. É um processo natural.

Todo indivíduo possui uma base cultural adquirida pela sua participação numa comunidade e conserva “vivas” algumas variantes do grupo social ao qual pertence. Os alunos provenientes da Região Nordeste, mesmo após a migração, mantêm seus traços lingüísticos, que os diferenciam dos alunos de outras regiões. Assim, estando num ambiente diferente, esses educandos não perdem a “raiz lingüística”, utilizando-a dentro e fora da sala de aula.

Nos segmentos (14), (15), (16) e (17), verificamos a ocorrência constante práticas lingüísticas regionais:

(14)

Inf.: “ *tem uma palavra né que que o pessoal tira sarro de mim ... aquela palavra né **oxi...** também **fuleragem...**”*

Ent.: *o que significa fuleragem?*

Inf.: *quando uma pessoa tá fazendo uma coisa que a pessoa não tá gostando (risos)*

(Informante D/ linhas 43 a 46)

(15)

“*por exemplo... geladinho aqui ... lá não se chama geladinho se chama **flau***
(risos)

é tudo diferente as coisa”

(Informante E/ linhas 52 e 53)

(16)

Inf.: *é muito... por exemplo eu falava muito na Bahia **zambeta...** fulano é zambeta... **aqui nunca ouvi fala***

Ent.: *o que é **zambeta**?*

Inf.: *a pessoa que tem a perna torta (risos)*

Ent.: *lembra de mais alguma?*

Inf.: *deixo eu ver... lombada... aqui na Bahia é **saliência...** são coisa que **a gente tava acostumado fala lá ...”***

(Informante H/ linhas 34 a 40)

(17)

Inf.: *essa palavra assim... éh::: **abestalhado...** tipo assim... besta meio bobo...ih::: **arretado...** irritado... acho que só éh::: (risos) com certeza muitas coisa...*

Ent.: *por exemplo?*

Inf.: *éh::: ...*

*éh::: **desassuntado...** assim... tipo assim pessoas sem assunto né...*

(Informante J / linhas 34 a 39)

Em (14), o informante usa não só uma interjeição exclamativa muito utilizada no Nordeste, *oxe*, que expressa espanto, dúvida, mas também o vocábulo *fuleragem*, típico do Estado de Alagoas, cujo significado remete a atitudes desagradáveis. Da mesma forma em (15), temos mais um vocábulo alagoano, *flau*, popularmente

conhecido em São Paulo como geladinho. Em (16), observamos os vocábulos *zambeta* e *saliência*, ambos utilizados no Estado da Bahia: o primeiro está relacionado ao indivíduo de pernas tortas e o segundo a obstáculo, lombada. E, por fim, em (17), temos os vocábulos *abestalhado*, *arretado* e *desassuntado*, utilizados em boa parte dos Estados do Nordeste, os quais estão relacionados, na seqüência, a: abobado, algo bom e pessoa sem assunto.

Esses são alguns exemplos de ocorrência de vocábulos nordestinos, a qual ilustra que a preservação de práticas lingüísticas é algo muito presente na sala de aula da E.J.A., e não só nela. O uso freqüente de tais variantes longe do Estado de origem é uma situação comum: o migrante deixa a terra natal, mas os traços lingüísticos o acompanham.

Solicitamos, na entrevista, aos informantes que citassem algumas expressões faladas por eles no convívio familiar ou social e, normalmente, utilizadas na escola, por meio da seguinte pergunta: *Há algum vocábulo que você utiliza com freqüência em sua casa, com seus familiares e, conseqüentemente, usa na escola?* (pergunta 19, 2ª parte do roteiro)

Das ocorrências, apresentamos (18) e (19):

(18)
 Inf. : *sim... éh:: **chole**... lá em casa com meu irmão eu falo muito...*
 Ent. : *o que significa?*
 Inf. : *bichinha né...*
 (Informante G/ linhas 60 a 62)

(19)
 “... *ah... (risos) **capenga** eu digo falo... a capenga...*”
 (Informante H/ linha 71)

Em (18), há o vocábulo *chole*, muito comum no Estado do Maranhão. Segundo o informante, está relacionado ao indivíduo homossexual, e é muito utilizado em sua

casa quando interage com seus familiares. Em (19), o vocábulo *capenga*, usado no Estado de Sergipe, mas também em várias regiões brasileiras, com sentido de pessoa “mole” ou objeto em estado deformado, imperfeito, também foi lembrado pelo informante. Ambas nos permitem afirmar que há uma tendência à utilização da variante nordestina, principalmente no lar e no círculo de amigos.

O uso aqui mostrado das variantes em contextos sociais e, inclusive, no âmbito escolar revela como práticas lingüísticas compartilhadas, que colaboram para a identificação dos indivíduos e também para a preservação da identidade regional.

3.2.2 Tratamento dado à variante nordestina, na visão do aluno, em sala de aula

Em 3.2.1, vimos que os alunos chegam à E.J.A. falando a variante lingüística adquirida na região de origem em casa ou em seu grupo social, a variante que não é ensinada na escola e não está presente nos documentos. Passemos, agora, à apresentação e discussão dos dados coletados referentes ao modo como o aluno avalia o tratamento dado a tais variantes.

São abordados os seguintes aspectos: o preconceito e a desvalorização lingüística; o tratamento da variação lingüística como erro; a postura docente de correção lingüística; a visão do aluno sobre a postura do professor diante da variação lingüística e, por fim, a necessidade de trabalhar para a inclusão da variação lingüística em sala de aula.

Preconceito e desvalorização lingüística

Para a discussão do preconceito lingüístico, realizamos a seguinte pergunta aos informantes: *Você já sofreu preconceito pelo seu modo de falar?* (pergunta 21, 2ª parte do roteiro)

Vejamos algumas ocorrências do que está em foco neste momento:

(20)

“já... as pessoa só ficava criticando... eu só falava as palavra de lá porque pra mim eu estava lá não aqui”

(informante C/ linhas 58 e 59)

(21)

“ah::: às vezes eles dão risada sim porque comigo já deram muitas vez quando eu falo alguma coisa assim... da escola de lá que eu falo aqui na escola eles começa a sorrir ... eles fala o que acha certo o que é aqui não o que eu venho trazendo de lá”

(Informante C / linhas 47-49)

Em (20) e (21), os informantes revelam que a variante nordestina não é bem recebida no contexto escolar. Ela é vista como uma língua “inadequada”, diferente da que deve ser falada na escola. Além disso, é criticada e comparada com outras variantes, sendo considerada “inferior”, conforme revelam os informantes: “... as pessoa só ficava criticando...” (20) e “... eles fala o que acha certo o que é aqui não o que eu venho trazendo de lá” (21) .

Sabemos que algumas variantes lingüísticas conferem prestígio ao falante, ao passo que outras contribuem para lhe dar uma imagem negativa. Os valores negativos atribuídos aos diferentes usos da língua levam ao preconceito lingüístico que são avaliações subjetivas em relação a determinados falares, conforme salientamos no capítulo I. No entanto, o preconceito lingüístico motiva julgamentos em relação à variação lingüística que são superficiais. No caso da variante nordestina, ela é vista como incorreta face às variantes cultas. Esses julgamentos errôneos perpetuam o preconceito lingüístico e levam o educando egresso da Região Nordeste a pensar que a variante de centros urbanos é a única considerada “melhor língua”. O preconceito realmente existe e é visível, conforme mostram os dados. A sociedade atribui superioridade a certos registros do país em detrimento de outros, determinando que há

uma maneira melhor de usar a língua. Como conseqüência, as pessoas que utilizam as variantes que não apresentam prestígio social são desvalorizadas em sua própria identidade e pelo seu modo de falar.

Os trechos a seguir exemplificam que a língua é uma razão para a exclusão não apenas lingüística desses indivíduos:

(22)
*“mais eu já ouvi assim brincadeiras assim ... **você fala uma coisa... eh::: baiana burra... tem que ser baiana mesmo...**”*
 (Informante I/ linhas 51-52)

(23)
*“**as vezes a pessoa fala errado os pessoal oh::: baiano cansa::do isso pra mim é um preconceito entendeu?**”*
 (Informante A/ linhas 76-77)

De acordo com (22), *“você fala uma coisa... eh::: baiana burra... tem que ser baiana mesmo...”*, e com (23), *“as vezes a pessoa fala errado os pessoal oh::: baiano cansa::do...”*, há uma idéia errônea de que as expressões faladas por pessoas que vêm do Nordeste são do Estado da Bahia. Esses comentários são, acima de tudo, preconceituosos como o próprio informante admitiu: *“... isso pra mim é um preconceito entendeu?”*

Já vimos que a variação lingüística relaciona-se não só à estratificação regional, mas também à estratificação social, uma vez que essas dimensões se inter-relacionam. O preconceito, desse modo, está relacionado a algo maior: o desrespeito social. De fato, *“uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes”* (Gnerre 1998: 6); assim, não é casual que se julgue “errada” a fala dos menos escolarizados, dos nordestinos, das pessoas mais pobres etc.

Grande parte da população proveniente do Nordeste constitui também o estrato mais pobre na estrutura social, considerado por muitos como um segmento marginal e segregado do sistema social. Assim, a distinção que se faz a variante que essa população utiliza e as outras é uma divisão social que vai além da língua. Aí encontra-se implícita a discriminação à comunidade a que o indivíduo pertence. Mas a variante lingüística é apenas um dos motivos utilizados para realizar a exclusão social, pois o preconceito, embora recaia no lingüístico, é social.

O tratamento preconceituoso em relação a algumas variantes representa o próprio conflito de classes presente na sociedade. Não é um fato inesperado que a variante nordestina seja desvalorizada, já que há um problema social implícito: a extensa migração de nordestinos para os centros urbanos que ocasiona várias situações desconfortáveis, tais como a superlotação na cidade, o desemprego, a violência etc. São fatores econômicos, políticos, históricos e sociais que levam os moradores de grandes cidades a rejeitarem os nordestinos e, conseqüentemente, a sua língua. Alves (1979: 18) afirma:

Toda essa estigmatização, que parece tomar como ponto de apoio as diferenças lingüísticas, esconde atrás de si algo bem maior, ligado às fronteiras criadas pela divisão de classes dentro da complexa estrutura econômico-político-social brasileira, ou seja, que a estigmatização é, antes de tudo, classista.

É senso comum no Brasil opor-se o “falar certo” e o “falar errado”, levando-se em conta um ideal lingüístico, cujos fundamentos se pautam na norma-padrão culta. A variante nordestina não é considerada um ideal lingüístico; pelo contrário, é vista como uma língua deficiente, sendo motivo de piadas, conforme revelam os depoimentos dos informantes a seguir:

(24)

“exatamente... às vezes eu falava um:: nome lá que:: que eu chegava aqui se eu falava alguém ficava dando riSAdA”

(Informante A/ linhas 43 e 44)

(25)

“logo que eu cheguei sim... **eu falava oxen::te oxo e todo mundo ria ... o pessoal ria tira um barato da gente**”

(informante B/ linhas 38 a 40)

(26)

“ah::: **eles zombava do que eu falava né... () que eu falava errado...**”

(Informante F/ linha 52)

(27)

“ah:::no começo eu acho difícil né éh::: **tem um monte de preconceito né? são/ éh::: o pessoal tira sarro.... chacota**”

(Informante I/ linhas 16 e 17)

Em (24), (25), (26) e (27), os informantes revelam que a variante dos nordestinos é alvo de desrespeito, de tal forma que qualquer expressão dita por eles, desconhecida da maioria, é motivo de risadas. Em (25), temos “*eu falava oxen::te oxo e todo mundo ria ... o pessoal ria tira um barato da gente*” e em (26), “*eles zombava do que eu falava né... () que eu falava errado...*”. Pelas contribuições dos informantes, verificamos que há a desvalorização da variante nordestina bem como a ridicularização dos falantes daquela região, os quais se sentem humilhados e inferiores diante da sociedade local.

Prestígio lingüístico e doutrina do erro

O prestígio lingüístico é um juízo em relação a determinada variante lingüística, hierarquizando-a valorativamente na sociedade. A concepção de erro é adotada por aqueles que condenam as realizações lingüísticas que não estão de acordo com a norma-padrão culta da Língua Portuguesa. Com o objetivo de verificar como o aluno proveniente da Região Nordeste caracteriza o seu falar, em termos de prestígio,

realizamos a seguinte pergunta aos informantes: *Como você vê o modo de falar nordestino?* (pergunta 15, 2ª parte do roteiro)

As respostas foram as seguintes:

(28)
“meio estranho né?... eles falam ... tipo português errado né?”
 (Informante L/ linha 20)

(29)
“oh::: fala errado sim mas... é porque se acostumou daquele jeito daquele jeito de fala”
 (Informante A/ linha 22)

(30)
“ah::: fala muita coisa errada ... oxente pra falar... oxe ... essas coisas eu não acho que seja palavras certas... rápido eles fala... vai liGElro”
 (Informante B/ linhas 27 e 28)

(31)
“éh::: eu acho que eles não fala certo não... só que é u:: é lá o sotaque o modo deles lá né? que não é como aqui... aqui é difeRENte...”
 (informante J/ linha 23)

Em (28), o próprio migrante explicita que julga a fala do Nordeste como estranha e errada: *“meio estranho né?... eles falam ... tipo português errado né?”*. Em (29), o informante afirma que os nordestinos falam errado daquela maneira porque é a única que sabem: *“oh::: fala errado sim mas... é porque se acostumou daquele jeito daquele jeito de fala”*. Em (30), o informante também considera que as palavras ditas pelos nordestinos são incorretas, visto que eles falam *“muita coisa errada”* e, por fim, em (31), o informante corrobora essa opinião: *“eles não fala certo não...”*.

Conforme já discutimos, as variantes da língua são apropriadas para as variadas situações de interação, visto que não há uma determinada variante melhor ou pior do que outra, nem uma certa e outra errada. A língua muda, varia de acordo com o tempo e o espaço, razão pela qual existe variação lingüística. Uma determinada variante representa tão somente um diferente uso da mesma língua. A variante nordestina, portanto, é apenas diferente de outras variantes.

No entanto, em 28 a 31, os próprios nordestinos desprestigiam a sua fala, considerando-a inculta. Entendemos que isso ocorre devido ao fato de, ao longo da vida social e escolar, os nordestinos terem escutado da sociedade e da escola que sua fala é errada. Esses indivíduos internalizaram que há um português único, falado corretamente, que não é o seu e, portanto, que o falar nordestino é impróprio. Internalizaram que a língua-padrão, reconhecida como culta, pertencente à classe de maior prestígio, é a única língua correta e que o que foge às suas regras é visto como erro lingüístico.

Durante a realização das entrevistas, um fato nos chamou a atenção: os informantes, ao se referirem à variante nordestina, não se incluíam como falantes dela e se referiram aos nordestinos utilizando a 3ª pessoa (eles):

(32)
 “*eu acho que **eles fala errado***”
 (Informante B/ linha 24)

(33)
 “*eu acho que fala muito diferente ... **eles fala telta feira***”
 (Informante H/ linha 23)

(34)
 “*éh::: é complicado né...por que **eles fala arrastado... estranho***”
 (Informante N/ linha 15)

Nas ocorrências (32), (33) e (34), percebemos que os informantes migrantes da Região Nordeste referem-se aos falantes de sua região como se não fizessem parte desse grupo. Notamos, pois, que eles preferem não se incluir, ausentando-se como cidadãos e falantes daquela região. Na mesma direção, temos o seguinte depoimento:

(35)
“porque... eu aprendi falar mais ou menos né? eu não tenho muito soTAque de nordestino ... muita gente acha que eu não sou do nordeste mas logo que eu cheguei sim... eu falava oxen::te oxe e todo mundo ria ... o pessoal ria tira um barato da gente “
 (Informante B/ linhas 38 a 40)

Percebemos em (35) que o informante se exclui como falante dessa variante: *“eu aprendi falar mais ou menos né? eu não tenho muito soTAque de nordestino ... muita gente acha que eu não sou do nordeste...”* . Para ele, o fato de não utilizar as marcas da variante nordestina diferencia-o dos demais indivíduos daquela região, portanto, ele pensa falar “corretamente”.

Tal situação mostra que a desvalorização está relacionada, principalmente, à antecedência regional do falante. A atitude de não admitir a própria identidade regional ocorre porque os alunos migrantes têm conhecimento de que a língua nordestina é alvo de discriminação social e, conseqüentemente, de desvalorização dos registros lingüísticos. Negá-la, pois, torna-se uma opção de se resguardar do preconceito do outro. Ocorre, porém, que o próprio aluno migrante, agindo dessa forma, reafirma o preconceito.

Entre os informantes, apenas um revela certa indignação em relação ao tratamento que as variantes nordestinas recebem da sociedade em geral:

(36)
“pra nós eu acho que tá bom né... os outros que acha que nós fala eRRAdo... fala feio “
 Informante M (linhas 17e 18)

O informante mostra que, para ele, a fala de sua região é coerente e que a desvalorização parte de pessoas de outras regiões (“os outros”) e não do nordestino.

A postura docente de correção lingüística

A correção lingüística é uma atitude típica, principalmente, daqueles que defendem o uso da língua sob a percepção estrita de noção de certo e errado. Realizamos a seguinte pergunta aos informantes: *Você acha que a maneira como os alunos se expressam, em particular, aqueles que vieram de regiões nordestinas, é respeitada pelos colegas e professores? Comente.* (pergunta 29, 3ª parte do roteiro). O fragmento a seguir tem por finalidade ilustrar uma situação à luz desse ponto de vista imposto pela escola:

(37)
“ah:: às vezes eles dão risada sim porque comigo já deram muitas vez quando eu falo alguma coisa assim... da escola de lá que eu falo aqui na escola eles começa a sorrir ... um dia... na aula eu falei... o recreio... aqui é sinal lá no Piauí é campainha... professora que hora bate a campainha? aí todo mundo começou a sorrir (risos) aí a professora disse que tá tudo errado... não é campainha... é sinal...eles fala o que acha certo o que é aqui não o que eu venho trazendo de lá ...”
 (Informante C/ linhas 47 a 53)

O depoimento dado é elucidativo pelo fato de que o informante utilizou um termo conhecido na cidade natal, *campainha*, o qual, entretanto, na cidade de São Paulo, tem outra denominação, *sinal*. Diante de tal situação, a postura do professor em relação à variante lingüística, segundo o informante, foi corrigir o aluno.

Os trabalhos desenvolvidos em sala de aula, em sua maioria, sustentam-se nas bases tradicionais de que a língua é um sistema homogêneo, desconsiderando-se as suas nuances de variação, criatividade ou seu papel de marcador de identidades. Desse modo, qualquer manifestação lingüística que esteja em desacordo com a norma culta da língua é passível de correção.

Essa atitude em sala de aula ignora a legitimidade do vocabulário regional, o qual retrata o universo de significação de uma determinada área geográfica, atestando a cultura, a história e os costumes dessa região. Também ignora que não há um significado certo e outro errado e que, na verdade, há maneiras diferentes de nomear um mesmo ser ou objeto da realidade.

Nessa perspectiva, a escola acaba exercendo uma política de desconstrução de um patrimônio sociocultural, “corrigindo”, negando os diferentes vocábulos de cada região e desconsiderando a variante do educando que traz internalizadas sua história e sua cultura.

Em (37), observamos que, na verdade, o informante não cometeu nenhum erro, apenas utilizou, no contexto de sala de aula, uma expressão típica de sua terra natal, que, para ele, naquele momento, seria suficiente para estabelecer a comunicação.

Situações como essa nos permitem realizar uma analogia com a já citada pesquisa de Labov (1972) sobre a língua dos “guetos”: assim como ocorre com as crianças dos guetos, os alunos nordestinos utilizam a variante lingüística com a mesma expressividade que há no uso de qualquer outra variante. A utilização das variantes lingüísticas não impede os alunos de se expressarem, nem os torna incapazes de interagir e viver em sociedade. Portanto, a diferença não é deficiência.

O professor, ao censurar a variante lingüística do aluno e sugerir-lhe que sua língua é errada, está de certa forma dizendo que as pessoas do convívio social do aluno utilizam uma língua de menor prestígio. Posturas como essas necessitam ser repensadas no contexto escolar. A atitude do professor precisa ser de valorização das peculiaridades lingüísticas, visto que elas são lingüisticamente estruturadas e importantes instrumentos de ensino, que o tornam mais compatível à realidade do aluno.

Luft (cf. 1995: 69) considera que o aluno precisa se sentir “senhor de sua linguagem”. Ele deve ter liberdade de usar sua variante, sem receio de ser censurado, ignorado e ridicularizado:

Não será negando-as, perseguindo-as, humilhando quem as usa, que se fará um trabalho produtivo no ensino. Nem se mudarão em nada esses usos de níveis culturalmente inferiores, como alguns equivocados pensam. Cada falante fala como sabe e consegue falar, não como ele ou outros desejariam que falasse.

Observamos, portanto, que não é desconsiderando as variantes lingüísticas que se fará um ensino produtivo. Pelo contrário, a língua do aluno é complexa, articulada, distante de ser incompleta e errada. Se a escola desprestigia essa riqueza lingüística que o aluno traz, está desperdiçando material relevante para se trabalhar a língua materna.

Como vimos, no contexto escolar, há ocorrências de desvalorização das diferentes manifestações lingüísticas, por meio de atitudes de correção e de atribuição de conceitos de certo e errado. Diante da exigência rígida da “correção”, o aluno tem a convicção de que a sua língua é imprópria, de tal forma que ele tem vergonha do seu modo de falar:

(38)
“ah:::... eu... senti / eu me senti muita vergonha (risos) pela conversa principalmente né? aí... eu pensava sim... será que eles vai rir de mim? eu mim trancava... eu não conversava com as pessoa por causa da::: minha fala né... eu tinha muita vergonha”
 (Informante J/ linhas 12 a 14)

(39)
*porque tenho as vezes **tenho vergonha assim... de tipo FAlar eh::: falar coisa eRRada... alguma coisa que ninguém entende (risos) por isso que sou mais calada***
 (Informante E/ linhas 37 a 39)

Ao examinarmos as falas dos informantes, verifica-se que se sentem inseguros em usar a variante de origem. De acordo com os próprios informantes, eles temem se expressar, preferem calar-se, resguardando-se de críticas e risadas: em (38), *“ah:::... eu... senti / eu me senti muita vergonha (risos) pela conversa principalmente né” (...)* *“eu não conversava com as pessoa por causa da::: minha fala né... eu tinha muita vergonha”*; em (39), *“tenho vergonha assim... de tipo FAlar eh::: falar coisa eRRada... alguma coisa que ninguém entende (risos) por isso que sou mais calada”*.

Constatamos, pois, que há uma certa restrição por parte dos alunos migrantes em utilizar a sua própria língua na sala de aula. Tais fatos revelam que o ambiente escolar é para o aluno um lugar de inibição. Ele se sente envergonhado em usar o maior bem que lhe pertence, a língua, com a qual se comunica e interage. Ele se inibe quando em contato com os falantes das classes de maior prestígio, o que gera sentimentos de culpabilidade ou de inferioridade lingüística.

Essa discussão nos permite afirmar que a postura rígida que prioriza a correção lingüística é uma conseqüência do tratamento inadequado e desrespeitoso às diferenças lingüísticas, o qual provoca o sentimento de inferioridade ou, até mesmo, a sensação de incapacidade no aluno.

A visão do aluno sobre o que pensam e fazem os professores

Duas outras perguntas foram feitas aos informantes: *O professor de Língua Portuguesa trabalha com a variação lingüística em suas aulas? Em algum momento, as variantes dos alunos foram utilizadas para exemplificar os fenômenos da língua?* (perguntas 25 e 27, 3ª parte do roteiro)

Os entrevistados responderam:

<p>(40) “não em nenhum momento” (Informante A/ linha 54)</p>

(41)
“não nunca falaram não”
 (Informante M/ linha 42)

(42)
“assim::: que ... eu me lembre não... se tivesse falado... eu tinha lembrado...”
 (Informante L/ linha 52)

(43)
“... até agora ... não nenhum profe::ssor ainda não ... não fez isso comigo não”
 (Informante G/ linha/54)

Segundo o que afirmaram os informantes, os professores de Língua Portuguesa não trabalham as variantes lingüísticas nas suas aulas. Podemos perceber pelas entrevistas concedidas que as práticas pedagógicas, pelo menos na escola pesquisada, estão distanciadas do ensino da variedade lingüística e do respeito a ela. Essa constatação partiu das respostas “taxativas” dos informantes: em (40), “*não em nenhum momento*” e (41), “*não nunca falaram não*”. Entendemos que isso ocorre porque a escola privilegia a norma-padrão culta e, portanto, a variante do aluno não é para ela interesse de observação e de estudo.

A ausência do ensino direcionado às variantes lingüísticas vem contradizer as propostas contidas nos PCN (MEC, 1998: 7), as quais indicam como objetivos do ensino que os alunos sejam capazes de

conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como os aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Assim, constatamos que, embora os PCN enfatizem a preocupação de conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural e não discriminá-lo, no dia-a-dia escolar, a realidade é bem diferente: as aulas relacionadas à variedade lingüística, por

exemplo, não estão inseridas no programa de ensino da maioria das escolas e a pluralidade cultural não é explorada pelos professores.

Uma outra pergunta foi feita aos informantes em relação ao que pensam e fazem os professores: *Por qual motivo os professores não trabalham a variação lingüística na sala de aula?* (pergunta 26, 3ª parte do roteiro)

Os informantes responderam:

(44)
 “*não... não... não deve ser importante...*”
 (Informante E/ [linha 55](#))

(45)
 “*porque eles não se interessa*”
 (Informante F/ [linha 40](#))

(46)
 “*ah::: eu acho que tem preconceito... acha errada...*”
 (Informante B/ [linha 72](#))

Para os informantes, os professores não têm interesse em trabalhar com as variantes lingüísticas nas aulas de Língua Portuguesa porque não as consideram importantes, já que essas variantes são compreendidas como erradas e fora dos padrões lingüísticos. Um deles (45) explicita que há preconceito do professor em relação à fala do educando: “*ah::: eu acho que tem preconceito... acha errada...*”

Tendo em vista os dados coletados, percebemos que os docentes não trabalham a variação lingüística nas suas aulas porque estão envolvidos em um sistema de educação tradicional que não valoriza as práticas didáticas voltadas para um ensino mais contemporâneo, resistindo, portanto, às inovações. De fato, desconhecendo as teorias direcionadas à variação, o professor tem dificuldade de identificá-las e compreendê-las como uso concreto da língua. A capacitação do

docente é primordial para se poder trabalhar com as variantes lingüísticas presentes no contexto escolar e tornar o ensino de língua materna mais autêntico e próximo à realidade do educando.

Esse ensino é que poderá permitir que se discuta a variação lingüística em sala de aula e que se mostre aos alunos como as diferentes variantes se apresentam, por que são diferentes e, sobretudo, que a diferença lingüística não está relacionada à deficiência.

Ainda a propósito da omissão dos professores de Língua Portuguesa quanto ao ensino da variação lingüística, diante da pergunta: *Você acredita que seria importante uma aula direcionada a esse assunto? Por quê?* (pergunta 28, 3ª parte do roteiro), Verificamos as ocorrências a seguir:

(47)
*“eu acho que... **porque eles tem que falar certo né... não falar igual a lá...**”*
 (Informante H/ linha 80)

(48)
*“éh:: **engraçado podia falar né? eu digo assim... é... tipo assim... éh:: éh:: falar as coisa de lá ... pra gente aprender o que era certo ou errado...**”*
 (Informante C/ linha 62)

(49)
*éh:: usar... falar assim... pega uma pessoa daquela ciDA::de de que assim vê:: assim o que a gente falava né? ai (passa aí) que a gente falava lá ela vai () a palavra não é essa... a palavra é assim ... não é desse jeito... não é ti::po ... é como se diz ... **a gente não passa vergonha ensinando o melhor pra gente porque a gente porque a gente traz mesmo errado de lá...***
 (Informante C/ linha 80)

Em (47), o informante revela que a omissão quanto ao ensino das variantes lingüísticas ocorre porque os professores precisam transmitir a norma considerada

correta, e não aquela vista como imprópria para o ensino, ou seja, não a variante nordestina: “*porque eles tem que falar certo né... não falar igual a lá...*” Em (48) e (49), podemos perceber que para os informantes seria fundamental a abordagem das variantes na sala de aula. Ocorre, porém, que, na visão errônea deles, o nordestino possui uma língua “errada” trazida da sua terra natal e somente as aulas de Língua Portuguesa poderiam ser uma oportunidade para que esses indivíduos conhecessem o que é considerado pela sociedade “adequado”. Essa percepção do informante é consequência de um ensino conservador e homogêneo, relacionado a um ideal lingüístico, proposto pela escola.

Varição lingüística: da exclusão à oportunidade de inclusão

Em relação, ainda, a mesma pergunta: *Você acredita que seria importante uma aula direcionada a esse assunto? Por quê?* (pergunta 28, 3ª parte do roteiro). Temos os excertos (50), (51) e (52) em que os informantes revelam a inclusão das variações como positiva e, além disso, como oportunidade de valorização da variante nordestina:

(50)

ah:: eu acho que pra eles não é importante né...mais pra nós seria interessante... é legal vê a nossa língua sendo valorizada na escola né?

éh:: principalmente pro pessoal de São Paulo que não... não conhece a linguagem do nordestino... acharia legal

(Informante L/ linha 66)

(51)

“seria... seria... ah... porque tem... bastante coisa diferente né... que a gente falava/ que a gente fala também... e também é muito legal o modo deles falar”

(Informante F/ linhas 43 e 44)

(52)

eu acho interessante né pra gente ficar sabendo... dos falares de lá ... né? tem muita gente que é daqui e não sabe né... acho interessante né?

(Informante H/ linha 61)

Para o informante (50), embora os professores não achem importante, o ensino das variantes seria uma maneira de ver a língua de seu povo, de sua região ser valorizada e, além disso, proporcionar aos demais alunos a oportunidade de conhecer a língua do Nordeste. Em (51), o informante observa que na Região Nordeste há várias “coisas diferentes” em relação a outras regiões, por isso seria importante o tratamento das variantes lingüísticas no contexto escolar. Em (52), verificamos que o informante também considera essencial o ensino direcionado às variantes, pois é uma oportunidade de conhecer os falares regionais, tanto para os nordestinos quanto para as pessoas de outras regiões. Assim, é uma maneira de aprender “ a língua do outro”, já que há uma divisão nítida entre a língua da escola e a língua falada por esses indivíduos.

Para Possenti (2005: 87), *“o aluno é sensível para analogias reais, um tipo de sensibilidade que o professor de português deveria ter todo o interesse em estimular e tomar como aliado”* nas suas atividades pedagógicas. Nossos dados revelam realmente essa sensibilização que o aluno possui.

Uma das facetas do trabalho do professor deve consistir em mostrar aos indivíduos as possibilidades de variação a que a língua está sujeita, partindo-se da fala do aluno, de modo a incluí-lo no contexto escolar como um falante competente. Somente com um ensino diferenciado, sério e comprometido com os valores lingüísticos dos alunos, reconhecendo-os como indivíduos da sua cultura e da sua língua e dando-lhes a oportunidade de colocar em prática o que eles trazem internalizados, podemos propor um ensino lingüístico justo para todos.

Alguns autores como Bortoni-Ricardo (2005) e Luft (1995) defendem que o ensino das variantes tem papel importante no processo educacional, visto que é possível desenvolver uma pedagogia sensível às diferenças sociolingüísticas e culturais dos alunos.

De fato, apenas com um ensino voltado para os estudos contemporâneos, o qual valorize as diferenças lingüísticas, serão possíveis a conscientização dos alunos e

a sensibilização dos professores em relação à variação da língua. Além de ser uma forma diferente de se ensinar e aprender a língua, um ensino envolvendo as variantes dos alunos é uma oportunidade de aproximá-los da diversidade social e regional.

Esse ensino pressupõe uma mudança de postura da escola, dos professores e da sociedade em geral. É fundamental que a sociedade de um modo geral, mas sobretudo a escola, entenda que as variantes são maneiras distintas de uso da língua.

Não há dúvida de que, segundo Salazar (2007: 114), *“a língua varia, mesmo que se ignore o fato, e quem menos deveria ignorar um fato lingüístico de fundamental importância como esse é justamente o responsável pelo ensino da língua materna”*. As práticas de ensino não podem mais desconsiderar o real da língua “viva” falada e se preocupar somente com o ideal da língua padrão escrita.

Por essa razão, indagamos se realmente seriam utopias a aceitação e a incorporação das variantes lingüísticas no contexto escolar. Entendemos que não, porque a inclusão das variantes lingüísticas como componente cultural nas aulas de Língua Portuguesa é possível e, mais do que isso, é essencial para se conhecer a variação da língua: é primordial que a escola desenvolva trabalhos que visem à valorização da variante do aluno, por exemplo, com a elaboração de projetos pedagógicos que considerem a variedade do público ali presente, respeitando a história, as experiências, os costumes e a cultura desses indivíduos.

Consideramos que o ensino da Língua Portuguesa deva ser voltado para a pluralidade das variantes, pois é fundamental que a relação língua e sociedade esteja presente na escola e seja incluída nos objetivos de ensino, na seleção e organização de conteúdos.

A sala de aula deve ser um ambiente receptivo à troca de experiências lingüísticas, de tal modo que os alunos se sintam incluídos como falantes de variantes valorizadas no contexto escolar, o que chamamos de inclusão lingüística, ou seja, a

inserção das variantes lingüísticas como formas legítimas, como são de fato, nas práticas pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos do pressuposto, neste estudo, de que a língua é variável e heterogênea em suas dimensões reais e humanas e está relacionada às alterações dos padrões culturais da sociedade. Trata-se de uma perspectiva sociolinguística que aborda a língua como um ato social que varia de acordo com as classes sociais.

O objetivo, neste trabalho, era verificar, com base em uma pesquisa realizada com os alunos nordestinos da E.J.A., se a variante regional é objeto de estudo nas aulas de Língua e como são recebidas e tratadas essas variantes no contexto escolar. Assim, o propósito desse trabalho visava basicamente a responder a seguinte pergunta: *Qual a visão do aluno migrante em relação ao tratamento dado em sala de aula de Língua Portuguesa à variante nordestina usada por ele?*

A pesquisa aqui realizada procurou apresentar um panorama da área sociolinguística, tomando como base a variação linguística, que permitiu abordar temas relevantes como *norma* e *preconceito linguístico*. Além disso, foi possível verificar como são tratadas as questões relacionadas à diversidade da língua.

Com base nas entrevistas realizadas, tendo-se como perspectiva a língua em seu caráter variável, foi possível constatar:

- a) a ocorrência do vocabulário nordestino em sala de aula da E.J. A.;
- b) o tratamento dado à variante nordestina, na visão do aluno, em sala de aula.

A análise qualitativa das respostas dos alunos possibilitou concluir que, a variante nordestina é uma das propriedades do patrimônio sociocultural de uma comunidade. Assim, ela é suficientemente rica para expressar a cultura e os costumes daquela região. Apesar da multiplicidade e da riqueza linguística das variantes nordestinas, elas não são bem recebidas no contexto escolar. Elas são vistas como incultas e são desvalorizadas pelos professores e pelos próprios alunos.

Assim, a provável causa para não haver o ensino da variação lingüística nas aulas de Língua Portuguesa está relacionada ao preconceito quanto à variante do aluno que, na verdade, é vista como inadequada pela escola. Verificamos, portanto, que o estudo da variação lingüística ainda não tem merecido a devida importância no contexto escolar.

Consideramos importante a inclusão das variantes lingüísticas nas aulas de língua materna como meio de interação dos indivíduos. A realização de atividades inovadoras voltadas para a observação dos fatos da variante nordestina é um procedimento pouco usual na escola, mas possível de ser realizado.

Embora a posição defendida nesta dissertação seja a inclusão das variantes lingüísticas nas aulas de Língua Portuguesa, não pretendemos com isso afirmar que o estudo da norma-padrão não deva ocorrer. Na verdade, a inclusão das variantes é essencial para discutir as diferenças lingüísticas e a partir daí excluir qualquer tipo de desvalorização lingüística, eliminando a concepção de que o diferente é errado.

Para que o ensino seja voltado à realidade lingüística dos alunos é fundamental:

- diagnosticar e conhecer as variantes dos alunos;
- transformar a variante do aluno em objeto de estudo, considerando a variação lingüística que chega à escola;
- sensibilizar os alunos para a variação da língua e o respeito à variante do outro;
- relacionar o ensino de língua e condições socioculturais com o objetivo de produzir atividades pedagógicas democráticas e inovadoras.

Nossa pesquisa corrobora que existe riqueza lingüística nas variantes faladas pelos alunos nordestinos da E.J.A. Esses alunos, ao chegarem à escola, possuem um conhecimento lingüístico muito peculiar capaz de retratar a cultura e a história de sua região internalizada no vocabulário. Essa variedade lingüística merece ser reconhecida

pelos próprios alunos nordestinos, respeitada pelos demais alunos e, principalmente, explorada pela escola como uma forma diferente de uso lingüístico, criando-se, dessa forma, a possibilidade de se trabalhar com a língua viva e concreta presente na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, T. M. (2001). Sociolinguística Parte I. In MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, p. 21-48.

ALVES, M. I. P. M. (1979). *Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo* (abordagem prévia). Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.

BAGNO, M. (2002). *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola.

BECHARA, E. (2000). *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 11.ed. São Paulo: Ática.

BELINE, R. (2004). A variação lingüística. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Lingüística: objetos teóricos*. 3.ed. São Paulo: Contexto, p. 121-140.

BENVENISTE, E. (1976). *Problemas de lingüística geral*. Trads. Maria da Glória Novak, Maria Luiza Néri. Campinas: Pontes.

BORTONI-RICARDO, S. M. (2004). *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola.

_____. (2005). *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola.

BRIGHT, W. (1974). As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V. & NEVES, M. F. (orgs.). *Sociolinguística*. Trad. Elizabeth Neffa Araújo Jorge. Rio de Janeiro: Eldorado, p. 17-23.

CALVET, L. J. (2002). *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola.

CAMACHO, R. G. (2001). Sociolinguística – Parte II. *In* MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, p. 49-75.

CARVALHO, J. G. H. (1979). *Teoria da linguagem*. Natureza do fenômeno lingüístico e a análise das línguas. Coimbra: Atlântida.

CASTILHO, A. T. (2004). *A língua falada no ensino de português*. 6. ed. São Paulo: Contexto.

COSERIU, E. (1979). *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença.

CUNHA, C.M. (1999). *Salto para o futuro: Educação de jovens e adultos*. Brasília: SEED.

ELIA, S. (1987). *Sociolinguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.

FÁVERO, L. L., ANDRADE, M. L. O. & AQUINO, Z. G. O. (2003). *Oralidade e escrita – perspectivas para o ensino da língua materna*. 4.ed. São Paulo: Cortez.

FIORIN, J. L. (2000). Política lingüística no Brasil. *Gragoatá*. Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 9, 2.sem. p.221-231.

FISHMAN, J.A. (1974). A Sociologia da Linguagem. *In*: FONSECA, M. S. V. & NEVES, M. F. (orgs.). *Sociolinguística*. Trad. Elizabeth Neffa Araújo Jorge. Rio de Janeiro: Eldorado, p. 25-40.

GNERRE, M. (1998). *Linguagem, escrita e poder*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

HOUSSAIS, A. & VILLAR, M. S. (2001). *Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

LEITE, M.Q. (2003). Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico. *In: PRETI, D. (org.). Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas.USP, p. 17-45.

_____.(2005). Variação lingüística: dialetos, registros e norma lingüística. *In: SILVA, L.A. (org.). A língua que falamos*. Português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, p.183-210.

LUFT, C. P. (1995). *Língua e liberdade*. Por uma nova concepção da língua materna. 4.ed. São Paulo: Ática.

LYONS, J. (1970). *News horizons in Linguistic*. Harmondsworth: Mids, Peguin.

MARCELLESI, J. & GANDIN, B. (1975). *Introdução à sociolingüística*. A lingüística social. Lisboa: Áster.

MARCUSCHI, L. A. (2003). *Análise da Conversação*. 5.ed. São Paulo: Ática.

_____. (2004). *Da fala para a escrita*. Atividades de retextualização. 5.ed. São Paulo: Cortez.

MELO, D. C. (1988). *Atitudes lingüísticas e as variedades regionais da fala no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB.

MOLLICA, M. C. (2004). Relevância das variáveis não lingüísticas. *In*: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2.ed. São Paulo: Contexto, p. 27-50.

MONTEIRO, J. L. (2000). *Para compreender Labov*. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes.

OLIVEIRA, A. M. P. P. (1999). *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. Tese de Doutorado em Letras. Araraquara: UNESP.

POSSENTI, S. (2001). *A cor da língua e outras crônicas de lingüista*. São Paulo: Mercado das letras.

_____ (2005). *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado das Letras.

PRETI, D. (2003 a). *Sociolingüística: os níveis de fala*. 9.ed. I. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

_____. (2003 b). Variação lexical e prestígio social das palavras. *In*: PRETI, D. (org.). *Léxico na língua oral e escrita*. São Paulo: Humanitas, p. 47-67.

_____. (2004). *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna.

SALAZAR, A. (2007). *Oralidade e ensino na rede pública paulista*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC- SP.

SAUSURRE, F. (1916). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp.

SZYMANSKI, E. R. C. (2004). Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. *In*: SZYMANSKI, E. R. C. (org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber livro, p. 3-15.

TRAVAGLIA, L. C. (2000). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino no 1º e 2º graus*. 5.ed. São Paulo: Cortez.

ZAMBONIM, D. J. (1987). *Léxico específico e cultura regional - Um exemplo Amazônico*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC/SP.

Legislação

Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. In: DIÁRIO OFICIAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, Brasília, nº 250 de 26 de dezembro de 1996.

PARECER CEB/ CNE nº 15/98 – *Diretrizes Curriculares para o ensino médio*.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 1, de 05 de julho de 2000. *Estabelece as diretrizes curriculares nacionais para a Educação de jovens e adultos*.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC). (1998). *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental (SEF).

ANEXOS

ANEXO A - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/
Entonação enfática	maiúscula
Prolongamento de vogal e consoante	::podendo aumentar para::: ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando [as linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto, não no seu início.	(...)
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “

Fonte: PRETI, D. (1999:11). *Análise de textos orais*. In: PRETI, D. (org.) 4.ed. São Paulo: Humanitas.

APÊNDICE

APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: A
 Tempo de gravação: 08 min. e 12 seg.
 Idade: 24 anos
 Estado de origem: Bahia
 Estado civil: solteiro
 Naturalidade dos pais: Bahia
 Escolaridade: 1º ano
 Profissão: vendedor
 Tempo de estada em São Paulo: 5 anos

Entrevista

1. E: por que você veio morar em São Paulo?
2. A: ah...em busca de trabalho... porque na Bahia os:: era difícil pra trabalhar
3. E: e quando você:: morava lá o que você pensava de São Paulo antes de vir
4. pra cá?
5. A: ah::... era uma ilusão (pensava) em São Paulo era:: melhor ... pensava outra
6. coisa... que era assim... igual hoje... cheguei hoje () diferente do que eu pensava...
7. esperava mais
8. E: e logo que você chegou em São Paulo e teve contato com a cidade:: com as
9. pessoas você se sentiu... como você se sentiu?
10. A: ah::... eu me senti bem porque:: todo jeito tinha que se acostumar
11. E: e como você acha que é recebido aqui em São Paulo o nordestino?
12. A: ah:: são recebido bem
13. E: e por qual motivo você retornou aos estudos?
14. A: ah::... porque (estudo) é uma coisa que a pessoa tem que ter () é muito bom
15. pra pessoa o estudo
16. E: eh:: o que você está achando do curso E.J.A?
17. A: legal... estou gostando/ aprendendo muito bastante
18. E: como você considera o modo de falar das pessoas da sua terra?
19. A: éh:: muito muito bom também né? por que as vezes a pessoa fala errado
20. mas é daquele jeito que aprende lá é o ritmo da conversa
21. E: você acha que eles falam errado?
22. A: oh:: fala errado sim mas... é porque se acostumou daquele jeito daquele
23. jeito de fala
24. E: e já aconteceu aqui em São Paulo reconhecer as pessoas da sua cidade
25. simplesmente ouvindo-as falar?
26. A: já... por que o:: tom da conversa que a pessoa:: vê o (rimar) da conversa a
27. pessoa já percebe
28. E: você acredita que estando aqui em São Paulo as pessoas podem saber de
29. onde você é simplesmente quando você começa a falar?
30. A: pode
31. E: quando você compara as coisas da sua terra com os daqui o que você
32. per/percebe de diferente?
33. A: vixi maria lá na minha terra tinha CANjica a canjica aqui o nome é:: curau...
34. tem também a:: lá ninguém sabe mandioca lá mandioca é um aipim é outro ai::
35. aqui é mandioca o pessoal não costuma chamar aipim é diferente

36. E: você acredita que sua fala mudou depois que você chegou aqui em São
37. Paulo?
38. A: acredito... mudou bastante...
39. E: é:::
40. A: exatamente
41. E: por exemplo... o que você acha que mudou?
42. A: exatamente... às vezes eu falava um::: nome lá que:: que eu chegava aqui se
43. eu falava alguém ficava dando riSAda
44. E: por exemplo::
45. A: eu chegava aqui as pessoas falava vai pega:: pega aquilo lá pra mim... eu
46. falava a:::donde () não é adonde é aonde... onde aí as pessoas procurava a
47. traduzir as palavras entendeu?
48. E: você se sente a vontade ao se expressar nas aulas?
49. A: me sinto sim bastante
50. E: você acha que... a sua fala desperta interesse de estudo nas aulas de
51. língua portuguesa? em algum momento::: o professor já utilizou as expressões típicas
52. sua cidade para falar sobre/ para explicar uma aula para explicar que existe variação
53. lingüística?
54. A: não em nenhum momento
55. E: você acredita que seria interessante uma aula direcionada a isso falar um
56. pouco sobre os falares nordestinos?
57. A: era muito importante isso
58. E: por que você acha?
59. A: ah:: porque () algum erro que a gente falava ai estava sabendo falar do
60. outro jeito entendeu?
61. E: então você acha que as pessoas que moram lá falam errado?
62. A: ah::: fala sim fala errado
63. E: e as pessoas daqui a São Paulo falam certo? por que você acha isso? Por
64. que você acha que lá é errado e aqui é certo?
65. A: por aqui sei lá aqui é mais evoluído assim () tem mais saber que lá não sei
66. E: você acha que a forma como as formas como os alunos se expressa é
67. respeitada pelos colegas e professores? em particular aqueles que vieram da região
68. nordestina... já aconteceu em algum/ durante a aula você falar alguma coisa e virar
69. é::: motivo de brincadeira de risos? você lembra de algum fato?
70. A: oh::: eu nunca lembro não ... não lembro não
71. E: há alguma palavra que você fala com frequência lá na sua casa com a sua
72. família mas você evita usar na presença de amigos e professores?
73. A: ah:: lembro sim... as vezes a pessoa fala ... a pessoa irrita a pessoa ... a
74. pessoa fala pára carai
75. E: você já sofreu algum tipo de preconceito... devido a forma que você fala?
76. A: as vezes a pessoa fala errado os pessoal oh::: baiano cansa:::do isso pra
77. mim é um preconceito entendeu?
78. E: já ocorreu de você estranhar alguma expressão falada pelos colegas?
79. A: não não tem diferen/ diferença nenhuma não
80. E: na sua opinião por que os professores não usam esses falares nordestinos
81. em sua aula?
82. A: ah:: não sei as vezes também porque... não costuma ir lá:: pra pegar o ritmo
83. da conversa ai::: ele é só:: daqui ... mas com certeza as pessoas de lá fala isso...
84. E: fala o que?
85. A: expressa na sala falando sobre a língua de lá e a língua daqui de fora
86. entendeu?

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: B
 Tempo de gravação: 09 min. e 31 seg.
 Idade: 31 anos
 Estado de origem: Pernambuco
 Estado civil: casada
 Naturalidade do esposo: Pernambuco
 Naturalidade dos pais: Pernambuco
 Escolaridade: 3º ano
 Profissão: dona de casa
 Tempo de estada em São Paulo: 11 anos

Entrevista

1. E: por que você veio morar em São Paulo?
2. B: ... éh:: (risos) ah:: eu vim atrás de uma vida melhor né:: porque lá é:: muito
3. difícil...é uma vida muito soFRI::da...
4. E: o que você pensava de São Paulo antes de você vir pra cá?
5. B: ah:: eu não imaginava vim pra cá... não tinha vontade... eu achava uma
6. cidade violen::ta eu achava que quando eu viesse pra aqui eu ia logo morrer
7. (risos)... mais hoje em dia eu:: eu não tenho mais vontade de:: de voltar pra morar
8. em Pernambuco... eu amo São Paulo
9. E: logo que você chegou em São Paulo e teve contato com a cidade... com as
10. pessoas como você se sentiu?
11. B: ah::: eu gostei ... éh:: as pessoas são super educadas né... os paulistanos
12. são super educados ... né
13. E: como você acha que é recebido aqui em São Paulo que vem a procura de
14. emprego e melhores condições de vida?
15. B: eu acho que... sim né? depende também do lugar que ele vai morar do
16. BAirro (das pessoas)
17. E: por qual motivo você retornou aos estudos?
18. B: porque eu pretendo entrar novamente no mercado de trabalho
19. E: o que você está achando do EJA?
20. B: poderia ser melhor né... mas termina rápido né... não toma TANTo tempo...
21. porque tem muita gente que::: como já tá/ que já tá com quarenta a::nos né...
22. quarenta e cinco... aí quer uma coisa mais rápida pra atingir seu objetivo... eu acho
23. E: como você considera o MO::do de falar das pessoas da sua terra?
24. B: eu acho que eles fala errado (risos)
25. E: errado como?
26. B: ah::: fala muita coisa errada ... oxente pra falar... oxe ... essas coisas eu não
27. acho que seja palavras certas... rápido eles fala... vai liGEIro
28. E: já lhe aconteceu aqui em São Paulo... você reconhecer as pessoas lá do
29. Pernambuco simplesmente ouvindo-as falar?
30. B: não
31. E: você acredita que você estando aqui em São Paulo as pessoas podem saber
32. de onde você é... simplesmente... ouvindo você falar?
33. B: hoje em dia não?
34. E: por que?

35. B: porque... eu aprendi falar mais ou menos né? eu não tenho muito soTAque
36. de nordestino ... muita gente acha que eu não sou do nordeste mas logo que eu
37. cheguei sim... eu falava oxen::te oxe e todo mundo ria ... o pessoal ria tira um
38. barato da gente (risos)
39. E: eh::: quando você compara as coisas de lá... a comida... que tem nome
40. diferente aqui...
41. B: tem... mandioca lá é macaxeira::ra... éh::: abóbora lá é jerimum... tem outras
42. coisas que eu não estou lembrando...
43. E: você gostaria de falar igual as pessoas aqui de São Paulo?
44. B: não ... acho bonito né... do jeito que as pessoas falam... os são paulinos eles
45. puxam muito o r né? (risos) mas... eu estou satisfeita com minha fala
46. E: você acredita que sua fala mudou depois que você chegou em São Paulo?
47. B: mudou... hoje em dia eu não fa/ éh::: eu não falo muitas palavras eu não falo
48. oXENte oxe é ... lá procura/ aqui procura lá é caÇAR é assim sabe "ca/caça aquilo
49. pra:: mim menino" (risos) vai caçar aquilo pra... mim menino" (risos) não sei o que
50. aqui não é assim é procurar ... né? eu não acho que é certo a fala de lá não mas
51. cada um tem um sotaque né?
52. E: você se sente à vontade ao se expressar nas aulas... devido você ter
53. vindo do nordeste?
54. B: me sinto... eu não dou muita manCAda eu não tenho muito sotaque de
55. nordestino
56. E: O professor de::: língua portuGUEsa você percebe que a sua fala desperta
57. algum interesse de estudo nas aulas de língua portuguesa?
58. B: não
59. E: você acha que a fala como os alunos se expressam... em particular aqueles
60. que vieram das regiões nordestinas ... é respeitada pelos colegas e professores?
61. B: olha alguns né...
62. E: há/ há alguma palavra que você fala com frequência LÁ na sua casa... com a
63. sua família né mas que você evita falar aqui na presença de amigos e professores?
64. B: não não
65. E: você já sofreu algum tipo de preconCElto pela sua forma de falar?
66. B: não também não... se sofri não percebi
67. E: na sala de aula já ocorreu de você estranhar alguma expressão falada pelos
68. colegas em razão de ser conhecida de outra forma na sua região?
69. B: não lembro (risos) não
70. E: na sua opinião ... por que os professores não utilizam os falares nordestinos
71. em suas aulas?
72. B: ah::: eu acho que tem preconceito... acha errada...

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: C
 Tempo de gravação: 17min. e 03 seg.
 Idade: 40 anos
 Estado de origem: Piauí
 Estado civil: casada
 Naturalidade do esposo: Piauí
 Naturalidade dos pais: Piauí
 Escolaridade: 2º ano
 Profissão: doméstica
 Tempo de estada em São Paulo: 16 anos

Entrevista

1. E: por que você veio morar em São Paulo?
2. C: eu vim mo/ ai:: filha... eu vim morar aqui em São Paulo porque simplesmente
3. eu morava em Floriano... Piauí minha cidade é muito peque::na ... muito fraca de
4. tudo de tudo aí meu marido veio porque ele veio... eu fiquei lá com os meninos
5. pequeno... e ele veio pra cá ... depois de... cinco meses que ele tava aqui aí eu vim
6. aí eu estou aqui até hoje (risos)
7. E: o que você pensava de São Paulo antes de vir pra cá?
8. C: ah::: antes de vim pra cá::: como todas as pessoas até hoje mora lá pensa
9. muitas coisas bonitas daqui... só que não é nada daquilo que a gente pensa...
10. quando eu cheguei aqui São Paulo era São Paulo hoje não é mais ... hoje em dia
11. está igualmente o nordeste
12. E: um exemplo
13. C: ah::: o exemplo é::: só trabalhar comemos trabalha pra comer outra coisa
14. não dá mais pra fazer...
15. E: como você acha que é recebido... o nordestino que vem a procura de
16. emPREgo de melhores condições de vida?
17. C: ah::: deixa eu ver... é uma ilusão
18. E: por qual motivo você retornou aos estudos?
19. C: ah::: porque as vezes eu falo muito errado (risos)
20. E: o que você está achando do curso EJA?
21. C: eu acho bom ...mas agora é que minha cabeça não entra nada mesmo... não
22. adiANTA as vezes eu chego muita canSada não dá tempo de eu vim pra esCOLa...
23. E: como você considera o modo de falar das pessoas da sua terra?
24. C: TUdo eRRado... eu tenho meu um:: patrão que sempre me corrige tudo né?
25. mas eu digo não adi Anta... você corrige eu tô falando::: tudo certinho... quando eu
26. saio daqui...
27. E: você acreDlta... que estando aqui em São Paulo as pessoas podem saber de
28. onde você é SIMplesmente pela maneira como você fala?
29. C: pode porque eu tava na escola também ai todo mundo ficava perguntando
30. você é da onde? você é da onde? eu peguei e disse assim... eu sou cariOca... aí o
31. menino disse assim VOcê Maria que é carioca? você não tem nada de carioca você
32. é nordestina (risos) além de você falar errado você fala muito alto (risos)
33. E: você lembra de algo que aqui tem um nome e lá é diferente?
34. C: ah:::... é::: é::: fruta de conde porque lá é apa o nome (risos) eu estranhei
35. bastante
36. E: você acredita que sua fala mudou depois que você que aqui em São Paulo?

37. C: não filha merminha e até tá mais pior ainda (risos)
38. E: você se sente à vontade de se expressar nas aulas?
39. C: ah sim
40. E: o professor de língua portuGUEsa já trabalhou com expressões Típicas lá da
41. sua região?
42. C: não não não que eu me lembro não nenhum dos professores... de português
43. não
44. E: você acha que a forma como os alunos se exPREssam em particular
45. aqueles que vieram das regiões nor/ lá do nordeste é respeiTAda pelos colegas e
46. professores?
47. C: ah:: às vezes eles dão risada sim porque comigo já deram muitas vez
48. quando eu falo alguma coisa assim... da escola de lá que eu falo aqui na escola
49. eles começa a sorrir ... um dia... na aula eu falei... o recreio... aqui é sinal lá no
50. Piauí é campainha... professora que hora bate a campainha? aí todo mundo
51. começou a sorrir (risos) aí a professora disse que tá tudo errado... não é
52. campainha... é sinal... eles fala o que acha certo o que é aqui não o que eu venho
- trazendo de lá ...
53. E: Há alguma palavra que você Fala com freqüência na sua CASA lá com a sua
54. família mas que você fala aqui na presença de amigos e profeSSOres?
55. C: que eu falo sempre lá em casa? Falo tanta coisa... (risos)
56. E: você acha que já sofreu algum tipo de preconceito pela sua forma forma de
57. falar?
58. C: já as pessoa só ficava criticando... eu só falava as palavra de lá porque pra
59. mim eu estava lá não aqui
60. E: na sua opinião por que os professores nu/não Usam esses falares
61. nordestinos nas suas aulas?
62. C: éh:: engraçado podia falar né? eu digo assim... é... tipo assim... éh:: éh::
63. falar as coisa de lá ... pra gente aprende o que era certo ou errado... o meu marido
64. mesmo fala tudo errado e vive reclamando que as pessoa vive mangando dele...
65. E: mangando... você acabou de usar uma expressão regional...
66. C: ah:: é?
67. E: as pessoas do Piauí falam errado?
68. C: fala... fala... muito... muito minha sogra fala lançol... éh:: cópi ... éh:: café
69. E: o que é café?
70. C: é remédio pra tomar (risos) ai meu Deus do céu (risos)
71. E: que interessante...
72. C: ah:: um dia desses eu tava no meu trabalho ... aí eu falei assim... "eu vou
73. goMAR"... aí minha patroa disse assim "Maria gomar" aí eu digo "sim" ... "não é
74. gomar é passar ROUpa... porque lá no Piauí chama gomar (risos)... aí (tava) outra
75. coisa meu patrão ... disse... "Marcelo... você vai banhar ?" "vai banhar Maria?"
76. "Não é banhar... é tomar banho" aí tá eu disse " ah... lá é banhar" ... muitas coisa
77. mesmo lá... que o povo lá fala tudo assim... eRRado... tudo do jeito Deles né?
78. E: você acha que os professores POderiam usar essas expressões nas suas
79. aulas?
80. C: éh:: usar... falar assim... pega uma pessoa daquela ciDA::de de que assim
81. vê:: assim o que a gente falava né? ai (passa aí) que a gente falava lá ela vai () a
82. palavra não é essa... a palavra é assim ... não é desse jeito... não é ti::po ... é como
83. se diz ... a gente não passa vergonha ensinando o melhor pra gente porque a gente
84. porque a gente traz mesmo errado de lá...

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: D
 Tempo de gravação: 14min. e 19 seg.
 Idade: 47 anos
 Estado de origem: Alagoas
 Estado civil: casado
 Naturalidade da esposa: Alagoas
 Naturalidade dos pais: Alagoas
 Escolaridade: 3º ano
 Profissão: auxiliar de embalagem
 Tempo de estada em São Paulo: 20 anos

Entrevista

1. E: por que você veio morar em São Paulo?
2. D: eu vim por causa::: foi uma ilusão né? o pessoal falou que aqui era muito
3. bom pra emPREgo... o pessoal ai falou pra mim "você vai pra São Paulo que eu
4. tenho certeza que você VAi se dar bem que emprego lá na falta" ... realmente eu
5. vim pra São Paulo... quando eu cheguei aqui não/ tinha bastante emprego né...
6. tinha bastANTE emprego emprego por todo o canto né... ah:::...que nem precisava
7. sair do bairro que a gente já arrumava emprego hoje não hoje tá mais difícil
8. E: o que você pensava de São Paulo antes de vir pra cá?
9. D: (tossiu) olha... eu... eu nunca pensei nada né eu sempre a/ sempre o pessoal
10. falava pra mim que São Paulo era bom... que São Paulo era lugar de ganhar
11. diNHEiro ... mas ... eu não vi diferença quase nenhuma porque pelo custo de vi::da
12. lá é bem melhor de se viver
13. E: logo que você chegou em São Paulo... como você se sentiu?
14. D: ah::: foi foi muita:: discriminação entendeu?
15. E: você acha que as pessoas que vem de lá são bem recebidas?
16. D: olha... no começo são né? ... eu acho que o nordestino as vezes até
17. enfrenta... um serviço aqui em São Paulo que os paulista não QUERem fazer...
18. E: por qual motivo você retornou aos estudos?
19. D: olha eu retornei por causa que... todo canto que a gente vai eles exige
20. segundo grau né então... eu fui obrigado a voltar
21. E: o que você está achando da educação de jovens e adultos?
22. D: é bom né... eu tô aprendendo bastante coisa
23. E: como você considera o modo de falar das pessoas lá... de Alagoas?
24. D: vixi... é MUlto diferente... é muito mesmo... pra você ter uma iDÉia... a
25. primeira empresa que eu entrei aqui em São Paulo ... o pessoal tirava mui:::to maior
26. muito sarro porque eu falava muito errado até hoje ainda falo né mas teve algumas
27. palavras que foi corrigida
28. E: você se lembra de algumas dessas palavras?
29. D: me lembro... por exemplo né... a pessoa tira sarro lá no nordeste
30. lá em Alagoas é mangar "está mangando de mim" ... então já um/ uma a coisa
31. errada... um dia tava andando/ que nem uma vez fui andando na Paulista aí eu dei
32. um tropeção aí eu cheguei na firma e disse que levei uma tropada quer dizer outra
33. pronúncia que o pessoal tira sarro também... tem várias hein...
34. E: por que você acha que é errado?
35. D: porque o mais é o de São Paulo né... porque não tem nada a ver com que a
36. gente fala no nordeste

37. E: já lhe aconteceu de você reconhecer uma pessoa de sua terra simplesmente
38. ouvindo-as falar?
39. D: já::
40. E: você acredita que estando aqui em São Paulo as vezes podem saber de
41. onde você é
- [
42. D: tem uma palavra né que que o pessoal tira sarro de mim ... aquela palavra né
43. oxi... também fuleragem...
44. E: o que significa fuleragem?
45. D: quando uma pessoa tá fazendo uma coisa que a pessoa não tá gostando (risos)
46. E: você acredita que estando aqui São Paulo... as pessoas podem saber de
47. onde você é SIMplesmente pela maneira que você fala?
48. D: não eu acho que não eles sabe que eu não sou de São Paulo agora do
49. estado é difícil deles descobrir porque é um Estado que é pouco conhecido aqui... o
50. pessoal só conhece mais Pernambuco Bahia
51. E: quando você comPAra o vocabulário de sua terra com o vocabulário de/
52. das pessoas
53. daqui você percebe diferenças?
54. D: aquela macaxeira né... o pessoal aqui chama mandioca... macaxeira lá é
55. para/ serve para fazer farinha e não pra comer
56. E: você acredita que sua fala mudou depois que você veio pra São Paulo?
57. D: não mudou não
58. E: você se sente à vontade em se expressar na sala?
59. D: ah eu me sinto a vontade... porque você vê na classe tem muito nordestinos
60. né agora se tivesse só paulista aí... ficava diferente
61. E: você percebe que sua FAla desperta interesse nas aulas de língua
62. portuguesa?
63. D: não não o de português não... o professor de geografia lá no outro colégio
64. ele saiu perguntando né... ele fez um trabalho com todos os nordestino que tava
65. dentro do colégio né... aí saiu perguntando né ... aí ele foi formando/escrevendo
66. todas as palavra
67. E: você acha que a forma como os alunos se exPREssam em particular...
68. aqueles que vieram LÁ da região nordestina é respeitada pelos colegas e
69. professores?
70. D: é... é respeitada
71. E: tem alguma palavra que você FAla com freqüência lá na sua casa mas você
72. evita falar na presença de amigos e professores... na sala de aula?
73. D: não me lembro no momento...
74. E: você já sofreu algum tipo de preconceito devido a sua fala?
75. D: quando os pessoal vinha... falar... corrigir meus erro era mais ritmo de
76. brincadeira entendeu?
77. E: na sala de aula já ocorreu de você estranhar uma expressão falada pelos
78. colegas em razão de ela ser conhecida de outra forma em sua região?
79. D: não lembro
80. E: na sua opinião por que os professores não utiliLizam esses falares
81. nordestinos em suas aulas?
82. D: olha... porque os professores de português eles fala... é as pronuncias aqui
83. entendeu?

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: E
 Tempo de gravação: 13 min. e 43 seg.
 Idade: 18 anos
 Estado de origem: Alagoas
 Estado civil: solteira
 Naturalidade dos pais: Alagoas
 Escolaridade: 1º ano
 Profissão: babá
 Tempo de estada em São Paulo: 4 anos

Entrevista

1. Ent: por que você veio morar aqui em São Paulo?
2. E: ah:: eu vim porque dizem que era bom... eu vim pra trabalha
3. Ent: o que você penSAva de São Paulo antes de vir pra cá?
4. E: ah::: eu imaginava... oxi eu imaginava boni:::ta
5. Ent: como você acha que é recebido o nordestino que VEM a procura de
6. emprego?
7. E: pros outros... não por quem não é daqui
8. Ent: por qual motivo que você voltou a estudar?
9. E: ah::: porque eu quero encontrar um serviço melhor pra mim
10. Ent: o que você está achando do eja?
11. E: é bom...
12. Ent: como você consiDEra o modo de falar das pessoas de Alagoas?
13. E: engraçado (risos)
14. Ent: engraçado como?
15. E: assim é:: ... é::: é::: engraçado assim porque é muito diferente da... fala
16. muitas coisa eRRAda né porque aqui já é tudo... as coisa aqui é tudo certa
17. Ent: o que você considera eRRAdo?
18. E: ah::: não sei muitas muitas palavra assim que... aqui não fa/conhece não
19. eu mesmo quando cheguei aqui... tinha muita coisa que eu não conhecia muitas
20. palavras que as pessoas falava eu não... as palavras daqui ... é:: tipo mais certa
21. que a do norte
22. Ent: já lhe aconteceu de você está aqui em São Paulo aí você reconhecer as
23. pessoas da sua cidade SIMplesmente ouvindo falar?
24. E: ah::: já já porque eu conheço... eu conheço assim pelo sotaque
25. Ent: alguma expressão?
26. E: assim oh::: você em Alagoas não chama você é tu... tu fez isso tu fez aquilo
27. Ent: você acredita que estando aqui em São Paulo... as pessoas podem saber de
28. onde você É simplesmente pela maneira de você falar?
29. E: po:::de po:::de po:::de por causa que/ que o sotaque é diferente... eu mesmo
30. falava eRRAdo... hoje ainda... ainda eu tenho as palavra que eu falo eRRAdo e
31. que... me consertam (risos) é assim mesmo... eles/eles corrige
32. Ent: você gostaria de faLAR igual as pessoas daqui?
33. E: gostaria de falr certo mais certo
34. Ent: você se sente à vonTAdo ao se expressar nas aulas?
35. E: não... tenho... porque tenho as vezes tenho vergonha assim... de tipo FAlar

36. eh:: falar coisa eRRada... alguma coisa que ninguém entende (risos) por isso que
37. sou mais calada
38. Ent: você acredita acredita que sua fala mudou depois que você chegou aqui em
39. São Paulo?
40. E: ah:: acho:: que não
41. Ent: você percebe que sua fala desperta interesse nas aulas de língua
42. portuguesa?
43. E: não
44. Ent: você acha que a forma como os alunos se exPREssam em particular
45. Aqueles que vieram da região do nordeste é respeitada pelos professores... e pelos
46. colegas?
47. E: não... tem alguns colegas que/ que ri que eles achava engraÇAdo tá
48. entendendo?
49. Ent: tem alguma coisa alguma palavra que você estranhou quando chegou em
50. São Paulo?
51. E: por exemplo... geladinho aqui ... lá não se chama geladinho se chama flau
52. (risos) é tudo diferente as coisa
53. Ent: na sua opinião por que os professores não utilizam esses faLAres
54. nordestinos em suas aulas?
55. E: não sei... não... não deve ser importante

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: F
 Tempo de gravação: 18 min. e 53 seg.
 Idade: 19 anos
 Estado de origem: Paraíba
 Estado civil: solteiro
 Naturalidade dos pais: Paraíba
 Escolaridade: 1º ano
 Profissão: pedreiro
 Tempo de estada em São Paulo: 4 anos

Entrevista

1. E: por que você veio morar em São Paulo?
2. F: bom ... por causa dos estudos né? eh:: trabalho também... o ganho de lá / o
3. ganho de lá é muito pouco
4. E: o que você pensava de São PAulo antes de vir pra cá?
5. F: (risos) eu pensava que era as setes maravilha (risos) que era bem mais
6. melhor entendeu? mais não é tanto assim como eu imagino tem que sofrer um
7. pouco também
8. E: como você acha que é recebido aqui em São Paulo o nordestino que vem a
9. procura de emprego e melhores condições? ele é bem recebido?
10. F: não muita gente tem preconceito... fica caçoando da gente... isso eu sofri
11. muito...
12. E: por qual motivo você retornou aos estudos?
13. F: bom pra:: consegui um bom em PREgo também principalmente... e
14. terminar todos meus estudos
15. E: o que você está achando do:: eja?
16. F: ah é bom a gente aprende né... só tem algumas AUlas que são meia difícil...
17. a gente passou muito tempo sem estudar né?
18. E: como você considera o modo de falar dos paraibanos?
19. F:(risos) oh é bem diferente daqui mui::to diferente ... um dia eu falei pro moço
20. ... me dá um caNEco (risos) o cara ficou olhando assim... sem saber o que
21. era um caneco... aí ele "o que é caneco?" eu expliquei ... aí ele falou "ah:: você quer
22. um copo né?" eu disse "é isso mesmo um copo..." ... parecia que eu tava falando
23. grego...
24. E: você gostaria de falar igual as pessoas daqui de São Paulo?
25. F: gostaria
26. E: por quê?
27. F: ah::: porque é modo diferente das pessoas falar né? acho muito bonito
28. jeito que eles fala
29. E: você acha que sua fala mudou depois que você chegou aqui em São Paulo?
30. F: ... só um pouquinho ... eu aprendi a fa:: la algumas coisa mais certa ... e só
31. ... eu aprendi a fala mais ... eu falava muito muito (errado)
32. E: por que você acha que falava errado?
33. F: ah::: porque eu tinha sotaque de lá mesmo... Paraíba...
34. E: você se sente à vonTAdade ao se expressar nas aulas?
35. F: ahn::: ah... sim ninguém se importa
36. E: você percebe que a fala nordestina... percebe interesse dos professores de

37. língua portuguesa?
38. F: não...
39. E: por que ?
40. F: porque eles não se interessa
41. E: você acha que seria interessante uma aula direcionada a::: a fala
42. nordestina? Por quê?
43. F: seria... seria... ah... porque tem... bastante coisa diferente né... que a gente
44. falava/ que a gente fala também... e também é muito legal o modo deles falar
45. E: você acha que a maneira como os alunos nordestinos falam é respeitada
46. pelos colegas e professores?
47. F: éh::: sim
48. E: você já sofreu algum tipo de preconceito pela sua forma de falar?
49. F: ah::: já... pelos amigos... na/na escola ... logo que eu cheguei... no começo
50. foi MUito difícil...
51. E: o que acontecia?
52. F: ah::: eles zombava do que eu falava né... () que eu falava errado...

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: G
 Tempo de gravação: 10 min. e 36 seg.
 Idade: 19 anos
 Estado de origem: Maranhão
 Estado civil: solteira
 Naturalidade dos pais: Maranhão
 Escolaridade: 1º ano
 Profissão: desempregada
 Tempo de estada em São Paulo: 1 ano e 6 meses

Entrevista

1. E: por que você veio morar ... em São Paulo?
2. G: bom... primeiro eu vim atrás de emprego né... o meu irmão tava aqui então
3. ele me convidou pra vim morar ... então eu vim
4. E: e o que você pensava de São Paulo antes de vir pra cá?
5. G: ah... achava uma cidade bem legal né? ... éh::: a capital... a maior capital né?
6. do Brasil
7. E: logo que você chegou aQUI e teve contato com a cida:::de com as pessoas
8. como você sentiu?
9. G: nor/ normal
10. E: pra você... como é recebido... em São Paulo o nordestino? que vem a procura de emprego... de melhores condições de vida?
11. G: acho que ele éh::: ele é recebido bem MAL ... pelas condições né? Pelas
12. pessoas tratarem... sei lá
13. E: por qual motivo você retornou aos estudos?
14. G: éh::: por ... (primeiro) vontade própria né? meu irmão também ... já
15. estudou muito e falou pra mim voltar a estudar... e também por causa de
16. emprego... assim porque precisa ter estudo pra conseguir um emprego né?
17. E: por que você escolheu o supleti::vo ... o que está achando?
18. G: é mais rápido né?... pelo pouco tempo que a gente tem né? bem legal...
19. deu pra entender bastante né?
20. E: como você consiDEra o modo de falar das pessoas ... de sua terra?
21. G: ah::: eu acho assim que eles fala normal assim ... um pouco diferente daqui
22. das pessoas que mora aqui em São Paulo né? ... o modo de falar né? o sotaque
23. das pessoas é diferente...
24. E: já lhe aconteceu de você estar aqui em SÃO Paulo e reconhecer pessoas
25. de sua terra simPLESmente ouvindo-as falar?
26. G: ah... acho que não... não me lembro
27. E: você acha que estando aqui em São Paulo ... as pessoas podem saber... de
28. onde você é simplesmente pela maneira como você fala?
29. G: acho que sim... já aconteceu isso comigo... um amigo do meu irmão
30. perguntou... você é do Maranhão né? e ele nem sabia...
31. E: quando você compara né? o vocabulário ... as coisas LÀ do Maranhão com
32. daqui de São Paulo... o que você percebe de diferente?
33. G: (...) sim ... deixa eu ver... açai ... que é uma fruta bem conhecida lá no
34. Maranhão que tem outro nome lá ... juçara
35. E: jussara?

36. G: é
37. tem aquela outra... graviola... né?... que conhecida como jacama... quando
38. cheguei na escola...estranhei MUltO as pessoas falar viado (risos) lá no Maranhão
39. bichinha ... viado a gente fala pachá e joli
40. E: você gostaria de falar igual as pessoas daqui de São Paulo?
41. G: não... eu não falo tanto errado assim não
42. E: você acredita que depois que você ... que você chegou em São Paulo a sua
43. fala mudou?
44. G: acredito que não...
45. E: você evita usar essas palavras aqui em São Paulo pra não ser
46. ridicularizada?
47. G: evito... por que as pessoas pergunta logo assim... o que é isso... que eu não
48. conheço... aí tem que explica tudo né?
49. E: em relação a sala de aula... você se sente à vonTAd e em falar nas aulas?
50. G: sim... acho que todas pessoas que tem na sala... não se importa não esse
51. negócio não de vim do nordeste
52. E: você acha que sua fala nordestina desperta interesse nas aulas de
53. português?
54. G: pode despertar interesse né... mais até agora ... não nenhum profe::ssor
55. ainda não ... não fez isso comigo não
56. E: você acha que a fa/ forma como os alunos se expressam você acha que é
57. respeitada pelos colegas e professores?
58. G: não sei não
59. E: há alguma palavra que você fala LÂ na sua casa... e utiliza na escola?
60. G: sim... éh::: chole... lá em casa com meu irmão eu falo muito...
61. E: o que significa?
62. G: bichinha né...
63. E: você já sofreu algum tipo de preconceito pela sua forma de falar...
64. pelas palavras que você emprega?
65. G: não lembro agora não... mas sempre tem né?
66. E: pra você... por que os professores não usam os falares nordestinos nas suas
67. aulas?
68. G: ah... até por causa do tempo né? do pouco tempo acho que sim... são só
69. seis meses... acho que não dá tempo...

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: H
 Tempo de gravação: 16 min. e 45 seg.
 Idade: 31 anos
 Estado de origem: Bahia
 Estado civil: casada
 Naturalidade do esposo: Minas Gerais
 Naturalidade dos pais: Bahia
 Escolaridade: 2º ano
 Profissão: dona de casa
 Tempo de estada em São Paulo: 20 anos

Entrevista

1. E: por que você veio morar em São Paulo?
2. H: eu vim com os parentes né? vim pra trabalhar ... vim estudar né?
3. E: o que você pensava de São Paulo antes de vir pra cá?
4. H: ah::: eu pensava que era uma cidade muito BO:::nita que todo mundo fala
5. né? era isso que eu imaginava né
6. E: logo que você chegou e teve con... tato com as pessoas com a cida::de
7. como você se sentiu?
8. H: eu gostei... diferente do lugar onde a gente morava né... eu morava num/
9. numa vila ... era diferente... era pequeninha diferente daqui
10. E: por qual motivo você retornou éh::: aos estudos?
11. H: pra saber mais ler... aprender a falar melhor... lá no nordeste a gente falamos
12. errado... como não sabemos ler falamos mais ainda
13. E: por que você acha que no nordeste fala-se errado?
14. H: não não é bem eRRAdo... a maneira deles fala ... é o sotaque diferente né ...
15. eles fala muito puxado... arrastado
16. E: o que você está achando do E.J.A?
17. H: eu acho bom... é rápido né
18. E: o nordestino que vem a procura de emprego em São Paulo é bem
19. recebido?
20. H: eu acho que é... até demais... eu acho que a gente que sofre aqui em São
21. Paulo... mais o nordestino é bem recebido ... tem gente que sofre né eu conheço
22. E: como você consiDEra o modo de falar das pessoas de sua terra?
23. H: eu acho que fala muito diferente (risos) ... eles fala telta feira (risos)
24. E: você já reconheceu uma pessoa de sua terra simplesmente ouvindo-a falar?
25. H: já... já... o sotaque pela conversa demais pelo modo de falar " oxente minino"
26. isso aí eu já não falo né ... tem gente que fala
27. E: você acredita que as pessoas conseguem identificar de onde você é
28. simplesmente quando você começa falar?
29. H: eu acho que sim... por causa da conversa né? por exemplo eu ainda uso
30. algumas coisas de lá... meu filho nasceu aqui... mas ele sempre vai falar um
31. pouquinho nordestino... porque tá junto com nós
32. E: quando você compara o vocabulário de sua terra com as palavras daqui qual
33. a diferença?
34. H: é muito... por exemplo eu falava muito na Bahia zambeta... fulano é
35. zambeta... aqui nunca ouvi fala

36. E: o que é zambeta?
37. H: a pessoa que tem a perna torta (risos)
38. E: lembra de mais alguma?
39. H: deixo eu ver... lombada... aqui na Bahia é saliência... são coisa que a gente
40. tava acostumado fala lá e chega aqui ... não usa porque se falar é gozação na certa
41. E: você gostaria de falar igual as pessoas daqui de São Paulo?
42. H: não ... quero aprender a falar CERto... não falar igual aos paulistanos... eu
43. não sou daqui
44. E: você acha que a sua maneira de falar ... mudou depois que você veio pra
45. São Paulo?
46. H: um pouco né... mudou eu não falo igual a eles lá ... eu vejo pela minha
47. mãe pela minha irmã... não falo igual a eles ... eu não falo... que não eu falo jeí/
48. nordestino
49. E: em relação a escola... você se sente a vontade em se expressar na sala de
50. aula?
51. H: eu sinto... tem gente que tem vergonha de falar que é da Ba::hia
52. E: você percebe que sua fala desperta interesse de estudo nas aulas de língua
- portuguesa?
53. H: não... a primeira vez que eu lembro agora que você tá falando... essa
54. entrevista ... eu parei de estudar dez anos eu vim estudar agora não me
55. lembro
56. E: o professor de língua portuguesa já trabalhou com expressões típicas do
57. nordeste nas aulas?
58. H: não... nunca
59. E: você acha que seria interessante uma aula direcionada a esses falares
60. nordestinos?
61. H: eu acho interessante né pra gente ficar sabendo... dos falares de lá ... né?
62. tem muita gente que é daqui e não sabe né... acho interessante né?
63. E: você acha que a forma como os alunos se expressam ... é respeitada pelos
64. colegas e professores?
65. H: oh::: professor respeita.. tem uns coLEgas que as vezes não... né são
66. daqui... as vezes fica zoando ... na Época em 90...91 sei lá... nessa época em 90...
67. 91 sei lá... nessa época eles... zoava muito né... riram de mim um dia... falava
68. baiana né... tava zoando... mesmo às vezes/ às vezes sendo mesmo filho de
69. baiano (risos) mais eles zoava
70. E: há alguma palavra lá do nordeste que você fala lá na sua CAsa e usa aqui na
- escola?
71. H: não... não me lembro...
72. E: pense um pouquinho
73. H: ... ah... (risos) capenga eu digo falo... a capenga...
74. E: você já sofreu... preconceito pela sua fala?
75. H: na escola já como te falei... na época que te falei... agora não... porque a
76. maioria é tudo de lá (risos) então... lá eu morava na MOOca né... é diferente
77. E: na sua opinião por que os professores não utilizam esses falares nordestinos
78. em sala de aula?
79. H: eu acho que... porque eles tem que falar certo né... não falar igual a lá...

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: I
 Tempo de gravação: 22 min.
 Idade: 44 anos
 Estado de origem: Bahia
 Estado civil: casada
 Naturalidade do esposo: Bahia
 Naturalidade dos pais: Bahia
 Escolaridade: 2º ano
 Profissão: Auxiliar de enfermagem
 Tempo de estada em São Paulo: 26 anos

Entrevista

1. E: e por que você veio morar em São Paulo?
2. I: ah:::... tanta coisa... primeiro minha mãe faleceu ... e meu pai resolveu
3. caSAR... mudou muito minha vida... minha vinda pra cá porque minha mãe
4. faleceu... e ... vim com a minha irmã mais velha...
5. E: o que você pensava de São antes de vir pra cá?
6. I: a primeira impressão que tive de São Paulo né quando cheGUEI senti muito
7. medo né... medo porque minha cidade era MUI::to pequena né e de repente... me
8. vi numa imensidão... éh::: quando cheguei na rodoviÁria fiquei espantada né...
9. muito diferente assim né... mais depois... né...éh::: comecei a senti difeRENça né?
10. MEdo... porque você vem totalmente despreparada... a gente vem pra CÁ com
11. outra expectativa de VIda... de melhorar né? que pra mim era um sonho de vim pra
12. cá
13. E: co/como você acha que é recebido em São Paulo... o nordestino que vem à
14. procura de emprego de melhores condições de vida?
15. I: ah:::no começo eu acho difícil né éh::: tem um monte de preconceito né?
16. são/ éh::: o pessoal tira sarro.... chacota
17. E: por qual motivo você retornou aos estudos?
18. I: então... né porque assim... na minha profissão que to fazer/que estou
19. trabalhando tá exigindo né... pra terminar os estudos né?
20. E: o que você está achando da E.J.A?
21. I: então... éh::: é ah::: um curso rá:::pido né? falta muita coisa pra ser um curso
22. completo
23. E: como você considera o modo de falar das pessoas de sua terra?
24. I: ah::: eu acho correto... porque... a linguagem deles é deles né? eu não acho
25. errado não... é difeRENte né? tem umas palavras que eu acho engraçado né... eu
26. acho até bonita...
27. E: quais são essas palavras?
28. I: ah::: tipo terreiro né aqui é quintal... lá só fala terreiro... éh::: varanda a gente
29. lá na Bahia fala rol... no:::ssa é tudo muito diferente...lá na Bahia tem jerere... que
30. é tipo uma rede como se diz aqui em São Paulo pra pescar... tem::: assim giral tipo
31. assim::: quando você coloca a louça pra secar... tem::: auripé tipo::: vasilha de
32. barro (risos) cada coisa... (risos) são coisas que::: são diferente ah::: tem
33. também... coquinho...pra comer que é gente chama de rosário
34. E: já lhe aconteceu de você reconhecer as pessoas de sua terra apenas pela

35. fala?
36. I: ah::já já já...sim (risos) já porque::: tem algumas pessoas que ain::da
37. carrega muito soTAque né...
38. E: você acredita que estando aqui em São Paulo a mais... de vinte anos as
39. pessoas podem saber de onde você é simplesmente ouvindo você falar?
40. I: ah::: depende assim depende do TEMpo que a pessoa tá tem gente que
41. PERde o sotaque com o tempo ... outras não... eu acho que eu já perdi tem gente
42. que nem acha que eu sou baiana não...
43. E: você gostaria de falar Igual as pessoas daqui de São Paulo?
44. I: não... não não eu não acho assim... eu não acho legal imitar os outros não
45. E: você acredita que sua fala mudou depois que você chegou aqui?
46. acho que MUdou... mudou com o tempo... o meu jeito de falar... assim eu
47. per:::di o jei:::to de falar arras:::tado um pouquinho... mais falo ainda muitas palavra
48. de lá
49. E: você se sente à vontade em se expressar na sala de aula?
50. I: ah::: sim sim... eu me sinto... mais eu já ouvi assim brincadeiras assim ...
51. eh::: baiana burra... tem que ser baiana mesmo... tem uma mania de carac...
52. E: caracterizar
53. i: caracterizar as pessoas pelo sotaque... não tem nada ver
54. E: você percebe que a fala nordestina desperta interesse de estudo... nas aulas
55. de português?
56. i: ah::: nunca... mais acho que é importante sim... porque... porque assim... é
57. um jeito diferente... é importante
58. E: você acha que é resPEItada por professores e alunos?
59. i: ah::: eu acho que pelos professores talvez... pelos alunos... não sei não
60. (risos) tem alguns que até caçoa da gente...
61. E: você acabou de usar uma expressão... caçoa
62. i: é? (risos)... não disse? sem perceber a gente usa mesmo...
63. E: fora essa... tem alguma expressão que você usa na sua casa... mais evita
64. falar na aula?
65. i: ... eu falo sim... éh::: éh::: fala buliu... você buliu comigo... aqui é mexer ... lá
66. na Bahia até hoje eles fala buli...então aqui fala a gente fala tá tirando meu sarro
67. né? ... lá eles fala se tá mangando de mim ... assim... tipo assim tá agoniado... to
68. muito avexado...to todo calombado (risos) tá inchado, com enzema (risos)
69. E: você já sofreu preconceito pela sua forma de falar?
70. I: no começo só... quando eu cheguei aqui... caçoava muito porque eu
71. falava arrastado e ...usava muito oxente... hoje eu evito mais...
72. E: na sua opinião... porque os professores não utilizam essas expressões
73. nor/nordestinas nas suas aulas?
74. I: oh::: então... eu acho assim... alguns não conhece direito né? acho que
75. alguns ainda acha que ainda não é correto né... não procu::rou pesquisar... a
76. linguagem de cada regiÃO que é importante... tem muitos ainda que tem a mania
77. de achar que o paulista fala coRREto ... acho que é ... falta mais de interesse...
78. acho importante...

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: J
 Tempo de gravação: 11 min. e 31 seg.
 Idade: 34 anos
 Estado de origem: Sergipe
 Estado civil: casada
 Naturalidade dos pais: Sergipe
 Naturalidade do esposo: Paraíba
 Escolaridade: 1º ano
 Profissão: doméstica
 Tempo de estada em São Paulo: 11 anos

Entrevista

1. E: por que você veio morar em São Paulo?
2. J: eu vim morar em São Paulo... porque lá... não tem emprego... aí eu me
3. caSEi e meu marido não tinha emprego lá ... e em busca de uma vida melhor aqui
4. né?
5. E: o que você pensava de São Paulo antes de vim pra cá?
6. J: ah:::eu pensava bem... bem melhor do que hoje(risos) hoje eu penso que
7. não era aquela coisa que eu pensava...
8. E: logo que você aqui em São Pau::lo ... e teve contato com a cida::de... com
9. as pessoas? como você se sentiu?
10. J: ah:::... eu... senti / eu me senti muita vergonha (risos) pela conversa
11. principalmente né? aí... eu pensava sim... será que elas vai rir de mim? eu mim
12. trancava... eu não conversava com as pessoa por causa da::: minha fala né... eu
13. tinha muita vergonha
14. E: você acha que o nordestino é bem recebido?
15. J: eu acho que... mais ou menos né? tem pessoas que trata bem::: que é
16. bem recebi::do mais outras...
17. E: por qual motivo você retornou aos estudos?
18. J: por causa do emprego... todo lugar que eu ia eles perguntava se eu tinha
19. estudo
20. E: e por que o supletivo?
21. J: por causa da idade né? eu fiquei ... vinte anos sem vim pra escola
22. E: como você considera o modo de falar das pessoas lá da Paraíba?
23. J: éh::: eu acho que eles não fala certo não... só que é u:: é lá o sotaque o
24. modo deles lá né? que não é como aqui... aqui é difeRENte...
25. E: já ocorreu de você está aqui e reconhecer as pessoas da sua ciDAde
26. ouvindo-as falar?
27. J: com certeza... da fala né... do jeito... do sotaque ... assim
28. E: e você acredita QUE você estando aqui em São Paulo... as pessoas podem
29. identificar ... de onde você é simplesmente ouvindo você falar?
30. J: com certeza... só de olhar ... já percebe (risos)
31. E: tem alguma palavra que você ainda usa por isso as pessoas percebem?
32. J: ah::: uso
33. E: quais?
34. J: essa palavra assim... éh::: abestalhado... tipo assim... besta meio bobo...ih:::

35. arretado... irritado... acho que só
36. E: quando você comPARa as expressões de sua terra e as daqui você ...
37. percebe muita diferença?
38. J: éh:: (risos) com certeza muitas coisa...
39. E: por exemplo?
40. J: éh:: ...
41. E: você gostaria de falar igual as pessoas daqui de São Paulo?
42. J: ah:: eu gostaria
43. E: por que?
44. J: ah:: eu acho bonito... ah:::: ah:::: as pessoas daqui fala mais bonito ... cer::to
45. lá... eles fala ... errado... hoje mesmo tem palavras que Eles fala eu/nem eu mesmo
46. que sou da Paraíba;;
47. E: por exemplo?
48. J: éh:: desassuntado... assim... tipo assim pessoas sem assunto né...
49. E: eh:: você se sente a vonTAdem em se expressar nas aulas?
50. J: ah:: me sinto ... éh:: hoje/no começo eu senti... porque porque por
51. exemplo eu fui falar na sala assim... uma palavra que eu falei errada né... por
52. exemplo... eu falei na sala assim... uma palavra que eu falei errada né...
53. E: qual?
54. J: ah:: eu disse que a lição tava me deixando azuretado né... confusa... aí os
55. colega riu de mim...
56. E: você percebe que a fala nordestina desperta interesse de estudo nas aulas
57. de português?
58. J: não... não... até hoje não...
59. E: você acha que seria intereSSANTE uma aula direcionada sobre isso?
60. J: eu acho... porque ... assim porque eu acho que seria legal porque assim... as
61. pessoas poderia conhecer ... e deixar de dar risada...
62. E: há alguma palavra que você usa com freqüência lá na sua CASA e você evita
63. fala na sala de aula?
64. J: tem ... (risos) oxente... eu morro de vergonha (risos)
65. E: você já sofreu algum preconceito pela sua forma de falar?
66. J: as vezes tem pessoas que ri...
67. E: na sala de aula já aconteceu de você estranhar alguma EXpressão falada
68. pelos colegas?
69. J: tem muitas...
70. E: lembra de alguma?
71. J: (...)
72. E: na sua opinião... por que os professores não utilizam esses falares em suas
73. aulas?
74. J: eu acho que porque... pra eles não é interessante né?

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: L
 Tempo de gravação: 13 min. e 26 seg.
 Idade: 26 anos
 Estado de origem: Paraíba
 Estado civil: casado
 Naturalidade dos pais: Paraíba
 Naturalidade do esposo: Paraíba
 Escolaridade: 3º ano
 Profissão: eletricitista
 Tempo de estada em São Paulo: 5 anos

Entrevista

1. E: por que você veio morar em São Paulo?
2. L: por causa de uma oportunidade de vida melhor né? ... lá não se via né?
3. E: o que você pensa::va de São Paulo antes de vir pra cá?
4. L: encontrei um mundo né... totalmente diferente do nordeste... completamente
5. E: logo que você chegou aqui em São Paulo e teve contato com as pessoas
6. como você se sentiu?
7. L: eu me senti bem mal né... na verdade... sofri pra caramba... sozinho ... foi
8. difícil... eu consegui me adaptar né?... graças a Deus... hoje não consigo viver mais
9. no nordeste
10. E: você acha que as pessoas que vem do nordeste assim como você ... você
11. acha que é bem recebido?
12. L: assim... você tem que procurar se adaptar o mais rápido possível... senão é
13. recebido bem mal mesmo... sofri bastante
14. E: por qual motivo você retornou aos estudos? E para o supletivo?
15. L: então... porque eu achei que era tempo né? porque eu parei nove anos ... e
16. eu vi que o estudo aqui em São Paulo... é ... tem uma ... (desenvoltura) melhor né?
17. E: o que você está achando do E.J.A?
18. L: rápido... corrido... o que eu tava procurando...
19. E: como você considera o modo de falar das pessoas que vêm do nordeste?
20. L: meio estranho né?... eles falam ... tipo português errado né?
21. E: como assim?
22. L: estranho... bem diferente daqui
23. E: você já reconheceu as pessoas da sua terra simplesmente ouvindo-as falar?
24. L: ah::: com certeza... pela fala né? um dia desses tinha um casal né... eu tava
25. no ônibus...eu estava descendo no ponto errado o cara disse "oxente você já vai
26. descer?" não tem como não pegar né?
27. E: você acredita que as pessoas podem identificar de onde você é pela sua
28. fala?
29. M: também... por causa do palavreado né?
30. E: qual palavreado?
31. L: assim tipo::: manguzá... lá nós conhece ... aqui fala arroz doce né? ... a
32. mandioca aqui... é macaxeira lá... a abóbora aqui... é gerimum... eh::: muriçoca...
33. aqui é pernilongo... e pelo costume de onde nos veio a gente acaba falando mesmo
34. né?
35. E: e você gostaria de falar igual as pessoas daqui de São Paulo?

36. L: ah não...
37. E: por que?
38. L: acho que perde a identidade né?
39. E: você acredita que a sua fala mudou... depois que você chegou aqui em São
40. Paulo?
41. L: bastante... eu comecei a falr melhor né... eles fala muito arrastado... sei lá...
42. esquece letras
43. E: você se sente à vontade ao se expressar nas aulas?
44. L: ahn:: ahn:: porque na suplência sim a maioria da sala vamos dizer que mais
45. de setenta por cento é nordestino né? ... e os que tão na suplência éh:: os
46. considerado preguiçosos né?
47. E: você percebe que sua FAla desperta interesse de estudo nas aulas de língua
48. portuguesa?
49. L: como assim?
50. E: já lhe aconteceu éh:: o professor de português Usar os exemplos de falares
51. do nordeste nas aulas?
52. L: assim:: que ... eu me lembre não... se tivesse falado... eu tinha lembrado...
53. E: você acha que a maneira como os alunos se expressam em particular os
54. que viEram da região nordeste é respeitada pelos colegas e professores?
55. L: ... as vezes não é não ... sempre tem uma piadinha... uma gracinha... um
56. riso... principalmente pelos alunos
57. E: tem alguma palavra que você fala lá na sua casa ... mas evita falar em sala
58. de aula?
59. L: tem sim... mas não me lembro agora
60. E: você já sofreu algum preconceito pela sua forma de falar?
61. L: já aconteceu sim... de eu ter sotaque... e o pessoal me ignorarem
62. E: na sala de aula... já ocorreu de você estranhar alguma palavra né... que você
63. conhece por outro nome lá na Paraíba?
64. L: (risos) já ...
65. E: por que os professores não utilizam esses falares em suas aulas?
66. L: ah:: eu acho que pra eles não é importante né...mais pra nós seria
67. interessante... é legal vê a nossa língua sendo valorizada na escola né?
68. E: você acha que seria interessante... uma aula falando das diferenças ... até
69. pra eliminar as piadinhas?
- 70.L: éh:: principalmente pro pessoal de São Paulo que não... não conhece a
- 71.linguagem do nordestino... acharia legal

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: M Tempo de gravação: 11 min. e 23 seg. Idade: 37 anos Estado de origem: Ceará Estado civil: casada Naturalidade dos pais: Ceará Naturalidade do esposo: Ceará Escolaridade: 3º ano Profissão: auxiliar de serviços Tempo de estada em São Paulo: 8 anos

Entrevista

1. E: por que você veio morar em São Paulo?
2. M: sonho de ganhar muito dinheiro e comprar uma casa bem grandona (risos)
3. E: e quando você chegou aqui?
4. M: totalmente diferente né... eu imagi/ imaginava São Paulo uma coisa
5. fantástica nunca imagina tanta pobreza
6. E: logo que você chegou aqui... e teve contato com a cidade com as
7. pessoas... como você se sentiu?
8. M: solidão no meio da multidão
9. E: como é recebido o nordestino que vem à procura de melhores condições de
10. vida?
11. M: muitas vezes o pessoal tem preconceito
12. E: por qual motivo você retornou aos estudos? e por que você veio fazer
13. E.J.A?
14. M: por que o mercado de trabalho exige... eu vim porque minha idade é meio
15. avançada... eu tenho que procurar estudo à noite.
16. E: como você considera o modo de falar das pessoas de sua terra?
17. M: pra nós eu acho que tá bom né... os outros que acha que nós fala errado...
18. fala feio
19. E: já aconteceu de você estar aqui em São Paulo e reconhecer as pessoas de
20. sua cidade simplesmente ouvindo-as falar?
21. M: acho que não... acho que da Bahia o sotaque é mais forte
22. E: você acredita que as pessoas podem... reconhecer que você é do Ceará?
23. M: as pessoas que são muito observador sim
24. E: tem alguma palavra que você utilizava ... com frequência no Piauí e
25. estranhou aqui em São Paulo?
26. M: lá por exemplo...
27. E: você gostaria de falar igual as pessoas de São Paulo?
28. M: não... porque você acaba falando mais mais... feio mais errado que você
29. fala normalmente (risos)
30. E: você acredita que sua fala mudou... é::: depois que chegou em São Paulo?
31. M: acho que muita pouca coisa... quase nada
32. E: em relação a sala de aula... você se sente à vontade em se expressar na
33. aula?
34. M: (...) normal... normal se quiser mangar de mim manga... se achar que tá
35. feio...
36. E: você acabou de usar uma expressão do nordeste...

- [
- 38.M: éh::: (risos)
- 40.E: você percebe que... a sua fala desPERta interesse de estudo nas aulas de
- 41.português?
- 42.M: não nunca falaram não
- 43.E: você acha... que seria interessante uma aula direcionada a esse assunto?
- 44.M: acredito que sim... por:::que ... muitas vez a gente fala uma coisa e... os
- 45.colegas fica... dando risada... então se o professor expliCAsse melhor... faLAsse
- 46.alguma coisa... as pessoas entendia... aí todo mundo não fica zoando...
- 47.E: há alguma palavra que você fala com freqüência na sua CAsa com a sua
48. família... mas eVI:::ta fala em sala de aula?
- 49.M: (...)
- 50.E: você já sofreu preconceito pelo seu modo de falar?
- 51.M: já... já...
- 52.E: já ocorreu de você estranhar... alguma expressão falada... de uma/um colega
- 53.na sala de aula?
- 54.M: já... (risos)
- 55.E: para você... por que os professores não utilizam os exemplos de falares
- 56.regionais em suas aulas?
- 57.M: eu acredito que... não... isso não tá no currículo das aula... deveria ... ser
- 58.planejado... pra acrescentar na sala de aula né?

Ficha de apresentação do informante

Identificação do informante: N
 Tempo de gravação: 13 min. e 16 seg.
 Idade: 41 anos
 Estado de origem: Rio Grande do Norte
 Estado civil: casado
 Naturalidade dos pais: Rio Grande do Norte
 Naturalidade da esposa: Rio Grande do Norte
 Escolaridade: 2º ano
 Profissão: coletor
 Tempo de estada em São Paulo: 14 anos

Entrevista

1. E: por que você veio morar em São Paulo?
2. N: ah::: eu vim... pra vê/vê vive uma situação melhor... pra emprego
3. E: o que você pensava de São Paulo antes de vir pra cá?
4. N: éh::: eu pensava que era um::: um Estado mais legal pra ganhar dinheiro...
5. hoje não dá não tá mais difícil
6. E: como você se sentiu assim que chegou aqui?
7. N: eu senti mais dificuldade na hora de falar né... pra conversar com as
8. pessoas... tinha vergonha
9. E: você acha que o nordestino é bem recebido aqui em São Paulo?
10. N: não sei não... viu
11. E: por que você voltou a estudar? e escolheu o supletivo?
12. N: éh::: porque eu trabalho o dia inteiro... e não tem como estudar o horário
13. normal
14. E: como você vê a maneira de falar das pessoas do nordeste?
15. N: éh::: é complicado né...por que eles fala arrastado... estranho
16. E: quando você compara a língua de lá com as coisa s de São Paulo... você
17. percebe muita diferença?
18. N: ah sim... muita
19. E: por exemplo?
20. N: frango né... lá chama galetto... só galetto... tem outro nome... pé-de-moleque
21. (risos) é bolo aqui... ah::: frango grande é capão
22. E: eh::: você gostaria de falar igual as pessoas de São Paulo?
23. N: gostaria
24. E: por que?
25. N: ah::: éh::: porque eu acho boNlto o jeito de falar né
26. E: você acredita que depois que você chegou aqui em São Paulo a sua fala
27. mudou?
28. N: mudou um pouco né
29. E: você se sente à vontade em falar na sala de aula?
30. N: pouco... muito pouco
31. E: você acha que a fala nordestina é respeitada pelos professores e pelos
32. alunos?
33. N: pelos professor é né... mais pelos alunos... eles tira o sarro né
34. E: algum professor de português já trabalhou com as expressões nordestinas?
35. N: não... nunca
36. E: você acha que seria interessante uma aula direcionada a esse assunto?

37. N: seria... seria sim... seria interessante... aprende mais... aprende mais né... a
38. linguagem
39. E: e por que os professores não utilizam esses falares em suas aulas?
40. N: não sei... mais deveria

APÊNDICE B - LISTA DE PALAVRAS

No decorrer do trabalho foram levantados os vocábulos utilizados pelos informantes que serviram de referência para compor a amostra para análise. As palavras que compõem esta lista nomeiam alimentos, instrumentos, utensílios, comportamentos e atitudes que trazem seus respectivos sentidos, classe morfológica e localidade de uso de acordo com os falares específicos de cada Estado do Nordeste.

A segunda e a terceira colunas foram compostas de acordo com as informações obtidas nas entrevistas com os informantes. Para auxiliar a composição da quarta e quinta colunas, consultamos as seguintes obras: BORBA, F.S. (2002). *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática e MARROQUIM, M. (1996). *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 3.ed. Curitiba: HD livros.

Vocábulo	Localidade	Sinônimo	Classe morfológica	Palavras relacionadas
Abestalhado	Sergipe	abobado	adjetivo qualificador masculino	imbecil bobo
Adonde	Bahia	onde	advérbio de lugar	em que lugar
Aipim	Bahia	mandioca	substantivo masculino	macaxeira
Apa	Piauí	fruta do conde	substantivo feminino	_____
Arretado	Sergipe	excelente	adjetivo qualificador masculino	bom bacana
Auripé	Bahia	vasilha de barro	substantivo feminino de origem tupi	bacia
Avexado	Bahia	apressado	adjetivo qualificador masculino	agoniado
Azuretado	Sergipe	confuso	adjetivo qualificador masculino	desconcertado
Banhar	Piauí	tomar banho	verbo de ação	lavar-se

Bulir	Bahia	mexer com alguém	verbo de ação	paquerar
Caçoar	Bahia Paraíba	dar risada	verbo de ação	zombar escarnecer
Cafe	Piauí	remédio	substantivo masculino	medicamento
Calombado	Bahia	calombo	substantivo masculino	inchado
Campainha	Piauí	sinal	substantivo feminino	dispositivo elétrico
Caneco	Paraíba	copo	substantivo masculino	caneca
Canjica	Bahia	curau	substantivo feminino	doce de milho
Capão	Rio Grande do Norte	frango grande	substantivo masculino de origem tupi	ave grande
Capenga	Bahia	pessoa mole	adjetivo feminino	fraco
Chacota	Bahia	risos	substantivo feminino	zombaria
Chole	Maranhão	homossexual	adjetivo masculino	“bicha” “veado”
Desassuntado	Sergipe	sem assunto	adjetivo masculino	sem conversa
Flau	Alagoas	geladinho	substantivo masculino	Gelinho
Fuleragem	Alagoas	brincadeira sem graça	substantivo masculino	gozação
Galeto	Rio Grande do Norte Alagoas	frango	substantivo masculino	galo pequeno
Jerere	Bahia	rede para pesca	substantivo masculino	_____
Gomar	Piauí	passar roupa	verbo de ação	_____
Jacama	Maranhão	graviola	substantivo feminino	coração-de-boi coração-de-rainha

Vocábulo	Localidade	Sinônimo	Classe morfológica	Palavras relacionadas
Jirau	Bahia	escorredor de louça	substantivo masculino	_____
Jerimum	Paraíba Pernambuco	abóbora	substantivo masculino	moranga
Jole	Maranhão	homossexual	substantivo masculino	“veado”
Juçara	Maranhão	açaí	substantivo feminino	_____
Ligeiro	Pernambuco	rápido	adjetivo masculino	veloz
Macaxeira1	Pernambuco	mandioca	substantivo feminino	aipim
Macaxeira2	Alagoas	farinha	substantivo feminino	farinha de mandioca
Manguzá	Paraíba	arroz doce	substantivo masculino	canjica
Mangar	Alagoas Piauí Ceará	dar risada	verbo de ação	zombar çaçar
Muriçoca	Paraíba	mosquito	substantivo feminino	pernilongo
Merminha	Piauí	igual	Substantivo feminino	da mesma forma
Oxe	Alagoas Bahia	espanto	interjeição exclamativa	"oh, gente!"
Oxente	Alagoas Bahia Pernambuco	espanto	interjeição exclamativa	"oh, gente!"
Pachá	Maranhão	homossexual	substantivo masculino origem tupi	“veado”
Pé-de- moleque	Rio Grande do Norte	bolo	substantivo masculino composto	doce
Rol	Bahia	varanda	substantivo masculino	terraço
Rosário	Bahia	coquinho	substantivo masculino	côco pequeno
Saliência	Bahia	lombada	substantivo feminino	obstáculo
Sarro	Alagoas	dar risada	substantivo masculino	çaçar, mangar zombar

Vocábulo	Localidade	Sinônimo	Classe morfológica	Palavras relacionadas
<i>Terreiro</i>	Bahia	quintal	substantivo masculino	terraço
<i>Tropada</i>	Alagoas	tropeção	substantivo feminino	topada tropical
<i>Vixe</i>	Alagoas Bahia	espanto	interjeição exclamativa	nossa!!!
<i>Zambeta</i>	Bahia	pessoa de pernas tortas	adjetivo qualificador	perneta